



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO

HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES:
REFLEXÕES À LUZ DO ROMANCE *NAVIOS ILUMINADOS*,
DE RANULFO PRATA

Londrina
2024

LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO

HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES:
REFLEXÕES À LUZ DO ROMANCE *NAVIOS ILUMINADOS*,
DE RANULFO PRATA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon.

Londrina
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

L933h da Silva de Carvalho, Lucas Matheus .
HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES : REFLEXÕES À LUZ DO ROMANCE NAVIOS ILUMINADOS, DE RANULFO PRATA / Lucas Matheus da Silva de Carvalho. - Londrina, 2024.
151 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Masculinidade negra - Tese. 2. Romance proletário - Tese. 3. Interseccionalidade - Tese. 4. Navios Iluminados - Tese. I. Santos Simon, Luiz Carlos . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 82

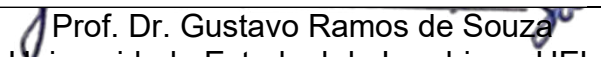
LUCAS MATHEUS DA SILVA DE CARVALHO

HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES:
REFLEXÕES À LUZ DO ROMANCE *NAVIOS ILUMINADOS*, DE
RANULFO PRATA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos
Simon
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Cláudia Cristina Ferreira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

 Prof. Dr. Gustavo Ramos de Souza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 29 de julho de 2024.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja graça e sustento têm sido fundamentais em minha jornada até aqui.

À minha ancestralidade, pelo passado, presente e futuro.

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos e avó pelo apoio e pela crença de que sou capaz de alcançar meus propósitos.

Ao meu orientador, pela cumplicidade, incentivo, paciência, amizade e por acreditar nesta pesquisa.

Ao Wagner, por ter sido suporte em muitos momentos desse percurso.

Agradeço especialmente à Claudia, que, em diversos momentos me fez ver que havia luz no fim do túnel. Por todo o apoio, oportunidades, ajuda, amizade, escuta e compreensão, serei eternamente grato.

À Silvana, Julia, Sonia e Cintia, pela amizade e incentivo.

Às professoras Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira (UFPR) e Dra. Cristina Valéria Bulhões Simon (UEL), pelas valiosas contribuições.

Aos professores que integraram a banca de qualificação: Profa Dra Claudia Cristina Ferreira e o Prof. Dr. Gustavo Ramos, pelas contribuições valiosas que permitiram que essa pesquisa fosse além.

Aos colegas do curso “E agora, José? pelo fim da violência contra a Mulher”, por proporcionarem debates e reflexões tão ricos.

Ao professor Henrique Restier, por proporcionar o excelente curso “Sobre Homens e Negros: Masculinidades, Estereótipos e Subversões” e expandir meus horizontes para pesquisas futuras.

Ao André, pela amizade, pelo apoio mútuo constante e por compartilhar comigo os desafios e angústias ao longo deste processo de pesquisa.

Ao Emicida, cujas letras eloquentes e inspiradoras foram uma fonte constante de encorajamento e persistência ao longo desta pesquisa.

À CAPES, por ter financiado parte desta pesquisa através da bolsa.

À UEL, minha eterna casa.

Por fim, expresso minha profunda gratidão a todos que estiveram ao meu lado, que me fortaleceram e compartilharam essa jornada comigo. Foi um caminho verdadeiramente colaborativo, enriquecido pelas experiências compartilhadas e pelo apoio mútuo.

*Quando homens negros sofrem, todos nós
sentimos dor.*

bell hooks

CARVALHO, Lucas Matheus da Silva. **Homens negros e masculinidades**: reflexões à luz do romance *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata. 2024. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

RESUMO

A proposta desta dissertação é analisar as representações das masculinidades negras no romance proletário *Navios Iluminados* (1937), de Ranulfo Prata. As análises estão fundamentadas em estudiosos e pesquisadores da área das masculinidades, como Connell (1995; 2005), Pinho (2004), Souza Rolf (2009; 2013; 2014), Simon (2016; 2022); Vigoya (2018), Collins e Bilge (2021), da área dos estudos culturais, como Bhabha (1998), Shohat e Stam (2006) e Hall (2016), bem como historiadores do romance da década de 1930, como Bueno (2015), além de diversos outros pesquisadores que influenciam consideravelmente os estudos abordados. Com essa seleção, foi possível verificar como se dão as dinâmicas de gênero engendradas no romance, por meio da ótica analítica interseccional, considerando os marcadores de diferenças gênero, raça e classe e como elas influenciam a identidade dos homens negros da narrativa. Embora o protagonista do romance, José Severino, e o personagem secundário, Felício, enfrentem desafios semelhantes como homens negros e operários economicamente explorados, as suas percepções e expressões de masculinidade diferem. A representação dos homens negros no romance corporiza essa diversidade: Felício usa sua masculinidade em busca de respeito e reconhecimento, almejando melhorar sua qualidade de vida e autonomia, ao mesmo tempo que resiste e interpela o racismo do poder patriarcal. Já Severino apresenta uma masculinidade submissa, focada no sacrifício e no cumprimento de seus deveres enquanto provedor, mesmo frente à pobreza. A representação dessas experiências destaca os estereótipos atrelados a homens negros, as pressões e as complexidades que eles enfrentam em uma sociedade racialmente desigual.

Palavras-chave: masculinidade negra; romance proletário; interseccionalidade; representação; *Navios Iluminados*.

CARVALHO, Lucas Matheus da Silva. **Black men and masculinities**: reflections on the novel *Navios Iluminados*, by Ranulfo Prata. 2024. 146 p. Dissertation (Master's degree in Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to analyze the representations of black masculinities in Ranulfo Prata's proletarian novel *Navios Iluminados* (1937). The analysis is based on scholars and researchers in the field of masculinities, such as Connell (1995; 2005), Pinho (2004), Souza Rolf (2009; 2013; 2014), Simon (2016; 2022), Vigoya (2018), and Collins and Bilge (2021); in the field of cultural studies, such as Bhabha (1998), Shohat and Stam (2006), and Hall (2016); as well as historians of the novel from the 1930s, such as Bueno (2015), in addition to several other researchers who have considerably influenced the studies covered. With this selection, it was possible to verify how the gender dynamics engendered in the novel take place through the intersectional analytical perspective, considering the markers of gender, race, and class differences and how they influence the identity of the black men in the narrative. Although the novel's protagonist, José Severino, and the secondary character, Felício, face similar challenges as black men and economically exploited workers, their perceptions and expressions of masculinity differ. The representation of black men in the novel embodies this diversity: Felício uses his masculinity in pursuit of respect and recognition, aiming to improve his quality of life and autonomy while resisting and challenging the racism of patriarchal power. Severino, on the other hand, presents a submissive masculinity, focused on sacrifice and fulfilling his duties as a provider, even in the face of poverty. These experiences highlight the pressures and complexities that black men face in a racially unequal society.

Key-words: black masculinity; proletarian romance; intersectionality; representation; *Navios Iluminados*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior
REF	Revista de Estudos Feministas
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: O CORPO PRETO DA PESQUISA	11
1	PRECISANDO DETALHES: MASCULINIDADES E O HOMEM NEGRO	25
1.1	MASCULINIDADES E SEUS ESTUDOS.....	25
1.2	INTERSECCIONALIDADE: UM MAPA TEÓRICO PARA COMPREENDER IDENTIDADES COMPLEXAS.....	39
1.3	HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES: ALGUMAS REFLEXÕES.....	44
2	(IN)VISIBILIDADE DE HOMENS NEGROS: REPRESENTAÇÕES E ESTEREÓTIPOS EM ROMANCES MENOS CANÔNICOS DA DÉCADA DE 1930	55
2.1	HOMENS NEGROS, MASCULINIDADES E SUAS REPRESENTAÇÕES: A RELAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS LITERÁRIOS E OUTROS ESTUDOS	55
2.2	HOMENS NEGROS E SUAS REPRESENTAÇÕES EM ROMANCES MENOS CANÔNICOS DA DÉCADA DE 1930	71
2.3	RANULFO PRATA: UM AUTOR À MARGEM DA LITERATURA CANÔNICA.....	81
3	(DES)CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NEGRA EM NAVIOS ILUMINADOS, DE RANULFO PRATA	91
3.1	“VER A LUZ NO FIM DO TÚNEL”, SERÁ?: NAVIOS ILUMINADOS.....	91
3.2	NUANCES MASCULINAS: ESTRATÉGIAS DO HOMEM NEGRO FRENTE À SUBALTERNIZAÇÃO.....	98
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
	REFERÊNCIAS	133
	ANEXOS	139
	ANEXO A – Livros que trazem contribuições para os estudos das masculinidades em contexto brasileiro (2018-2019)	140
	ANEXO B – Levantamento de romances brasileiros publicados na década de 1930 mais citados nas histórias literárias	146

ANEXO C – Romances brasileiros menos canônicos publicados na década de 1930	146
ANEXO D – Representações de estereótipos associados ao homem negro no imaginário cultural brasileiro.....	148

INTRODUÇÃO: O CORPO PRETO DA PESQUISA

Um povo sem o conhecimento da sua história,
origem e cultura é como uma árvore sem raízes.

Marcus Garvey

Minha história familiar reflete um paralelo notável entre as gerações no tocante às suas trajetórias profissionais. Minha mãe exerce a profissão de empregada doméstica, assim como minha avó materna dedicou toda sua vida ao mesmo ofício até se aposentar. Por outro lado, meu pai é ensacador¹, uma ocupação compartilhada por meus avôs, tanto do lado materno quanto paterno da família. Em perspectiva, essa continuidade ocupacional, em que as profissões de ensacador e empregada doméstica se prolongam ao longo das nossas gerações, me fez perceber que há uma relação direta a uma série de fatores históricos, sociais, econômicos e culturais que permeiam a vida da população negra² no contexto brasileiro.

O Brasil foi um dos diversos destinos globais que recebeu as inúmeras pessoas negras, trazidas à força de seus territórios no continente africano para serem escravizadas. Em consulta ao *Transatlantic Slave Trade Database*³, verifiquei que de 1501 até o ano de 1866, nosso país se destaca, negativamente, como a nação que mais recebeu africanos escravizados no mundo, além de ter sido o último país do continente americano a abolir a escravidão. Desse modo, um dos reflexos palpáveis desse intenso tráfico de pessoas negras é o atual status que o Brasil ostenta, erguendo-se como o país com a maior diáspora negra fora do continente africano e a segunda maior população negra do mundo, sendo ela somente superada pela Nigéria (Pereira Maria, 2018).

Nesse cenário, aliado à reflexão sugerida pela epígrafe que inicia as primeiras palavras aqui delineadas, considero que assim como uma árvore precisa de raízes profundamente fixadas no solo para sua estabilidade, frutificação e florescimento, nós,

¹ Profissão conhecida coloquialmente como *saqueiro*. Trata-se de um trabalhador envolvido na manipulação e transporte de sacos de produtos (grãos, farinha, cimento, entre outros), frequentemente em ambientes como armazéns e depósitos. Abrange atividades como carga de caminhões para armazéns e empilhamento em paletes.

² Em consonância com Estatuto da Igualdade Racial, consideramos como população negra, o conjunto de pessoas pretas e pardas. Para ler o estatuto, acesse: https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/igualdade-etnico-racial/publicacoes/estatuto_igualdade_digital.pdf.

³ Tradução nossa: Base de dados sobre o comércio transatlântico de pessoas escravizadas. Mais informações em: <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>. Acesso em: 15 dez. 2022.

como população brasileira, precisamos reconhecer nossas raízes, história e cultura a fim de cultivarmos um olhar crítico frente às conquistas e os desafios que enfrentamos como povo. Por isso, é primordial recordar que a abolição da escravidão abandonou milhões de pretos à própria sorte.

Conjuntamente, o Estado brasileiro historicamente impôs restrições a essa população por meio de políticas de branqueamento, que visaram à migração europeia, à demonização das culturas africana e indígena, e ao apagamento da memória da escravidão e das contribuições não brancas para o desenvolvimento nacional⁴. Em outras palavras, o legado de discriminação moldou as dinâmicas sociais de modo dispar e exacerbado, limitando à população negra o acesso à educação, a

⁴ Entre as diversas ações legislativas do Estado brasileiro, algumas se destacam de maneira mais marcante: a) Carta de Lei de 25 de março de 1824 determinou ensino gratuito para todos os cidadãos brasileiros, exceto pessoas negras, não reconhecidas como cidadãos na época. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 29 fev. 2024.

b) Lei n.º 1, de 14 de janeiro de 1837, proibiu a presença de indivíduos em situação de escravidão nas instituições de ensino públicas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l0601-1850.htm. Acesso em: 02 mar. 2024.

c) Lei n.º 601, de 18 de setembro de 1850, comumente conhecida como Lei de Terras, foi elaborada pelo governo com o objetivo de subsidiar colonos estrangeiros por meio de assistência financeira. Ela é mais uma das artimanhas pró-imigração que foi responsável por impedir os negros à propriedade de terras, especialmente para aqueles que emergiram da condição de escravidão. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim601.htm. Acesso em: 30 de fev. 2024.

d) Lei n.º 2.040 de 28 de setembro de 1871, conhecida como Lei do Ventre Livre visava garantir que os filhos de mulheres escravizadas nascidos após sua promulgação fossem considerados livres, mesmo que seus pais permanecessem escravizados. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em: 30 de fev. 2024.

e) Decreto nº 847, emitido em 11 de outubro de 1890, estabeleceu a detenção de indivíduos sem ocupação remunerada ou residência fixa, assim como daqueles envolvidos em jogos ou que portassem itens associados à capoeira, símbolo de cultura e resistência da população negra no Brasil. Esta medida ignorava completamente a situação socioeconômica precária de muitas pessoas negras na época, dois anos após a abolição da escravidão, que frequentemente não possuíam moradia fixa ou emprego formal. Leia na íntegra em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 02 mar. 2024.

f) Decreto n.º 528, de 28 de junho de 1890, teve como objetivo regularizar o serviço de introdução de imigrantes, permitindo a entrada livre de destes no Brasil para trabalhar no país, com exceção daqueles provenientes da África, Ásia e indígenas. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/388093/publicacao/15636460>. Acesso em 03 mar. 2024.

g) Lei n.º 5.465, de 3 de julho de 1968, instituiu diretrizes que favoreciam a reserva de vagas para agricultores e seus descendentes em instituições de ensino técnico e universidades federais. Trata-se da primeira lei de cotas brasileira, porém para brancos, conhecida como Lei do boi e impactou negativamente o acesso à educação da população negra. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5465-3-julho-1968-358564-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 mar. 2024.

oportunidades emprego e condições dignas de moradia e saúde.

Em decorrência do percurso histórico do país e dos elementos elencados a respeito da trajetória do negro nesse território, percebo que eles estabelecem uma conexão íntima com os desafios sociais enfrentadas por meus familiares. Com a pouca educação formal e a baixa renda que caracterizam a vida dos meus avós e pais, a transmissão, aos seus filhos, do apreço pela literatura não ocorreu.

Convém, pois, sublinhar as ideias de Antonio Candido (2002) sobre a interação entre literatura e formação do ser humano, em que a literatura desempenha funções importantes na instrução do indivíduo, pois serve como um meio de expressão do homem. Logo, o crítico reafirma que a “literatura como força humanizadora, não como sistema de obras [...] é algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (Candido, 2002, p. 80).

Diante desse ponto de vista, quanto aos meus familiares, acredito que houve uma perpetuação das desigualdades sociais, haja vista que a falta de acesso à literatura, as condições econômicas e a baixa escolaridade foram algumas das barreiras que os privou do cultivo ao hábito da leitura literária. E, por conseguinte, não transmitiram esse hábito aos seus filhos dada a ignorância em relação ao poder singular que a literatura tem de expandir nossa “capacidade de ver e sentir”, e de enriquecer nossa compreensão do mundo (Candido, 2002. p. 80), condenando-os à pobreza e à exclusão social.

Em um esforço para romper com tais perpetuações, o Estado, por meio de políticas educacionais a partir de 2003⁵, ano em que eu inicio meu ciclo escolar e que marca a chegada de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência da República, implementa diversas ações e programas educacionais que causam uma revolução democrática em favor da educação pública, quais sejam: a) a implementação de políticas nacionais de valorização e formação de professores; b) ampliação do atendimento escolar; c) apoio à construção de sistemas estaduais de avaliação da educação básica; d) programas de apoio ao letramento; entre outras⁶. É graças a essas iniciativas que meu

⁵ Em junho de 2003, o Ministério da Educação, liderado por Cristovam Buarque, lançou o pacto nacional *Toda Criança Aprendendo*, visando integrar diversas iniciativas educacionais para promover um impacto significativo na educação brasileira, assegurando acesso igualitário à educação escolar de qualidade e facilitando a conclusão do ensino médio por todas as crianças no Brasil, sem distinção de raça, gênero ou classe social (Brasil, 2003).

⁶ Durante os mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006 e 2007-2010), foram planejadas e implementadas muitas outras ações significativas que foram analisadas e detalhadas por Marcelo Soares Pereira da Silva (2012) no artigo intitulado “Educação básica: as políticas educacionais no

percurso de vida passa por uma transformação significativa.

Meu primeiro contato efetivo com a literatura ocorre com minha entrada na escola e causa uma ruptura crucial de um ciclo persistente de falta de acesso à leitura e a desvalorização sistemática dela. Ao rememorar meu percurso acadêmico, tomo consciência de como desenvolvi um interesse pela literatura.

Minha professora de Arte, Tércia Marcolini, reiteradamente profetizava minha aptidão para o magistério devido à minha caligrafia bonita e eloquência verbal. Foi, talvez, a percepção dessa eloquência que, em 2012, levou a pedagoga Maria Aparecida Gatti Peres Bondarik a me persuadir a integrar o elenco da peça teatral "O Menino Maluquinho". Professora em uma instituição de formação docente pela manhã e pedagoga, no colégio em que eu estudava, à tarde, Bondarik supervisionava os preparativos da peça, destinada à apresentação pelas alunas do magistério no IIº Festival Escolar de Teatro, organizado em parceria com o SESC.

Desde o instante em que aceitei o desafio, minha trajetória tomou um novo rumo. Tornei-me ávido pela leitura de peças teatrais, engajando-me em oficinas de artes cênicas promovidas pelo SESC e colaborando em diversas produções sob a orientação da mencionada pedagoga. O processo de memorização de diálogos, improvisação e interação com o público infanto-juvenil tornou-se uma fonte de inegável deleite. Por meio dessas colaborações, a pedagoga impulsionou-me a cursar o ensino médio no Colégio Estadual Cristo Rei, uma decisão que, no horizonte, pavimentaria o caminho para minha futura habilitação na docência.

Durante minha trajetória neste colégio de formação docente, experimentei inúmeros momentos que ampliaram significativamente meu repertório literário. Especificamente no ano de 2015, na disciplina de Literatura Infantil, ministrada pela professora Darusia Schiavinato, fui introduzido aos grandes nomes da literatura infantil brasileira, como Ziraldo, Monteiro Lobato, Ana Maria Machado e tantos outros que capturam com maestria a imaginação das crianças com seus diversos personagens e universos. Essa correlação significativa entre literatura e ensino, além de desenvolver minha competência leitora e interpretativa, enriqueceu meu repertório literário e me proporcionou estratégias variadas e lúdicas para explorar a literatura na sala de aula.

Complementarmente, na disciplina de Língua Portuguesa, minha favorita entre todas, tive a honra de ser selecionado pela professora Izabel Cristina Marson para integrar o grupo Cecília Meireles, um grupo de declamadores de destaque que participava da Cerimônia de Premiação do Festival Poético do SESC. Essa oportunidade foi verdadeiramente enriquecedora porque me permitiu descobrir os universos de rimas e versos, aprofundando minha compreensão tanto das questões objetivas quanto das subjetivas relacionadas aos conteúdos clássicos da literatura, de modo a dilatar meu horizonte cultural e estético.

À medida que o ensino médio se aproximava do fim, meus professores e eu começávamos a nos preocupar mais diretamente com a preparação para o vestibular. Nesse sentido, nas aulas de Língua Portuguesa, a abordagem à literatura passou a focar exclusivamente a avaliação, devido à intrínseca ligação com os textos literários exigidos nos processos de ingresso das universidades públicas da região. Costumeiramente, éramos incumbidos de ler o romance previamente e debatê-lo em sala de aula, porém, a complexidade da linguagem literária era um desafio constante para mim, especialmente diante dos prazos rigorosos impostos. Minha rotina era muito intensa: estudava de manhã, fazia estágio à tarde e trabalhava à noite, o que dificultava minha capacidade de mergulhar profundamente nelas e de concluí-las dentro do prazo.

Em meio aos obstáculos, minha experiência como estudante de magistério despertou meu desejo de seguir a carreira docente, em particular devido à minha paixão pela disciplina de Língua Portuguesa. Consequentemente, tendo concluído o ensino médio, resolvi enfrentar os desafios inerentes à linguagem literária, que se apresentavam como enigmas a serem decifrados, e ingressei no curso de graduação em Letras Português da UEL.

Logo em meu primeiro ano no curso, conheci a Profa. Dra. Claudia Cristina Ferreira, cuja orientação foi fundamental para minha compreensão da interrelação entre literatura, história e cultura. Sob seu convite, tornei-me colaborador do projeto de pesquisa “Tertúlias literárias à luz da multimodalidade”⁷, o qual ela coordenava. Esse projeto foi marcante para minha formação enquanto leitor, por fortalecer meu

⁷ Realizado na UEL entre 2017 e 2021, o projeto foi estruturado com base nos pilares de pesquisa, ensino e extensão, visando utilizar textos literários como ferramenta complementar no processo de ensino e aprendizagem da língua espanhola. Mais informações em: <https://sites.google.com/view/projetotertuliasliterarias>. Acesso em: 26 jun. 2022.

prazer pela literatura por meio da exploração de textos literários como ferramenta complementar no processo de ensino e aprendizagem da língua materna, e da realização de pesquisas que estabeleçam um diálogo entre narrativas visuais⁸ e multimodalidade.

Percebo que, a partir dessa experiência, comecei a conjecturar mais sobre os textos literários com que tive contato, a desvendar as entrelinhas e até mesmo reconstruir as pistas textuais deixadas pelos seus autores, com a intenção de perceber e captar um possível diálogo entre a literatura e a minha realidade.

Por meio de estudos inseridos no projeto, desenvolvi pesquisas sobre a representação da história e cultura afro-brasileira por meio de narrativas visuais, culminando na elaboração e na implementação de propostas pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental em Arapongas, onde lecionava na época.

Esse movimento me fez reconsiderar minha abordagem em sala de aula em relação ao texto literário, transcendendo seu papel meramente estético para enfatizar a literatura como um espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a nossa realidade. Ou seja, comecei a priorizar a formação cultural via textos literários, orientando meus alunos a lerem o mundo ao seu redor, refletindo sobre seu cotidiano e práticas sociais por meio da literatura.

Ademais, durante a graduação, em 2019, também integrei o projeto de pesquisa “Reconstituições dos homens: as masculinidades entre o debate teórico e a literatura”⁹, sob a coordenação do Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon, que abordou diversos aspectos das masculinidades expressas em romances brasileiros. Nele, minha apreciação pela literatura amadureceu, especialmente por meio da imersão em romances brasileiros do século XIX e XX, de modo que minha capacidade de análise textual foi aguçada, focando particularmente nas representações das masculinidades dentro das obras.

Dos estudos realizados nesse projeto, tomo conhecimento das pesquisas de Simon a respeito de romances da literatura brasileira mais afastados do cânone

⁸ [...] são histórias contadas por imagens que só ocorrerão plenamente ao virar das páginas, e não de maneira isolada. A sua forma narrativa pode variar: ser linear e, claro, dar saltos e deixar lacunas para o leitor pensar. Contudo haverá sempre um fio condutor que levará à próxima página e se manifestará com um começo, um meio e um fim, e o fim caracteriza o término do livro, não da história (Rodrigues, 2012, p. 72).

⁹ Conduzido na UEL, de 2018 a 2022, teve como principal enfoque as representações das masculinidades presentes nos romances menos canônicos publicados no Brasil entre os séculos XIX e XX.

literário, os quais denomino nessa pesquisa como romances menos canônicos. Nesse sentido, quando menciono “romances menos canônicos” estou me referindo a obras literárias que, por diversos motivos, não são amplamente reconhecidas, estudadas ou incluídas no “cânone” literário estabelecido. Em consonância com Souza, entendemos por cânone literário:

o conjunto das chamadas obras-primas, os textos clássicos da tradição literária ocidental, tidos por esteticamente superiores e assim credenciados à admiração universal. Por meio da historiografia literária, campo essencialmente dedicado ao estudo da produção literária específica de cada nação, constituíram-se também os cânones nacionais, isto é, conjunto de obras consagradas no âmbito de certa cultura linguístico-literária nacional particular (Souza, 2018, 149).

Nesse sentido, “para que uma obra seja considerada *Grande Literatura* ela precisa ser declarada *literária* pelas chamadas “instâncias de legitimação” (Abreu, 2006). De acordo com Márcia Abreu, essas instâncias, que incluem, universidades, suplementos culturais, revistas especializadas e outros veículos de prestígio, são responsáveis por determinar quais obras adentram o seletivo grupo da Literatura canônica. Portanto, o que torna um texto literário não são apenas suas características internas, mas o reconhecimento que ele recebe de tais instâncias (Abreu, 2006, p. 40).

Estudar masculinidades negras em romances menos canônicos, então, representa uma forma de desafiar e expandir essas tradições estabelecidas. Em sua essência, tal exercício abre espaço para uma perspectiva mais diversa da literatura e da cultura, onde autores (e suas criações) abrem espaço para realidades diferentes das hegemônicas e finalmente recebem o devido respeito por sua singularidade.

A partir disso, surge o projeto de pesquisa para o curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras, da UEL, que toma como ponto de partida estudos publicados por Simon, como, por exemplo, o ensaio “Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil” (2016).

Nesse estudo, Simon (2016), enumera diversos desdobramentos temáticos que podem ser preponderantes para que a questão das masculinidades seja o eixo crucial de investigação do pesquisador em literatura. Entre os diversos desdobramentos, interesse-me especialmente pela representação das “masculinidades hegemônicas e subalternas” (Simon, 2016, p. 12). Ao refletir sobre

isso, considero que: a) os romances, que li durante meu percurso na graduação e no projeto de pesquisa coordenado por Simon, abordam as questões de masculinidades hegemônicas e subalternas de formas distintas, de modo que os autores retrataram e problematizaram tais conceitos dentro de contextos sociais, históricos e culturais variados; b) a tessitura sócio-histórica brasileira e seu panorama cultural marginalizaram a população negra de diversas formas, e a literatura como um artefato cultural (Eagleton, 2005) não se isentou desse papel.

A constatação da imagem do negro como estereotipada¹⁰ em diversos momentos nas narrativas literárias decorre do domínio avultado de homens brancos pertencentes à classe média coordenando a produção literária canônica brasileira (Proença Filho, 2004; Santos, 2019). Além dessa dinâmica refletir as assimetrias de poder e representatividade presentes na sociedade brasileira, ela realça que esses escritores modelaram a representação do negro e a sua imagem de acordo com as concepções e normas sociais de seu tempo.

Uma parcela substancial de romances brasileiros publicados na década de 1930 são conhecidos como romance proletário, por figurarem os problemas sociais do país daquele período. Segundo Luís Bueno (2015, p. 15), “O romance social ou proletário foi quantitativamente dominante na década, mas seu prestígio teve a tendência de diminuir a partir de um momento de auge em 1933”. Nesse sentido, o romance social brasileiro desse período ficou marcado por incorporar de forma mais intensa a abordagem temática e a representação direta dos grupos sociais marginalizados.

Pode-se dizer que os escritores brasileiros passaram a lidar com uma ampla possibilidade temática, bem como com a “constituição de um novo tipo de protagonista brasileiro” em que o pobre, o homossexual, as crianças, os adolescentes, o desequilibrado mental e a mulher passaram a ser representados e lidos como o “outro” - em relação às elites (Bueno, 2015, p. 23). Portanto, “outro” diz respeito aos indivíduos considerados subalternos pela sociedade por não se enquadrarem no modelo hegemônico da existência humana.

Por outro prisma, Michael Kimmel, ao discutir sobre a produção simultânea das masculinidades hegemônicas e subalternas, reflete sobre como homens tentam afirmar a sua aquisição bem-sucedida de masculinidade ao desvalorizar outras

¹⁰ Segundo Hall (2016, p. 173), estereotipado significa: “reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadoras”.

expressões de masculinidade, estabelecendo o modelo hegemônico, isto é, o modelo de masculinidade tido como padrão social dominante do topo das relações entre os sujeitos, que exerce coerção sobre outras formas de masculinidades da sociedade, em contraste com formas consideradas subalternas, criando assim o “outro” (Kimmel, 1998, p. 115). Nesse sentido, a criação do “Outro”, ou seja, da masculinidade hegemônica, não ocorre de forma isolada ou autônoma, mas sim em um processo relacional que envolve a produção simultânea do “outro”, a masculinidade subalterna.

A distinção entre o “Outro” e o “outro”, portanto, aponta não apenas a complexidade das relações de poder que estruturam as identidades de gênero, mas também a natureza relacional e contingente das masculinidades: continuamente negociadas e redefinidas em contextos sociais específicos. A masculinidade hegemônica, ao se constituir contra o outro, reafirma a normatividade e a dominação; a masculinidade subordinada é consignada a uma posição inferior/invisível que serve para consolidar a desigualdade de gênero, bem como a marginalização de certas identidades masculinas.

Dessa forma, é pertinente trazer à tona algumas ideias: a) o homem negro é percebido socialmente como o “outro” - subalterno, seja pertencente à classe proletária ou não, logo, figura um paradigma de existência humana não hegemônica; b) a figuração de homens negros nos romances da década de 1930 está intrinsecamente relacionada ao fenômeno de incorporação dos pobres pela ficção brasileira, a partir do romance proletário de 30, uma vez que, sob um prisma social, a população negra enfrenta níveis desproporcionais de renda e pobreza extrema há muito tempo¹¹.

A partir disso, o centro de interesse deste trabalho está nas conexões entre a literatura brasileira e os estudos das masculinidades (Simon, 2016), especialmente focando nas masculinidades negras. Escolhi me concentrar em romances menos canônicos, pois frequentemente oferecem perspectivas alternativas e críticas em relação às representações predominantes na literatura, apresentando o potencial de desafiar estereótipos e fornecer percepções sobre experiências marginalizadas, incluindo as das masculinidades negras.

¹¹ Para ler mais sobre a taxa de pobreza no Brasil, ver: CARNEIRO, Lucianne; ROSAS, Rafael. Taxa de pobreza entre pretos e pardos é quase o dobro da entre brancos, diz IBGE. **Valor**, 2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/11/11/taxa-de-pobreza-entre-pretos-e-pardos-quase-o-dobro-da-entre-brancos-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2024.

Ao reconhecer a voz de autores e narrativas muitas vezes negligenciadas pela academia e pela crítica literária, podemos explorar uma outra lente dos contextos históricos e sociais que enriquecem nossa compreensão das intersecções entre masculinidades negras e movimentos sociais, políticos e culturais no Brasil. Além disso, ao examinarmos as masculinidades negras em romances menos canônicos, logo, menos estudados, contribuímos para o aprimoramento da crítica literária, oferecendo uma focalização diferente da questão, em que se consideram enfoques em categorias analíticas, tais como raça, classe e gênero.

Ao mesmo tempo, houve um interesse pela preferência de um recorte temporal da década de 1930 do século XX, por se tratar de um período distante da vigência do sistema escravagista no Brasil, em que as representações literárias do “outro”, aqui considerando apenas o homem negro, ganhavam outras nuances, favorecendo seu processo de construção. Em outras palavras, esses romances não retratam mais os negros da mesma maneira que era comum durante a era abolicionista, quando eram representados predominantemente como pessoas escravizadas. Como resultado, o escopo literário recai sobre o romance *Navios Iluminados*, publicado em 1937 por Ranulfo Prata (1896-1942), que retrata a história de José Severino, um imigrante nordestino em busca de trabalho em Santos-SP.

A narrativa de Prata, caracterizada pelo pauperismo e os desafios que isso traz consigo na vida dos personagens, destaca-se por seu apelo social e pela presença de figuras como a do protagonista negro, José Severino. Da mesma maneira, a de Felício, um homem preto que trabalha nas Docas de Santos. Embora atue em um papel secundário, Felício influencia significativamente o desenvolvimento da trama, eis o motivo da escolha do romance. À vista disso, direcionei meu olhar nesta pesquisa a Severino e o Felício porque ambos são homens negros.

Frequentemente, textos literários confrontam ideias preestabelecidas sobre masculinidade, apresentando uma diversidade de interpretações sobre o que é ser masculino. Quando direcionada à experiência dos homens negros, essa variedade interpretativa se aprofunda, estabelecendo diálogos com temáticas raciais, culturais, históricas e de opressão. Assim, entendemos que a investigação das masculinidades atrelada à literatura, principalmente quando focada na vivência dos homens negros, abre caminho para uma profunda análise e reflexão que desafia os estereótipos convencionais, fazendo-se necessário um prisma metodológico interseccional para ser mais bem compreendida.

Contudo, ao analisar obras literárias que abordam a masculinidade negra, percebe-se uma tendência de retratar esses homens em um espectro que oscila entre vulnerabilidade e resistência, evidenciando tanto o peso de um passado colonial quanto as esperanças de um presente mais justo. Tais representações, apesar de enriquecedoras, também trazem à tona uma crítica pertinente: até que ponto a literatura está perpetuando ou refutando noções reducionistas associadas à masculinidade negra?

Ao mesmo tempo, é crucial compreender que a literatura é apenas um dos instrumentos para entender a masculinidade negra. Abordagens de outras áreas do saber, bem como abordagens interdisciplinares, que integram disciplinas como sociologia, antropologia e estudos culturais, oferecem percepções valiosas sobre como a masculinidade é experimentada, interpretada e construída por homens negros. É essencial reconhecer a complexidade dessas abordagens para garantir uma compreensão mais profunda e crítica, resistindo a visões simplistas.

O diálogo entre estudos literários e outras disciplinas acadêmicas proporciona uma análise crítica, ampla e diversificada da masculinidade negra. Por isso, a literatura, pode ser um convite à reflexão crítica das nuances complexas da identidade masculina negra em diferentes contextos socioculturais, mesmo quando representada por um autor branco.

Historicamente, a predominância de autores brancos resultou em uma representação limitada e inadequada dos negros na literatura, como evidenciado em romances como *A escrava Isaura* (1872), de Bernardo Guimarães, *O bom crioulo* (1885), de Adolfo Caminha, *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro e *O Cortiço* (1900), de Aluísio Azevedo, entre outros. Por isso, examinar como os autores abordam as masculinidades negras nas obras pode revelar percepções e preconceitos presentes na sociedade da época, impulsionando uma representação mais inclusiva e autêntica.

Além disso, a decisão de Ranulfo Prata de incluir personagens negros em seu romance pode indicar uma conscientização das questões raciais e um esforço para representar a diversidade da sociedade. Portanto, é pertinente analisar como esses personagens são construídos para obter informações sobre a complexidade das relações raciais na época e as tentativas de desafiar ou reforçar estereótipos existentes.

Acreditamos que a análise das masculinidades negras por meio da literatura brasileira pode oferecer uma visão mais abrangente das dinâmicas de poder,

identidade e representação. Além do mais, ao revisitar um romance menos canônico, como *Navios Iluminados*, podemos examinar como os personagens negros são representados, desvelando as complexidades das representações literárias e contribuindo para uma reflexão crítica sobre como as narrativas influenciam nossa compreensão da sociedade e das relações raciais. Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações das masculinidades negras no romance proletário *Navios Iluminados* (1937), de Ranulfo Prata.

Com o intuito de atender os objetivos desta investigação, foram desenvolvidos três capítulos, os quais passo a introduzir.

No primeiro capítulo, recorro a uma revisão bibliográfica para analisar as teorias dos estudos das masculinidades e identificar a interseccionalidade como ferramenta analítica eficaz para o exame das representações de homens negros, explorando como as categorias de raça, gênero, classe se entrelaçam e influenciam suas representações.

O primeiro subcapítulo, intitulado “Masculinidades e seus estudos”, compreende a crise e a redefinição do conceito de masculinidade, a investigação do processo de sua construção social e sua subsequente desconstrução. Além disso, procuramos avaliar a produção científica sobre masculinidades no Brasil e apresentar diversas contribuições bibliográficas nesse campo, levando em consideração a sua diversidade. As bases teóricas desse subcapítulo incluem as obras de Connell e Messerschmidt (2013) e Kimmel (1998) para uma apreciação sobre masculinidade hegemônica e subalterna; Muszkat (2018) e Trevisan (2021), para esclarecimentos sobre uma possível crise do masculino; Kimmell (2008) para nos situar ao campo de estudos das masculinidades; Vigoya (2018), por trazer reflexões sobre esse campo de estudos com um recorte da América Latina; Adrião (2005), Vigoya (2018) e Oliveira Araújo (2015), porque contribuem com aspectos desse estudo no cenário brasileiro.

No subcapítulo “Interseccionalidade: um mapa teórico para compreender identidades complexas”, procuramos examinar a importância da interseccionalidade como uma ferramenta analítica, considerando a diversidade desse conceito. Raça, gênero e classe foram explorados a partir dos escritos de acadêmicas proeminentes, a saber: Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), Kimmel (1998), Connell (2005; 2013), que discutem a interseccionalidade como uma abordagem para compreender a complexidade das experiências humanas.

Em seguida, no subcapítulo “Homens negros e masculinidades: algumas

reflexões”, localizamos as questões relacionadas às masculinidades negras, relacionando suas diversas perspectivas teóricas, nas quais se incluem os pesquisadores Faustino (2019), Restier (2019), hooks (2019a, 2019b, 2022), Fanon (2020), Pinho (2004) e Rolf Souza (2013). Tais pesquisadores investigam temas que intersectam a questão central, como: discriminação racial, estigmatização, estereótipos, a complexidade da identidade masculina negra, assim como a resistência contra estereótipos e discriminação, e são essenciais para uma compreensão mais aprofundada dessas questões.

No capítulo “(In)visibilidade dos homens negros: representação e estereótipos em romances menos canônicos da década de 1930”, analisamos a representação do homem negro na literatura brasileira. No subcapítulo “Homens negros, masculinidades e suas representações: a relação entre os estudos literários e os outros estudos”, destacamos as abordagens das masculinidades negras nos estudos literários, com foco especial ao modo como a literatura e os estudos literários propõem diferentes concepções de masculinidade em diálogo com os estudos culturais e de gênero. Nos fundamentamos teoricamente nas ponderações de Simon (2016; 2022), Hall (2016), Canassa (2018), Ferreira Junior (2018), Souza (2021), além de referências como Fanon (2020), entre outros.

O segundo subcapítulo, “Homens negros e suas representações em romances menos canônicos da década de 1930”, explora a representação dos marginalizados em romances brasileiros da década de 1930, destacando romancistas e obras que muitas vezes escapam do cânone literário. Inicialmente, apoiados nos estudos de Bueno (2015), localizamos o romance de 30, evidenciando suas especificidades, características e momentos distintivos. Em seguida, procedemos à análise dos romances, publicados na presente década, que receberam mais menções nas histórias literárias, tendo como base a metodologia aplicada por Simon (2022) em seu levantamento de romances da década de 1920. Fundamentados nos romances publicados na década de 1930, consideramos os dez mais próximos do cânone literário. A partir desse dado, observamos os que não compõem a lista de mais citados, e neles procuramos identificar a existência da figuração de homens negros. Finalmente, justificamos a escolha de *Navios Iluminados* frente à representação de homens negros em romances menos canônicos da década de 1930.

Posteriormente, no subcapítulo “Ranulfo Prata: um autor à margem da literatura canônica”, abordamos aspectos significativos sobre o autor e suas obras. Também

discorreremos sobre como o escritor e seu romance *Navios Iluminados* aparecem nas histórias literárias e pesquisas acadêmicas.

No último capítulo, intitulado “(Des)construção da Masculinidade Negra em *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata”, analisamos a representação de homens negros e suas práticas masculinas no romance *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata. Chegamos, então, aos resultados e às compreensões que revelam: a) como gênero, raça e classe se interseccionam nas figurações dos personagens Felício e José Severino; b) como os personagens enfrentam a subalternização de suas masculinidades; c) como, em *Navios Iluminados*, Prata lida com as complexidades da representação do homem negro e sua imagem. Embora o protagonista e Felício enfrentem desafios semelhantes como operários diante da exploração econômica, suas perspectivas sobre essas questões e as maneiras como expressam a masculinidade divergem. A representação de indivíduos negros no romance apresenta nuances dessa multiplicidade. De um lado, Felício é representado como um homem que manipula a percepção de sua masculinidade para obter respeito e reconhecimento. Ele performa uma masculinidade que é moldada tanto por uma busca de melhor qualidade de vida e autonomia, aspirando ao poder patriarcal, quanto por uma resistência a ele. Por outro lado, Severino performa uma masculinidade mais passiva, submissa, porém tradicional, visto que seu ideal internalizado manifesta-se a todo momento: sacrificar-se em prol de cumprir seus deveres como provedor, mesmo em meio a privações. Essas experiências sublinham as complexas e diversas pressões que homens negros enfrentam ao procurar uma identidade e reconhecimento em uma sociedade racialmente desigual.

1 PRECISANDO DETALHES: MASCULINIDADES E O HOMEM NEGRO

Os objetivos deste capítulo são analisar as teorias dos estudos das masculinidades e identificar a interseccionalidade como ferramenta analítica eficaz para o exame das representações de homens negros, explorando como as categorias de raça, gênero, classe se entrelaçam e influenciam suas representações.

Para esclarecer todas as questões e alinhar com a teoria crítica deste estudo, recorreremos a Connell e Messerschmidt (2013) e Kimmel (1998) para uma apreciação sobre masculinidade hegemônica e subalterna; Muszkat (2018) e Trevisan (2021), para esclarecimentos sobre uma possível crise do masculino; Kimmell (1998), para situar-nos ao campo de estudos das masculinidades; Vigoya (2018), por trazer reflexões sobre esse campo de estudos com um recorte da América Latina; Adrião (2005), Vigoya (2018) e Oliveira Araújo (2015), porque contribuem com aspectos desse estudo no cenário brasileiro. Posteriormente, lemos os escritos de Collins e Bilge (2021) em busca da compreensão do uso da interseccionalidade como ferramenta analítica. Por fim, considerando a produção acadêmica contemporânea de pesquisadores negros sobre a vertente de estudos das masculinidades negras, obtivemos contato com seus livros recém-lançados e ensaios, nos quais tomamos como referência os escritos de Conrado e Ribeiro (2017), Fanon (2020), Faustino (2014), Pinho (2004), Ribeiro e Faustino (2017), Restier (2019) e Souza Rolf (2014).

1.1 MASCULINIDADES E SEUS ESTUDOS

Masculinidade é um termo que vem sendo difundido com maior frequência em diferentes espaços da sociedade. Esta dissertação inclui-se nesse movimento, porque investiga a figuração masculina de personagens negros em um romance menos canônico da literatura brasileira, e para isso, parte da definição desse termo¹².

Na busca da palavra “masculinidade”, nos seguintes dicionários: *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1983), *Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da Língua Portuguesa* (2001) e *Minidicionário Houaiss da língua*

¹² Corroboramos com o pensamento de Caio César a respeito da importância do debate sobre masculinidades, especificamente sobre e entre homens pretos. O pesquisador repercute ser esse “um exercício pessoal, de autocrítica, reflexão e observação de comportamentos próprios no mundo” e acrescenta, “acredito na nossa força e capacidade intelectual de realizar mudanças neste país, tornando-o mais justo para nós e para os nossos” (César, 2019, p. 74).

portuguesa (2004), observamos tratar de um substantivo feminino, cujos significados – “qualidade de masculino”, “qualidade do que é viril” e “ másculo” – permeiam grupos semânticos antagônicos aos da palavra “feminilidade”, estabelecendo, assim, uma contraposição aos atributos simbólica e imaginariamente associados à mulher. É evidente que os significados atribuídos ao termo “masculinidade” estão comumente enraizados na memória coletiva, moldados pelas práticas sociais vigentes e associados a algo homogêneo, mesmo na eventualidade de que não seja assim na vida.

Nolasco (2001) define, portanto, o que se entende por masculinidade ao atestar ela é uma concepção que incorpora várias ideias e imagens, fornecendo orientação ao indivíduo sobre como lidar com as situações da vida. Ele também sugere que, para essa finalidade, “as culturas organizaram mitos e heróis oferecendo a seus integrantes recursos para lidarem com eles mesmos e os grupos no qual se inserem” (Nolasco, 2001, p. 12). Posto de outra forma, masculinidade é “uma experiência coletiva em que um homem busca reconhecimento através de práticas com as quais conquistará visibilidade e status social perante seu grupo” (Souza Rolf, 2013, p. 36).

Em um plano de representações e do discurso, os textos literários são um exemplo da transmissão da multiplicidade de perfis e comportamentos masculinos. A título de ilustração, as características de Jorge no romance *Bugrinha* (1922), de Afrânio Peixoto, e as de Alexandre, personagem do romance *Luzia-homem* (1903), de Domingos Olímpio, destacam homens dotados de emoções profundas, cuja disposição para chorar e manifestar seus sentimentos contrasta com os padrões tradicionais de masculinidade do contexto em que foram representadas.

Por outro lado, as expectativas sociais de masculinidade transparecem na literatura brasileira por meio de personagens como Luciano em *A viúva Simões* (1897), de Julia Lopes de Almeida, enfatizando valores como competitividade; Carlos, em *Riacho Doce* (1939), de José Lins do Rego, destacando o papel de provedor do lar; Luzia, personagem feminina, do romance *Luzia-homem* (1903), descrita de forma masculinizada, enfocando suas características físicas: músculos exacerbados e força. Todas essas características, juntamente com a capacidade de procriação, o poder político e militar, e outros traços similares, compõem e informam os valores e padrões patriarcais de masculinidade (Muszkat, 2018; Vigoya, 2018).

Isso posto, destacamos a construção social de masculinidades, pois desempenha um papel fundamental na perpetuação da hegemonia¹³ masculina e,

¹³ Empregamos hegemonia no sentido gramsciano do termo, isto é, controle cultural e ideológico de uma classe social sobre as outras. Nos dizeres de Connell e Messerschmidt, trata-se da “ascendência

implica na promoção de situações em que os homens têm um poder e controle predominantes em várias esferas da sociedade, tais como política, economia, cultura e relações interpessoais (Muszkat, 2018). É válido ressaltar ainda que o modelo de masculinidade considerado dominante é aquele fundamentado em uma sociedade patriarcal. O educador congolês, JJ Bola esclarece que sociedade patriarcal:

é aquela em que os homens assumem posições primordiais de poder na esfera pública, dominando o governo e a política, a economia e os negócios, a educação, o emprego e a religião, e estendendo esse domínio para um nível privado e interpessoal, no lar, dentro dos relacionamentos, e até nas amizades. O patriarcado protege e prioriza os direitos dos homens acima dos direitos das mulheres (Bola, 2020, p. 17).

Esse modelo estabelece uma distinção entre características ligadas ao universo feminino, exigindo uma postura ativa dos homens, enquanto espera que as mulheres sejam recatadas e tímidas (Muzkat, 2018). Similarmente, verificamos essas expectativas de papéis de gênero ao focalizarmos a relação tensa entre marido e mulher no romance paranaense *Incompreensão* (1950), de Hellê Velozo Fernandes¹⁴, em que a protagonista Enorá reconhece essa dinâmica e muitas vezes desafia as expectativas de recato e timidez ao confrontar e “provocar” o seu marido, Ricardo.

Nesse sentido, a análise do masculino e das dinâmicas de poder envolvidas tornou-se ponto central. Os estudos das masculinidades afloraram há pouco mais de 40 anos, decorrentes das discussões teóricas das feministas. Eles constituem-se como um campo de estudos que versa sobre gênero, com foco no homem. Contudo, Vigoya (2018, p. 41) assinala que “a necessidade de enfatizar a dimensão relacional do conceito de gênero surgiu desde o início desses estudos” e que eles seguiram duas orientações distintas. Segundo a autora, são elas:

[...] as que se definiam como aliadas do feminismo e as que reivindicam uma análise autônoma da masculinidade (Kimmel, 1992). As primeiras analisaram a construção social da masculinidade e têm sido realizados por homens que afirmam os seus vínculos com o movimento feminista e os desenvolvimentos da teoria feminista. As segundas foram influenciadas por uma literatura de ampla difusão inspirada no movimento mito-poético surgido ao redor do livro de Robert Bly, Iron John: a book about men [*João de Ferro: um livro sobre*

alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (Connell, Messerschmidt, 2013, p. 245). Complementariamente, a noção de hegemonia implica em uma política de identificação do imaginário (Hall, 2016).

¹⁴ Autora curitibana publicava seus escritos literários sob o pseudônimo Héli (1925-2008).

homens]. A partir dos contos dos irmãos Grimm, Bly descreve o desenvolvimento masculino e a profunda nostalgia que os homens sentem de uma vida com significado e que deixa marcas (Vigoya, 2018, p. 41-42).

Por outro lado, Michal Kimmel (2008, p. 15), um dos precursores desse campo de estudos, considera: “os estudos sobre a masculinidade como uma das mais importantes contribuições para os estudos de gênero”¹⁵. O sociólogo afirma que os estudos sobre os homens começaram quando se principiou o estudo da humanidade, porque o homem era visto como universal, enquanto as mulheres eram praticamente excluídas (Kimmel, 2008). Mas, ao considerar a constituição desse campo de estudos, e abordar a masculinidade como um fator, suas colocações guardam semelhanças com as de Vigoya (2018), portanto, conclui:

[...] até uma época muito recente, no início dos anos oitenta, quando os acadêmicos formados no feminismo começaram a perceber que o sistema de gênero havia sido ignorado na análise dos homens. Foi nesse momento que os homens começaram a manifestar que a masculinidade também os afetava, que se esperava deles o cumprimento de certos ideais determinados do que significava ser homem. Isso foi o começo de tudo (Kimmel, 2008, p. 15, tradução nossa).¹⁶

Assim sendo, tal qual Vigoya (2018), Kimmel assegura a influência das perspectivas do feminismo para a eclosão dos estudos das masculinidades. A partir dos debates feministas, algumas teóricas perceberam que as dominações patriarcais não eram naturais, mas construídas socialmente (Kimmel, 2008). Em uma perspectiva relacional de gênero, as desigualdades entre homens e mulheres eram denunciadas, ressaltando como se constituíam os grupos dominantes (hegemônico) e os grupos dominados (subalternos). Para alcançarem uma profunda compreensão do funcionamento de uma relação social, as teóricas também precisaram pensar nos homens (Vigoya, 2018; Kimmel, 2008).

Nesse sentido, “em alguma medida, o desenvolvimento dessa área vem cumprindo a função de falar dos homens em uma perspectiva que não vinha sendo

¹⁵ “los estudios de la masculinidade como una de las más importantes contribuciones a los estudios de género” (Kimmel, 2008, p. 15).

¹⁶ “[...] hasta época muy reciente, a principios de los ochenta, cuando los académicos formados em el feminismo comenzaron a darse cuenta de que el sistema de género había sido ignorado em el análisis de los varones. Fue em esse momento cuando los hombres empezaron a manifestar que la masculinidade también les afectaba, que se esperaba de ellos que cumpliesen com unos ideales determinados de lo que significaba ser hombre. Esto fue el principio de todo” (Kimmel, 2008, p. 15).

tratada, ou seja, relacional” (Adrião, 2005, p. 9). Assim, repensar e redefinir a masculinidade tornou-se uma urgência. Contudo, essa não era uma preocupação dos homens, que pouco falavam sobre si.

No livro *O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo*, a pesquisadora Malvina Muszkat (2018) acentua que, para além da reflexão sobre as assimetrias na formação da identidade de homens e mulheres em nossa sociedade frente aos problemas e dores masculinas, os homens permanecem em um estado de superioridade, como se não sofressem ou tivessem problemas. Também destacou a consequência da falta de expressão das dores masculinas, revelando a impressão que fica para os integrantes da sociedade de que tais dores não existam.

Semelhantemente, o pesquisador João Silvério Trevisan (2021), em seu livro *Seis balas em um buraco só: a crise do masculino*, aborda o universalismo masculino e a falta de expressão das dores masculinas. O autor advoga pela ideia de que há uma crise masculina moderna, que não é nova e, esclarece que esse impasse começou a ocorrer porque:

[o] macho humano raramente precisou fazer perguntas sobre si mesmo, pois a história sempre foi escrita à sua imagem e do seu ponto de vista. Os impasses do masculino, que continuam em pleno século XXI, articularam uma crise aparentemente sem solução, na medida em que os problemas continuam derivando direta ou indiretamente da mesma articulação patriarcal das sociedades do passado (Trevisan, 2021, p. 29).

Em paralelo, o pesquisador Marcelo Silva Ramos (2000), no ensaio: “Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade”, amplia a discussão ao sugerir que, ao questionar os homens sobre uma possível crise, é pouco provável que eles reconheçam dificuldades relacionadas à sua masculinidade. Ramos deduz algumas das possíveis respostas dos homens frente à questão: “[talvez] uma crise financeira, problemas de emprego, ou então de uma crise mais localizada como a dos quarenta anos (ou cinquenta), mas dificilmente falarão de uma crise relacionada à masculinidade” (Ramos, 2000, p. 54).

Convém destacar que a pergunta central levantada por Ramos (2000, p. 44), “Há, de fato, uma crise masculina?”, recebe uma resposta afirmativa de Malvina Muskat, que adicionalmente sugere que o silêncio dos homens diante dessa crise pode estar relacionado à falta de compreensão sobre como abordar o tema ou ao

desinteresse em questionar os mitos que sustentam sua posição dominante (Muszkat, 2018). Contudo, Trevisan (2021) defende que essa crise está intrinsecamente ligada à necessidade de redefinir a masculinidade de acordo com as demandas contemporâneas por igualdade de gênero promovidas pelos movimentos sociais na atualidade, o que de certa forma estabelece um diálogo com Muszkat.

De maneira equivalente, Nolasco (1997), no ensaio “Um homem de verdade”, afirma que os homens buscam definir-se de maneira distinta em relação ao padrão de masculinidade socialmente estabelecido. Essa busca é uma oportunidade para os homens se sobressaírem do modelo preexistente, marcando uma fase na qual ocorre uma quebra no ceticismo em torno da existência de uma masculinidade autêntica. Isso posto, tal crise “representa a quebra do cinismo a respeito da existência de um homem de verdade em torno do qual o menino é socializado” (Nolasco, 1997, p. 17).

Apesar da referida crise, e talvez até por conta dela, percebemos um crescente interesse pelo campo de estudos das masculinidades nas diversas áreas do conhecimento. Nos últimos anos, os círculos acadêmicos vêm abordando a questão das masculinidades como objeto de um escrutínio incisivo, evidenciando-o como um campo de estudos repleto de nuances e complexidades. Como consequência, esse interesse renovado tem impulsionado historiadores, sociólogos, antropólogos e pesquisadores afins a desafiarem a narrativa monolítica tradicionalmente associada à masculinidade, permitindo a emergência de um espectro mais amplo de vivências e expressões masculinas.

Nesse sentido, o reconhecimento de múltiplas masculinidades por diversos teóricos foi um movimento importante para esse campo de estudos, porque desafiou a hierarquia de poder que tradicionalmente acorrentava o corpo masculino a uma única forma de ser homem. Esse movimento deslocou o poder de determinação da masculinidade do corpo masculino a um entendimento de um espectro inclusivo, mais amplo de vivências, expressões de gênero e poder entre os sexos (Camilo; Silva Junior, 2022).

Nessa conjuntura, temas como: o homem moderno, a crise da masculinidade, crise da identidade masculina, mitos da masculinidade e outros, tornaram-se proeminentes desde a concepção do campo. Suas diferentes abordagens temáticas foram sendo gradualmente debatidas por psicólogos, antropólogos, sociólogos e, mais tarde, historiadores e outros teóricos das demais áreas do conhecimento (Kimmel, 2008), esclarecendo o caráter sócio-histórico da masculinidade, em uma perspectiva

construtivista.

Contribuições relevantes e direções de pesquisa aos estudos das masculinidades vêm de vários lugares do mundo, e evidenciam as permanências e os desdobramentos do campo. Alguns exemplos incluem a socióloga australiana Raewynn Connell, a filósofa francesa Elisabeth Badinter, o sociólogo americano Michael Kimmel, o sociólogo francês Daniel Welzer-Lang, o filósofo mexicano Juan Guillermo Figueroa-Perea, o sociólogo britânico Victor Seidler, a socióloga francesa Claudine Haroche, a antropóloga colombiana Mara Viveros Vigoya, e o antropólogo e linguista francês Jean-Jaques Coutine.

Vale o destaque para a cientista social australiana Raewyn Connell, outrora Robert William Connell, porque ela introduz a ideia de configurações de práticas de gênero. Assim como Judith Butler (2015) argumenta que gênero é performado e reiterado socialmente, Connell (1995) analisa as masculinidades como práticas sociais diversas e estruturadas em um contexto de poder e hegemonia, o que transformou a compreensão da masculinidade. Portanto, partindo da utilização de gênero como uma de categoria de análise, e, integrando ao debate as teorias das ciências sociais, Connell (1995) oferece uma abordagem mais abrangente para entender as masculinidades.

Além disso, a autora formula o conceito de masculinidade hegemônica¹⁷ e postula que se trata de um conceito relacional, pois existe em compensação da feminilidade. Indica ainda que, construído e reconstruído historicamente, esse conceito engloba três características fundamentais: ideal cultural, poder institucional e autoridade, e serve como um padrão normativo para todos os indivíduos, independentemente de gênero, permitindo que todos os indivíduos sejam aceitos, rejeitados ou adaptados conforme experiências e escolhas individuais, gerando subordinação e dominação sobre tudo o que é feminino. Assim, a cientista social assinala que, para que existam masculinidades hegemônicas, outras precisam ser subalternizadas. Isso se dá tanto com o uso de aparatos simbólicos quanto físicos (Connell, 1995).

Adicionalmente, evidenciamos Michael Kimmel, outro precursor teórico. Em “A

¹⁷ Anos depois, ao repensar o conceito, a fim de melhorar abordagens em pesquisas acadêmicas, Connell e Messerschmidt (2013) esclarecem que masculinidade hegemônica não equivale a um modelo de reprodução social; é necessário, sobretudo, reconhecer as lutas sociais nas quais masculinidades subordinadas influenciam formas dominantes. Por fim, acrescentam uma reprovação ao tratamento unidimensional da hierarquia e concepções de características do gênero.

produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”, ele inova ao utilizar três suposições teóricas que abordam as definições hegemônica e subalterna da masculinidade, são elas: a) as masculinidades são socialmente construídas; b) são construídas em dois campos inter-relacionados de poder, um de relações entre homens e mulheres, e o outro de relações entre homens e outros homens (que sofrem desigualdades sociais por conta da raça, classe, sexualidade, entre outros); c) masculinidade como uma construção imersa em relações de poder. Ao explorá-las, Kimmel (1998) oferece uma perspectiva crítica que incita reflexão e debate na área, promovendo avanços significativos não só para os estudos das masculinidades, mas também para os estudos de gênero.

Seguindo as teorias de gênero, delineadas por Judith Butler (2015, p. 39) ao abordar a performatividade de gênero e a construção social do gênero através da repetição de atos, que introduziu o conceito de “gêneros inteligíveis”¹⁸ para descrever as normas socialmente construídas em torno das identidades de gênero, Kimmel (1998) realça que as masculinidades são socialmente construídas e variam cultural e temporalmente. Dessa construção, emerge uma diversidade de experiências e de identidades interseccionais (Cf. subcapítulo 1.2). Assim, devemos abordar as masculinidades como uma intersecção complexa de significados e comportamentos em constante mutação. Ser homem não é um conceito estático, mas sim um conjunto dinâmico de identidades moldadas por contextos sociais, econômicos e culturais. Nas palavras do autor, “há múltiplos sentidos de o que ser homem significa” (Kimmel, 1998, p. 106). E acrescenta:

[...] devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos (Kimmel, 1998, p. 106).

Dessa maneira, fazem-se cruciais o conhecimento e exame dos padrões existentes, considerando as dinâmicas hierárquicas e as relações de poder inerentes, como também a compreensão do modo como as normas de gênero perpetuam

¹⁸ De acordo com Judith Butler, gêneros inteligíveis “são aqueles que de alguma forma instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”, isto é, aquele que está em conformidade com padrões e expectativas sociais, sendo inteligível em relação a uma norma que rejeita e recusa o outro – o subalterno (Butler, 2015, p. 39).

desigualdades e posicionam diferentes grupos masculinos na hierarquia social. A ideia de homem hegemônico não apenas reflete uma norma cultural, mas também perpetua desigualdades sistêmicas.

Para Kimmel (1998), a desvalorização de outras formas de masculinidades é parte constitutiva fundamental para a criação de uma masculinidade hegemônica. Da mesma forma que o homem pode se autodefinir como universal, representando assim a humanidade, há uma tendência de desconsiderar a autonomia das mulheres. Esse padrão também se manifesta em relação a outras expressões de masculinidades. Nas palavras do autor, “o hegemônico e o subalterno surgiram em uma interação mútua, mas desigual em uma ordem social e econômica dividida em gênero” (Kimmel, 1998, p. 105).

As teorias sobre as masculinidades são uma base importante para os estudos das masculinidades no Brasil, porque permitem a investigação de como diferentes masculinidades interagem dentro de contextos socioculturais diferentes. Na revisão de estudos sobre masculinidades no cenário brasileiro, Karla Galvão Adrião (2005) constatou a presença de dissertações de mestrado na década de 1990, consideradas pioneiras sobre a temática no país.

Todavia, ao conduzir uma pesquisa, no CTD disponibilizado pela CAPES, em busca de teses e dissertações¹⁹ associadas ao termo “masculinidade”, os resultados mostraram que a pesquisa de mestrado de Sócrates Álvaro Nolasco, defendida em 1987, na área de Psicologia, não apenas antecede os estudos referenciados por Adrião (2005), mas também se sobressai por ter buscado identificar e analisar os parâmetros adotados por um grupo de quinze homens ao abordarem questões relacionadas ao trabalho, desempenho sexual e o manejo de determinadas emoções, fornecendo uma base significativa para o desenvolvimento posterior dos estudos das masculinidades no cenário acadêmico brasileiro.

Sem limitações temporais, a busca pelo termo “masculinidade” demonstrou um notável crescimento dos estudos sobre masculinidades no Brasil - o que sustenta a ideia de que há, por parte dos pesquisadores brasileiros, um interesse robusto e uma dedicação considerável à exploração das complexidades relacionadas ao masculino nesse contexto. Logo, há um reconhecimento da importância das masculinidades na esfera acadêmica brasileira, o que aponta para as amplas mudanças na visão pública

¹⁹ Filtramos as pesquisas para teses e dissertações, valorizando a solidez proporcionada pela pós-graduação.

das questões de gênero.

Explorando mais a fundo a pesquisa no CTD, constatamos, entre os anos de 2019 e 2020, picos significativos de aumento da publicação de teses e dissertações associadas ao termo “masculinidade” em oposição a 2021, que demonstra uma queda no número de publicações. Em síntese, os dados sugerem que a produção de pesquisas não segue uma trajetória linear, sendo fortemente influenciada por eventos externos e dinâmicas peculiares a cada ano.

Com base nesses resultados e sua relação com o cenário político brasileiro a partir de 2017, inferimos que o que intensificou o interesse temático das pesquisas acadêmicas no Brasil nos anos de 2019 e 2020 foi o comportamento do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Ele proferiu discursos de ódio político-partidário, incentivou intolerância às minorias sociais, encorajou a afirmação da virilidade e promoveu discursos racistas, sexistas e misóginos²⁰. Quanto à redução na produção científica dos programas de pós-graduação stricto sensu no Brasil em 2021, pode ser atribuída à diminuição dos investimentos em pesquisa e aos cortes intensificados nas bolsas durante o ano, além do impacto significativo da pandemia de Covid-19²¹, que exacerbou a taxa de evasão na pós-graduação brasileira²².

Esses resultados proporcionam percepções valiosas sobre a dinâmica e a evolução do interesse da comunidade acadêmica nessa temática específica ao longo

²⁰ Para mais detalhes das evidências de tais comportamentos e discursos patriarcais, ver:

- a) A guerra contra as mulheres no Brasil de Bolsonaro. Portal Catarinas, 2019. Disponível em: <https://catarinas.info/a-guerra-contra-as-mulheres-no-brasil-de-bolsonaro>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- b) CHAGAS, Inara. Veja nove vezes em que Bolsonaro atacou os direitos das mulheres. *Brasil de fato*, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/veja-nove-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-os-direitos-das-mulheres>. Acesso em: 06 mar. 2024.
- c) XAVIER, Diogo Carlos Ponce de Leon. *O discurso nazista e bolsonarista: violência, segregação, estereótipos de gênero e sexualidade em defesa da família*. Orientador: Marilde Loiola de Menezes. 2022. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade de Brasília - Instituto de Ciência Política, Brasília, 2022. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/32364>. Acesso em: 6 mar. 2024.

²¹ Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus, da síndrome respiratória aguda grave (SARSCoV-2). Mais informações disponíveis em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200306-sitrep-46-covid-19.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2021.

²² A esse respeito, consultar os resultados de duas pesquisas apresentadas no jornal Folha de São Paulo, em:

- a) FERNANDES, Samuel. Cortes diminuem bolsas de pesquisa e prejudicam publicações científicas. *Folha de São Paulo*, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2022/01/cortes-diminuem-bolsas-de-pesquisa-e-prejudicam-publicacoes-cientificas.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- b) SALDAÑA, Paulo. Cerca de 4 milhões abandonaram estudos na pandemia diz pesquisa. *Folha de São Paulo*, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/01/cerca-de-4-milhoes-abandonaram-estudos-na-pandemia-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 6 mar. 2024.

do tempo, fornecendo uma base substancial para investigações mais aprofundadas e contribuições ao corpo de conhecimento existente.

Considerando ainda o campo de estudos das masculinidades no Brasil, a título de conhecimento, há, além do psicólogo Sócrates Nolasco, outros teóricos que se destacam, como a socióloga Fátima Cecchetto, a socióloga Rosely Gomes Costa, a antropóloga Lia Zanotta Machado, o escritor João Silvério Trevisan, o sociólogo Pedro Paulo de Oliveira, a antropóloga Mirian Goldenberg e o antropólogo e sociólogo Marko Monteiro. Levantando críticas fundamentadas, esses teóricos questionam a universalidade do homem e demonstram um interesse considerável à exploração das complexidades relacionadas ao papel masculino na sociedade.

Esse panorama é corroborado pela análise minuciosa da antropóloga colombiana Mara Viveros Vigoya (2018) em sua obra *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*, na qual ela examina a abordagem do tema na América Latina a partir dos anos 1980 até 2016, ressaltando que o Brasil desponta como líder na produção de grande parte das publicações na região. A pesquisadora aponta que, na América Latina os estudos sobre homens e masculinidades foram iniciados por mulheres que estavam ligados ao feminismo. Complementarmente, Vigoya (2018) observa que, seguidos do Brasil, países como México, Colômbia, Chile e Argentina são os que mais contribuem significativamente para esse cenário de números expressivos de pesquisas na América Latina.

Em relação ao crescimento notório nos estudos sobre masculinidades no Brasil, a pesquisadora encontra respaldo na presença significativa de revistas especializadas em estudos feministas e de gênero no país (Vigoya, 2018). Esse fenômeno reluz não apenas a expansão quantitativa, mas também a consolidação e relevância crescente desse campo de pesquisa, que vem ganhando espaço também nos programas de pós-graduação. Entre as publicações que têm se destacado nesse campo estão a *REF*²³ e os *Cadernos Pagu*²⁴, porque desempenham um papel crucial na divulgação de pesquisas e debates sobre gênero, sexualidade e masculinidades. Paralelamente, os programas de pós-graduação, como o Programa de Pós-

²³ A REF é um periódico da UFSC que é publicado quadrimestralmente, acesse em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>.

²⁴ A revista online da UNICAMP, Caderno Pagu, é publicada quadrimestralmente. Mais informações em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu>.

Graduação em Estudos de Gênero e Feminismos da UFBA, o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNICAMP e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ, têm incorporado de forma cada vez mais intensa as questões de gênero e masculinidades em suas linhas de pesquisa.

Outro elemento essencial trazido à tona pela pesquisadora são os temas mais trabalhados nas pesquisas acadêmicas produzidas na América Latina, de 1980 a 2016²⁵. Por meio de uma categorização e estruturação de um extenso corpus de textos com bases nas temáticas abordadas, Vigoya (2018) observou que a temática construção da masculinidade era predominante, mas não era a única. Eis a conclusão a que chega: são sete os eixos principais dos estudos das masculinidades, quais sejam: a) identidades masculinas (30%); b) masculinidades e violências (18%); c) problemas, dilemas e tensões em torno da saúde dos homens (16%); d) afetos, sexualidades (14%); e) reflexões epistemológicas (14%); f) representações e produções culturais das masculinidades (6%); g) espaços de homossociabilidade masculina (2%) (Vigoya, 2018, p. 67).

As várias perspectivas de gênero apresentadas — a performatividade de Butler, a interseccionalidade de Vigoya e as estruturas de masculinidade de Connell e Kimmel — são aplicadas de forma combinada à análise das masculinidades negras em sua natureza dualística. Butler permite que a desconstrução de binários fixos de gênero seja capaz de ter uma base para analisar a fluidez e a subversão em expressões negras de masculinidades negras. Vigoya estende ainda mais essa análise a partir de uma visão interseccional, dando um contexto protegido onde as masculinidades negras estão sendo comprovadas dentro de dinâmicas específicas de raça e classe na América Latina, revisitando as particularidades coloniais e estruturais que informam essas identidades. Connell e Kimmel ajudam a entender onde as masculinidades negras estão localizadas dentro de posições sociais mais amplas — frequentemente subalternizadas, mas também capazes de resistir e redefinir normas hegemônicas. Assim, cada perspectiva teórica, apesar de suas diferentes visões em relação ao gênero, contribui para uma compreensão vasta das masculinidades negras,

²⁵ Ao analisar como tem sido abordado o tema das masculinidades na América Latina, Mara Viveros Vigoya utiliza como motor de busca a plataforma “Scientific Electronic Library (SciELO) e a Biblioteca Digital Feminista Ofelia Uribe de Acosta, do Sistema de Bibliotecas da Universidade Nacional da Colômbia” (Vigoya, 2018, p. 66).

manifestando as múltiplas camadas de opressão, resistência e ressignificação presentes nessas identidades.

Ainda dentro do âmbito de publicações, para além das pesquisas catalogadas pela CAPES, em sua tese sobre os estudos das masculinidades no Brasil, Oliveira Araújo (2015) realça a diversidade de abordagens nas produções acadêmicas e livros sobre masculinidades no país. O autor salienta que “há poucos livros, resultantes de pesquisas brasileiras, que abordam o tema das masculinidades como algo plural” (Oliveira Araújo, 2015, p. 32). Entre esses, ele enfatiza a relevância do livro *Violência e estilos de masculinidade*, de autoria de Cecchetto, publicado inicialmente em 2004.

Outro contributo realçado é o livro *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*, elaborado por Moita Lopes e publicado em 2002. Além desses, o pesquisador faz menção ao livro *Masculinidades*, organizado por Schpun e publicado em 2004.

Assim, entendemos que, após a publicação da tese de doutorado de Oliveira Araújo em 2015, seja evidente que tenham surgido novos títulos no Brasil abordando a pluralidade da masculinidade, dado o aumento de publicações evidenciadas na pesquisa feita no CTD, em dezembro de 2023.

Por isso, apresentamos aqui alguns dos títulos de publicações mais recentes, juntamente com o nome de seus organizadores e/ou autores, sem a intenção de explorá-las minuciosamente. Intenta-se registrar essas produções nacionais, e as traduzidas para o português, como promissoras e profícuas para os estudos das masculinidades, nas diversas áreas acadêmicas.

Alguns destaques são: a coletânea *De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil*, organizado por Marcio Caetano e Paulo Melgaço da Silva Junior, publicado em 2018; o livro *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*, da pesquisadora Mara Viveros Vigoya, publicado em 2018; a coletânea *Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*, organizado por Henrique Restier e Rolf Malungo de Souza, lançada em 2019; entre outras obras (Cf. ANEXO A) que têm enriquecido o debate e a compreensão acerca das diversas expressões da masculinidade no contexto brasileiro.

Essa constatação sugere um contínuo desenvolvimento e expansão do campo de estudos sobre as diversas problemáticas referentes aos homens e/ou às masculinidades no cenário acadêmico brasileiro e indica que há uma ampliação do olhar crítico e reflexivo sobre as construções sociais de gênero, abrangendo não

apenas as experiências femininas, mas também as masculinas, o que enriquece a compreensão dos múltiplos aspectos que envolvem as identidades de gênero na sociedade atual.

Conforme Oliveira Araújo (2015), o estabelecimento de linhas de pesquisa específicas em universidades brasileiras, a integração do tema como objeto de estudo em disciplinas acadêmicas e sua notável presença em eventos e encontros acadêmicos são fenômenos que abarcam a riqueza e diversidade do tema das masculinidades no contexto nacional.

Certamente, a justificativa para o crescente número de pesquisas acadêmicas sobre a masculinidade no Brasil pode ser atribuída também às novas demandas e às discussões emergentes nas diversas esferas sociais, bem como ao interesse renovado na compreensão do significado de ser homem, mobilizando pesquisadores(as) com objetivos e perspectivas distintas.

Finalmente, é evidente que essa breve análise da linha do tempo e a identificação de estudos pioneiros, como aspectos que evidenciam a progressão dos estudos das masculinidades no Brasil, desde o final da década de 1980 até a contemporaneidade, a qual empregamos, contribui para uma compreensão mais abrangente desse campo acadêmico no contexto brasileiro, como também se refere ao aumento da visibilidade e importância dos estudos das masculinidades, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade em geral, destacando como pesquisas e o debate sobre o tema têm se expandido e se diversificado ao longo dos anos.

Esses estudos, junto com seus precursores e teorias, desempenham um papel fundamental como ferramentas analíticas, expondo complexas nuances e influências multifatoriais nas concepções relacionadas ao ser masculino, assim, possibilitando uma compreensão refinada e contextualizada dessas dinâmicas no país.

Ademais, a própria perspectiva analítica tem sido objeto de escrutínio e adaptação, visando incorporar outras manifestações de masculinidade que, anteriormente, eram negligenciadas em prol do conceito de “masculino ideal”. Portanto, esse processo de questionamento e expansão da análise representa uma evolução significativa no campo. Na sequência, abordamos como a interseccionalidade, enquanto ferramenta analítica, desempenha um importante papel na configuração das masculinidades negras, desafiando e, por vezes, subvertendo paradigmas normativos estabelecidos.

1.2 INTERSECCIONALIDADE: UM MAPA TEÓRICO PARA COMPREENDER IDENTIDADES COMPLEXAS

Todos nós somos educados de uma maneira muito torta acerca do outro. O que a gente pode fazer é admitir que estamos em obras e ir corrigindo isso.

*Emicida*²⁶

A busca por justiça social e equidade tem evoluído desde os anos 1950, com diferentes grupos sociais denunciando adversidades. Esse movimento traz à luz discussões anteriormente negligenciadas, abarcando questões emergentes que incluem a disparidade salarial entre os gêneros, a efetiva criminalização do racismo, a penalização da discriminação voltada à comunidade LGBTQIA+ e a promoção da inclusão de pessoas com deficiência em todos os setores sociais.

Explorar as masculinidades sob uma perspectiva de gênero multifacetado, ou seja, sob a perspectiva da interseccionalidade, nos abre a possibilidade de analisar as diversas expressões e representações associadas aos homens negros. No entanto, esse percurso não é tão linear, pois exige uma incursão por uma diversidade teórica em que suas abordagens são complexas. Acreditamos que essa exploração nos capacitará à compreensão da construção da identidade masculina negra e, posteriormente, à análise das peculiaridades dos personagens negros em romances menos canônicos da literatura brasileira, publicados na década de 1930.

A interseccionalidade realça como nossas percepções sobre o “outro” são frequentemente distorcidas pelas estruturas de poder que moldam nossas identidades. Reconhecer que estamos constantemente aprendendo e desaprendendo, assim como sugerido na epígrafe, é primordial para corrigirmos isso. Assim, partimos da premissa de que a interseccionalidade surge sistematizada pelo meio acadêmico, mas que se constitui por demandas sociais, nos movimentos políticos e sociais, contribuindo, por conseguinte, com o foco de nosso interesse, que são os estudos das masculinidades negras. Patricia Hill Collins e Sirma Bilge elucidam a questão:

As ideias centrais da interseccionalidade, como a desigualdade social, o poder, a relacionalidade, o contexto social, a complexidade e a

²⁶ BRASIL, Canal. Emicida debate as crises com Lázaro Ramos | Programa Espelho. Youtube, 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PToZXoNRS-s&ab_channel=CanalBrasil. Acesso em: 14 maio de 2021.

justiça social, foram elaboradas no contexto de movimentos sociais que enfrentaram as crises de seu tempo, sobretudo os desafios do colonialismo, racismo, sexismo, militarismo e exploração capitalista. Nesse contexto, uma vez que as mulheres de cor foram afetadas não apenas por um desses sistemas de poder, mas pela convergência entre eles, elas criaram movimentos autônomos que expuseram as ideias centrais da interseccionalidade, embora usando vocabulários diferentes (Collins; Bilge, 2021, p. 90).

Sob essa perspectiva, a interseccionalidade, enquanto conceito, possui uma trajetória e surge dos pressupostos teóricos do feminismo negro ao questionar perspectivas universalizantes, realçando como costumeiramente tais perspectivas negligenciam a complexidade de outras existências, de acordo com a perspectiva do grupo dominante. Portanto, antes de procedermos à conceituação do termo, é apropriado apresentarmos, concisamente, seu contexto.

Em 1851, na cidade de Akron (Ohio), aconteceu uma convenção que pautava principalmente os direitos das mulheres. Sojourner Truth, ex-escravizada, realizou um discurso em que chamou atenção para a negligência das especificidades das mulheres negras, que sofriam as consequências prejudiciais advindas de séculos de escravidão²⁷. Não obstante o fato de que Collins e Bilge (2021, p. 89) afirmem “a história da interseccionalidade não pode ser precisamente organizada em períodos ou pontos geográficos”, esse discurso de Truth marca o início da questão, tendo-se como um registro histórico de pioneirismo porque exprimiu a “sensibilidade interseccional”, ao debater a existência de outras opressões que convergem para além das opressões de gênero, ou de outra determinada opressão. Noutras palavras, Sojourner Truth, diante de um público de mulheres brancas, questionou a noção hegemônica de mulher universal ao reconhecer e descrever como as conexões entre raça e gênero a marginalizaram em diversos momentos de sua vida. Esse momento ficou reconhecido como os primeiros diálogos das ideias interseccionais.

Tempos depois, também nos Estados Unidos, mais precisamente nas décadas de 1960 e 1970, as ativistas afrofeministas passaram a articular as lutas contra as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe, utilizando conceitos-chave como desigualdade social, poder, relacionalidade, contexto social, complexidade e justiça

²⁷ Leitura do discurso 'Eu não sou uma mulher?' de Sojourner Truth, por Kerry Washington, com interpretação em Libras por Anne Magalhães. Este discurso de 1851, no Congresso das Mulheres de Ohio, é um marco no feminismo negro e nas relações entre feminismo e abolicionismo nos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=639964343472211>. Acesso em: 15 out. 2023.

social para compreender tais complexidades (Collins; Bilge, 2021). Em 1977, uma comunidade de feministas negras, chamada Combahee River Collective, assinam a “A Black Feminist Statement”, enfatizando seu compromisso em pautar os entrelaçamentos entre as opressões de raça, gênero, sexualidade e opressão de classe (Collins; Bilge, 2021, p. 95).

Em território nacional, Lélia González foi uma das acadêmicas precursoras ao debater os vínculos entre racismo e sexismo na sociedade brasileira. Além de introduzir o conceito de “amefricanidade”²⁸ para salientar as diversas experiências de homens e mulheres negras em escala global, González evidencia como raça e sexo, enquanto eixos de opressão, fundamentam as estruturas de classe na sociedade brasileira e são apropriadas pelo capitalismo.

Além de Lélia González, outros nomes merecem destaque porque trouxeram significativas contribuições teóricas para a reflexão sobre interseccionalidade; são: as brasileiras Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro²⁹ e as americanas Audre Lorde e bell hooks³⁰. Quanto a essas personalidades brasileiras, é importante ressaltar que muito antes da cunhagem do termo “interseccionalidade” por Kimberlé Williams Crenshaw, em 1989, elas anteciparam e complementaram as ideias da interseccionalidade, estabelecendo um paralelo com as feministas negras norte-americanas (Collins; Bilge, 2021). Suas valiosas contribuições continuam a reverberar e a influenciar a compreensão das complexidades das experiências de mulheres negras no contexto nacional e internacional.

Atentamos, por conseguinte, para o cenário em que culminou a sistematização do conceito, feita por Crenshaw, teórica feminista negra estadunidense. O termo interseccionalidade foi escolhido para evitar conflitos entre segmentos em crescimento e competidores frequentes. Conforme Collins e Bilge (2021, p. 109), buscou-se legitimar os estudos nessa área, tornando-os “mais compatíveis com as normas acadêmicas de descoberta, autoria e propriedade”. Essas medidas visaram assegurar

²⁸ A “amefricanidade” inspirada por Lélia González, refere-se à reafirmação da identidade afrodescendente nas Américas, dando ênfase à conexão entre as culturas africanas e as experiências dos afrodescendentes. Esse conceito busca reconhecer e celebrar a diversidade étnica e cultural, especialmente entre aqueles com ascendência africana, como parte do movimento de afirmação da identidade negra nas Américas.

²⁹ Além de ter sido reconhecida por ter disseminado e aplicado a perspectiva interseccional pensando no contexto brasileiro, ela foi uma das fundadoras do Geledés - Instituto da Mulher Negra, uma organização que desafia as discriminações enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil.

³⁰ Trata-se de seu pseudônimo; seu nome é Gloria Jean Watkins. Ela foi uma renomada teórica feminista cujo trabalho influenciou profundamente os estudos de gênero, raça e cultura.

o respeito e aceitação do campo no ambiente acadêmico, respeitando suas próprias regras e convenções sobre política e ética.

Fundamentalmente, compreende-se a interseccionalidade de forma mais abrangente. Portanto, Collins e Bilge (2021) postulam que interseccionalidade trata-se:

de como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins, Bilge, 2021, p. 15-16).

Sob esse prisma, interseccionalidade essencialmente busca promover uma abordagem mais inclusiva para evitar que estruturas hierárquicas injustas e discriminações persistam na sociedade. Essa ideia oferece uma ferramenta analítica que ajuda a entender e interpretar as complexas experiências humanas em diferentes situações. Tal compreensão demanda a consideração e o diálogo cuidadoso com uma gama de marcadores sociais de diferença que se sobrepõem, exercendo influência sobre todos os aspectos da convivência social (Collins; Bilge, 2021). Sendo assim, a reflexão do eixo raça conectado ao eixo gênero nos leva a verificar a formação de nossas desigualdades sociais.

Por outro lado, há teóricos que tecem críticas à perspectiva da interseccionalidade. Danièle Kergoat (2012 apud Hirata, 2014), por exemplo, afirma que a abordagem interseccional se inclina ao entendimento das discriminações em categorias isoladas e fragmentadas. Portanto, para ela, assumir essa abordagem “implica correr o risco de tornar invisíveis alguns pontos que podem tanto revelar os aspectos mais fortes da dominação como sugerir estratégias de resistência” (Kergoat, 2010, p. 98 apud Hirata, 2014, p. 65).

Ao contrário da crítica de Kergoat, acreditamos que a interseccionalidade, conforme defendida por Collins e Bilge (2021), não fragmenta as categorias de discriminação, mas busca compreender como diferentes dinâmicas de opressão se entrelaçam, oferecendo uma análise mais completa e complexa das desigualdades, reconhecendo que as identidades de raça, classe, e gênero, por exemplo, não operam

isoladamente, mas se interseccionam e produzem experiências únicas de marginalização e privilégios.

Em outros dizeres, para compreender a dinâmica da opressão na interseccionalidade, conforme Collins e Bilge (2021), é preciso reconhecer identidades e formas de discriminação como dimensões em camadas do todo concreto. Essas camadas não apenas existem próximas umas das outras, mas também interagem de maneiras que são determinantes para criar experiências específicas de opressão ou privilégio. Tomemos, por exemplo, uma mulher negra vivendo na pobreza: ela não está sujeita apenas ao racismo por ser negra e ao sexismo por ser mulher, mas também é economicamente marginalizada. Essas opressões não são aditivas (ocorrendo independentemente), mas sim combinadas (racismo mais sexismo) para desfavorecê-la ainda mais economicamente, aumentando as barreiras à educação, assistência médica e emprego. Essa experiência será, portanto, diferente daquela de uma mulher branca vivendo na pobreza ou de um homem negro também em circunstâncias semelhantes.

É dentro dessa lógica que a interseccionalidade nos permite entender como essas várias dinâmicas de opressão se entrelaçam e geram desafios específicos que, para compreendê-los precisamos analisar essas categorias em conjunto. Por isso, ao focar nas masculinidades negras, a interseccionalidade transparece as complexidades das experiências individuais, ao invés de tornar invisíveis os aspectos cruciais da opressão. Nossa posição é respaldada pelo alinhamento de ideias com Collins e Bilge (2021, p. 187), ao enfatizarem que o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica promove tanto “um entendimento complexo das identidades individuais” quanto “entendimentos mais amplos das identidades coletivas e da ação política”.

A partir da análise da interseccionalidade em relação às identidades individuais, considerando estas últimas como interseccionais e performativas, os estudos interseccionais foram capazes de transformar a compreensão de identidade, agora concebida como algo não essencialmente fixo. Com outra formulação, as identidades individuais são aplicadas de maneira variada em diferentes contextos sociais. Esses contextos sociais, por sua vez, são influenciados pelas complexas relações de poder interseccionais, em que eixos como gênero, raça e classe, em uma densa simbiose, se reforçam e se transformam reciprocamente (Collins, Bilge, 2021).

Ao explorar como as condições estruturais permeiam os corpos das pessoas,

a interseccionalidade não apenas se consolida como uma ferramenta analítica, mas também como um princípio ético vital para uma abordagem inclusiva, visando evitar a perpetuação de hierarquias injustas e discriminações (Collins; Bilge, 2021). Essa análise crítica ressalta que a interseccionalidade é não apenas uma ferramenta vital para entender as estruturas sociais, mas também um imperativo ético para compreender as complexas interações entre várias formas de opressão.

Em síntese, entendemos que a interseccionalidade, ao ser incorporada nas pesquisas sobre masculinidades, não será só um elemento fundamental para compreender as experiências dos homens negros na diáspora, mas também um fator potencializador da análise das nuances da identidade masculina, bem como um amplificador - das relações de poder que permeiam essas intersecções - de uma compreensão crítica dos desafios intrínsecos à experiência do homem negro, desmistificando conceitos históricos. Advogamos pela ideia de que tal abordagem esboça um panorama mais abrangente e coeso, fomentando uma apreciação mais refinada das interações entre gênero, raça e classe nas formulações de masculinidades no mundo atual.

1.3 HOMENS NEGROS E MASCULINIDADES: ALGUMAS REFLEXÕES

distorcido, recolorido, vestido de luto naquele dia branco de inverno. O negro é um animal, o negro é mau, o negro é ruim, o negro é feio; olha, um preto, está fazendo frio, o preto está tremendo, o preto está tremendo porque está com frio, o menininho está tremendo porque está com medo do preto, o preto está tremendo de frio, aquele frio que atravessa os ossos, o menininho bonitinho está tremendo porque ele acha que o preto está tremendo de raiva, o menininho branco atira-se nos braços da mãe: Mamãe, o preto vai me comer!

Frantz Fanon

A epígrafe que emoldura este texto foi escolhida por uma razão específica. Extraída do livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, de Frantz Fanon, um importante intelectual nos estudos pós-coloniais, que desempenhou papéis como médico, filósofo político, teórico do colonialismo e ativista da independência africana. Na epígrafe, Fanon (2020) ilustra a discriminação racial, a estigmatização com base na cor da pele e os estereótipos negativos enfrentados por homens negros. Assim, por meio dela, podemos ponderar sobre o impacto desses preconceitos quanto à corporeidade e à imagem de homens negros na sociedade, ressaltando como tais concepções são

internalizadas e mantidas, gerando um ambiente de hostilidade, além da visão distorcida e temerosa em relação à identidade dos homens negros.

Em vista disso, uma análise rigorosa necessita focar nas experiências singulares das masculinidades negras. Nossas masculinidades, moldadas por intersecções raciais e históricas, apresentam características distintas. Em nossa sociedade, estereótipos são empregados como justificativa para práticas discriminatórias e atos de opressão direcionados aos homens negros (Faustino, 2014).

Osmundo Pinho (2004), no ensaio “Qual é a identidade do homem negro?”, discute as identidades dos homens negros no contexto político e teórico, destacando a importância de questionar e desconstruir a identidade masculina monolítica, reconhecendo a diversidade das experiências e lugares do masculino.

O antropólogo enfatiza a existências de várias manifestações de masculinidade, algumas associadas às normas sociais predominantes (hegemônicas), enquanto outras não se conformam ao padrão social predominante, podendo ser menosprezadas ou excluídas (subalternizadas). Ambas as formas podem diferir consideravelmente entre distintos grupos, contextos e épocas históricas (Pinho, 2004). Isso quer dizer que as práticas sociais masculinas de homens latinos e do ocidente diferem aos dos homens asiáticos. E que homens negros de Londrina podem ter práticas masculinas diferentes às dos homens indígenas da Reserva do Apucarânia³¹. De acordo com esse raciocínio:

nas sociedades de classe multirraciais e racistas como o Brasil, a raça exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras). A categoria racial possibilita a distribuição dos indivíduos em diferentes posições nas estruturas de classe, conforme pertençam ou estejam mais próximos dos padrões raciais da classe/raça dominante (Souza, 1983, p. 20 *apud* Faustino, 2014, p. 81).

No caso da masculinidade negra, ela se configura como uma masculinidade subalterna, confrontando desafios complexos para sua afirmação e reconhecimento. No capítulo “O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo”, Deivison Faustino (2014) elucida como a escravidão deixou “prerrogativas racializadas criadas pela sociedade colonial” na identidade do

³¹ Saiba mais em: <https://redeglobo.globo.com/rpc/meuparana/noticia/vozes-indigenas-no-norte-do-parana-historias-da-reserva-apucarania.ghtml>. Acesso em: 10 jul. 2024.

homem negro, fazendo com que percepções sobre eles fossem moldadas a partir dessas experiências históricas. De forma complementar, “o negro, mesmo que não saiba disso, mesmo que tente buscar outras significações e corporeidades, será visto e terá que de uma forma ou de outra dialogar com estas expectativas” (Faustino, 2014, p. 81).

Nesse sentido, as masculinidades hegemônicas³² no Brasil, ainda são pautadas em princípios do coronelismo, ou seja, no padrão hegemônico vigente na Primeira República. Dessa maneira, tudo que não a pertença é vista como subalterno, assim, é a masculinidade hegemônica que estrutura as relações de poder. Portanto, é necessário considerar as diferentes estruturas de poder (raça, classe, gênero) que impactam e interseccionam as identidades masculinas subalternizadas, uma vez que a produção e sustentação dessas identidades são resultado da combinação dessas estruturas de poder. Além do mais, é por meio da generalização de homens negros que o poder hegemônico brasileiro atua (Pinho, 2004).

Esse sistema social racista acredita que os homens negros são uma ameaça e, para sobreviver, precisa destruir a masculinidade negra. O antropólogo Rolf de Souza, no ensaio “Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente”, aclara o conceito de falomaquia:

Cabe lembrar que as interações entre homens, de qualquer grupo étnico são marcadas pela disputa entre homens de origem africana e europeia que têm características próprias, subjazendo, neste pugilato, todos os mitos criados em torno do pênis do homem africano, a sombra que o homem branco criou e que se voltou sobre ele mesmo, pois existia um “profundo medo cultural do negro figurado no temor psíquico da sexualidade ocidental” (Bhabha, 2003:71). **Esta disputa (maquia) pelo poder (phallus) e prestígio conferidos pela masculinidade entre homens negros e brancos é o que eu chamo de falomaquia** (Souza Rolf, 2013, p. 40, grifo nosso).

Portanto, ao criar este conceito, Souza descreve a disputa pelo poder e pelo prestígio associados às masculinidades negras e brancas, refletindo as complexas dinâmicas de poder e identidade que envolvem as masculinidades em contextos raciais diversos, como no Brasil. Ainda que a discussão sobre masculinidades negras seja pouco explorada no país, ela tem sido uma preocupação constante entre

³² Reiteramos que a masculinidade hegemônica não é fixa, o contrário, ela é dinâmica e por isso, deve ser interpretada dentro do contexto em que é desempenhada (Connell, 1995).

intelectuais brasileiros desde o final do século XIX. Como destaca Souza Rolf (2003):

Embora no Brasil haja pouquíssimos trabalhos tratando especificamente da masculinidade negra, esta masculinidade sempre foi motivo de preocupações por parte de intelectuais das mais diversas áreas do pensamento social brasileiro desde pelo menos o final do século XIX. Para estes pensadores os homens negros eram motivos de desconfiança e temor, e este temor foi constante no decorrer da História do Ocidente, desde que os europeus fizeram os primeiros contatos com o continente africano (Souza, 2013, p. 100).

No entender de Souza (2013), há uma forte disputa entre homens brancos e negros pelo prestígio social, e envolve aparatos físicos (cadeias) e simbólicos (representações). Em diálogo com essa visão, a teórica e ativista antirracista estadunidense bell hooks (2019a; 2019b) sustenta que a maneira como a mídia retrata a raça e a negritude contribui diretamente para manter o poder do patriarcado supremacista branco. hooks (2015, 2019a, 2019b, 2022) sintetiza o termo “patriarcado supremacista branco” como uma intersecção entre a supremacia branca, o racismo, o sexismo e outras opressões. De acordo com seus escritos, essas são bases específicas sob várias opressões independentes que se entrelaçam e se alimentam inseparavelmente para sustentar a desigualdade e a exclusão (hooks, 2015, 2019a, 2019b, 2022). Essa perspectiva se alinha com a definição de interseccionalidade de Collins e Bilge (2021), pois significa que qualquer tipo de opressão se manifesta de maneiras multiangulares.

Em outras palavras, a mídia se utiliza de aparatos que contribuem para perpetuação do racismo estrutural e refletem as representações que apoiam a opressão e dominação das pessoas negras em diferentes áreas da sociedade. hooks convoca os homens negros para esse debate ao afirmar que, “as mulheres negras não podem falar pelos homens negros. Nós podemos falar com eles (hooks, 2022, p. 39)”.

Na conjuntura brasileira, teóricos como Deivison Faustino, Henrique Restier da Costa Souza, Osmundo Pinho, Rolf Ribeiro de Souza, Túlio Custódio e outros, assumem seus lugares de fala³³ e passam a investigar as experiências da masculinidade negra diante dos obstáculos impostos pela supremacia branca.

³³ O conceito “lugar de fala” diz respeito à posição social, econômica, política e cultural de onde o enunciador expressa suas opiniões. Como argumentado por Djamila Ribeiro “[...] o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (Ribeiro, 2017, p. 61).

Osmundo Pinho, por sua vez, certifica que o homem negro tem sido excessivamente representado como um corpo negro, visto como “corpo-para-o-trabalho e corpo sexuado” para o outro, isto é, para “o branco dominante” (Pinho, 2004, p. 67). A análise crítica de como as representações raciais são fragmentadas em aspectos corporais é elucidada por Pinho, que afirma:

[...] Está, desse modo, decomposto ou fragmentado em partes: a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco. (Pinho, 2004, p. 67)

Tal perspectiva ressalta como a objetificação racial contribui para a perpetuação de estereótipos e marginalização de indivíduos. Além do mais, a representação do corpo negro o mostra “separado da consciência do negro”, como um “outro corpo, lógica e historicamente deslocado de seu centro” (Pinho, 2004, p. 67). Em decorrência disso, é essencial, e talvez até subversivo, afirmar a autonomia dos homens negros na redefinição contínua de suas masculinidades. Esperamos que homens negros não sejam meros receptores passivos das imposições culturais; ao contrário, sejam agentes ativos capazes de desafiar, reconfigurar e, frequentemente, transcender as narrativas hegemônicas que lhe são atribuídas.

De maneira comparável, basta observarmos a importância de escritoras negras frente à literatura brasileira. Nos últimos anos, por meio das conquistas sociais alcançadas, como também do espaço e da validação do valor de sua produção literária, escritoras negras, como Cidinha da Silva e Conceição Evaristo, rompe com silêncios pré-estabelecidos à mulher negra no campo literário e destaca o protagonismo feminino negro de suas personagens.

Por conseguinte, fundamental é resgatar o legado das feministas negras, que têm acumulado experiências reflexivas e críticas sobre o próprio corpo (Pinho, 2004), contribuindo para o debate sobre a igualdade de gênero e raça, dando início à discussão sobre a temática do homem negro e seus desdobramentos.

No ensaio, “Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate”, os autores Mônica Conrado e Alan Augusto Moraes Ribeiro, além de atestarem que é imprescindível reconhecer as masculinidades não como meros grupos homogêneos de indivíduos, mas sim como complexos sistemas de práticas que vão além do gênero masculino, também acentuam uma dimensão de poder

embutida, em que masculinidades ostentam certos privilégios, garantindo aos homens benefícios provenientes de um sistema patriarcal que, tradicionalmente, subordina as mulheres (Conrado; Ribeiro, 2017).

O modelo de masculinidade hegemônica patriarcal discutido por Conrado e Ribeiro (2017) é apontado como não baseado em homens negros; ao contrário, a presença de masculinidades hegemônicas é marcada por características como ser branco, heterossexual, economicamente favorecido e de origem ocidental. Entretanto, apontam para masculinidades que se encontram nas margens ou em posição subalterna, como as que se associam a indivíduos negros, LGBTQA+, de classes desfavorecidas, entre outros. Os autores destacam ainda a natureza mutável das masculinidades, que variam por meio de construções sociopolíticas dos gêneros que estão em constante evolução (Conrado; Ribeiro, 2017).

A ideia de que as formas de ser homem não são estáticas, como mencionado pelos autores Conrado e Ribeiro (2017), alinha-se à noção de Kimmel (1998) sobre as masculinidades sendo fluidas e sujeitas a mudanças ao longo do tempo. Além disso, ambos os teóricos discutem a dimensão de poder inerente à construção das masculinidades, sublinhando a presença de masculinidades hegemônicas que desfrutam de privilégios, enquanto outras ocupam posições subalternas. Kimmel (1998, p. 107) sustenta a ideia de que o hegemônico inevitavelmente gera o subalternizado, sendo este o "outro".

Em nossa ênfase, o "outro" diz respeito aos homens negros. Eles não apenas enfrentam as pressões tradicionais associadas à masculinidade, mas também carregam o peso adicional de sua raça e classe social. A opressão não é uniforme entre todos os homens, suas experiências são moldadas pelas intersecções complexas dos marcadores de diferença (hooks, 2019a; 2019b).

Logo, ao investigar as masculinidades, especialmente no contexto dos homens negros nas representações no texto literário na década de 1930, é preciso adotarmos um olhar crítico que reconheça as adversidades tanto dos personagens masculinos negros quanto as inovações em suas construções. Em virtude disso, incorporar a interseccionalidade, enquanto ferramenta analítica, para investigar as dinâmicas de gênero, raça e classe, quando se trata de homens negros, demonstrará ser rica, ou não, a tapeçaria de experiências que compõem a masculinidade negra representada em romances dessa década. Nesse sentido;

Estudar masculinidades negras a partir da multiposicionalidade é perguntar como devemos discuti-la a partir de um olhar relacional, e não posicional e hierárquico fixo. Isso nos levar a fazer dois conjuntos de perguntas: 1) Que privilégios estas masculinidades racializadas compartilham? Em que condições reais estas masculinidades racializadas lutam por estes privilégios? 2) Dividendos patriarcais são recebidos 'do mesmo modo' por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades? Os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas (Conrado; Ribeiro, 2017, p. 82).

A título de exemplo, ao analisarmos a abordagem simplista do romance *A mulher carioca aos 22 anos* (1934), de João de Minas, em relação à figura do homem negro, à luz das intersecções entre raça, gênero e classe social, percebemos a complexidade e peculiaridade das identidades masculinas negras, levando-nos a questionar a dinâmica de poder presente na obra e como ela reflete as estruturas sociais mais amplas. Portanto, ao examinarmos de maneira crítica as representações da masculinidade negra em romances e como estas são influenciadas não apenas pelo racismo, mas também pelo patriarcado, vislumbramos um terreno rico para investigação. É essa trilha que pretendemos seguir adiante, especificamente ao analisarmos o romance *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata.

Nesse sentido, a complexa tapeçaria da masculinidade negra possui inúmeros fios que, influenciados por variáveis como localização geográfica, classe social, orientação sexual, espiritualidade e outros a compõem. Assim, ao buscar clareza nesse domínio, os pesquisadores devem ser fervorosos em sua busca interdisciplinar, estabelecendo pontes com áreas como estudos culturais, psicologia, história e outros. Essa abordagem interdisciplinar pode oferecer um retrato mais matizado e contextualizado das masculinidades negras.

Retomando os preceitos de Fanon (2020, p. 131), laconicamente abordados pela epígrafe, vemos que o autor confirma que a colonização e o racismo têm impactos profundos na psique do homem negro, levando-o a internalizar a imagem negativa perpetuada pela sociedade branca. O autor reforça que o homem negro é “sobredeterminado a partir do exterior”, não “escravo da ideia que os outros fazem dele, mas da sua aparência” (Fanon, 2020, p. 131).

Nessa ótica, compreende-se como as representações racistas da masculinidade negra afetam nossa subjetividade, sendo internalizadas e reproduzidas em nosso comportamento (Fanon, 2020). Já pela perspectiva do feminismo negro,

aqui representada por bell hooks (2019a; 2019b; 2022), a opressão do homem negro não pode ser entendida de forma isolada, mas sim em relação às opressões enfrentadas pelas mulheres negras e outras minorias.

Isso posto, torna-se possível compreender a interconexão entre as representações racistas da masculinidade negra e as representações sexistas em que a luta contra o racismo e o patriarcado deve ser articulada de maneira conjunta, reconhecendo a complexidade das opressões interseccionais.

A construção social da masculinidade ocidental hegemônica, posiciona homens brancos em uma hierarquia superior, desenvolvendo estratégias para manter esse status quo, de universalidade, e subordinar outros grupos, incluindo mulheres, LGBTQIA+, negros, indígenas e pessoas com deficiência. A intersecção dessas identidades, como no meu caso, homem, negro, gay e pobre, pode agravar a marginalização e o distanciamento do ideal hegemônico. Homens negros são vistos como ameaça para a vida de homens brancos, mulheres brancas e seus familiares, como elucidado pela epígrafe.

Essas estratégias variam desde a violência física até formas mais insidiosas e simbólicas, para manter essa masculinidade subalterna (Souza R., 2014). Os estudos de Rolf Ribeiro de Souza demonstram que a competição por mulheres contribui significativamente para o sentimento de ameaça que homens brancos percebem em relação aos homens negros. Esta percepção de ameaça, em que homens negros podem roubar as mulheres dos homens brancos, está ligada à representação estereotipada da sexualidade e virilidade dos homens negros, levando a estratégias diversas de subordinação (Souza Rolf, 2009).

Uma primeira estratégia para conter tal ameaça é invisibilizar o homem negro; outra é representá-lo “como contraponto antitético do humano” (Faustino, 2014, p. 83). Estereótipos de hipersexualização são um bom exemplo disso, porque nos reduzem à máxima ‘homens negros têm pau grande’, tratando-nos tanto como potencialmente sexuais quanto como potencialmente irracionais³⁴. Essas construções são ideias que nos aprisionam e desconsideram nossas subjetividades.

A violência institucionalizada também pode ser citada como um exemplo contemporâneo dessa dinâmica. Essa violência possui inúmeras camadas, e no contexto brasileiro alguns de seus desdobramentos são o encarceramento em massa

³⁴ A letra da canção “Lá vem o Negão”, do grupo Art Popular reflete bem esse imaginário. Ver em: <https://www.vagalume.com.br/art-popular/la-vem-o-negao.html>. Acesso em: 13 abr. 2024.

da população negra e o genocídio da juventude negra³⁵. Outro aspecto está na forma negativa que a população negra vem sendo representada na arte literária, o que contribui para perpetuação de estereótipos, e pode ser citada como um exemplo dessa dinâmica.

O controle social não se baseia apenas na repressão direta, mas também nessas estratégias sutis empregadas em diversos contextos, como a criação de representações midiáticas que reforçam estereótipos negativos, posicionando a masculinidade negra como um elemento a ser temido. Por exemplo, o filme de terror norte-americano *King Kong* (1933), dirigido por Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack, perpetua estereótipos negativos ao representar simbolicamente homens negros por meio da imagem de um gorila negro que é primitivo, violento, selvagem e sequestra mulheres brancas para adorá-las³⁶. Por outro lado, a cobertura midiática demonstra esse viés ao descrever pessoas brancas detidas por posse de drogas como “estudantes” ou “jovens”, destacando oportunidades de reabilitação³⁷.

Em contrapartida, quando indivíduos negros são detidos sob as mesmas circunstâncias, são frequentemente rotulados como “criminosos”, “traficantes” ou “bandidos”, com ênfase na punição e na ameaça que eles “oferecem” à sociedade³⁸. Além disso, há casos como o da marca de cerveja Devassa, que veiculam publicidade equiparando mulheres negras a objetos de consumo³⁹. Esses exemplos evidenciam

³⁵ É digno de nota, que a adoção de câmeras corporais no fardamento dos agentes de segurança pública é uma comprovada medida para mitigar essa violência institucionalizada. Alguns exemplos midiáticos que exprimem essa violência, são: a) A minissérie, disponível na Netflix, “Olhos que condenam” (2019), criado por Ava DuVernay, baseada em fatos reais, retrata didaticamente como essa violência se dá nos Estados Unidos, ressaltando como um Estado racista tem o poder de arruinar a adolescência de jovens negros. Veja o trailer em: <https://www.youtube.com/watch?v=H3SUPbl0JII>. Acesso em: 16 jun. 2024; b) No contexto nacional, o quadro “Projeto Inocência”, transmitido no programa Fantástico da Rede Globo, expõe histórias reais de pessoas injustamente condenadas no país, destacando que as vítimas frequentes desses erros judiciários são os negros de comunidades periféricas, que desde o nascimento possuem um potencial suspeito. O episódio de estreia pode ser visto em: <https://globoplay.globo.com/v/8728168>. Acesso em: 25 jun. 2024.

³⁶ O videoclipe da música “King Kong”, de Alexandre Pires, com participação do cantor Mister Catra e do jogador de futebol Neymar, exhibe os três homens negros vestidos e agindo como gorilas. Além disso, a letra da música apresenta uma linguagem pejorativa e associa a figura negra, representada por eles, a uma animalização e hipersexualização. Ver em: <https://globoplay.globo.com/v/1944058>. Acesso em: 16 abr. 2024.

³⁷ A título de exemplo, temos a notícia “Estudante de direito e enfermeiro são presos por tráfico de drogas em Manaus”. Ver em: <https://amazonasatual.com.br/estudante-de-direito-e-enfermeiro-sao-presos-por-trafico-de-droga-em-manaus>. Acesso em: 25 jun. 2024.

³⁸ Um levantamento feito pelo Centro de Estudos Raciais do Insper, em São Paulo demonstra esse aspecto por outra lente, em que enquadra negros como traficantes e brancos (com o mesmo volume de drogas) como usuários. Ver em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pm-sp-enquadra-negros-como-traficantes-e-brancos-com-o-mesmo-volume-de-drogas-como-usuarios-diz-pesquisa>. Acesso em: 25 jun. 2024.

³⁹ Veiculado entre 2010 e 2011, o anúncio de uma nova cerveja da marca Devassa retratava mulher

como as representações midiáticas podem servir como instrumentos de controle social, influenciando percepções e atitudes em relação à masculinidade negra e, conseqüentemente, moldando interações sociais e políticas. Tais representações buscam ainda, marginalizar os homens negros e dissuadir outros grupos, como mulheres negras e brancas, de se associarem a eles e, assim, manter uma ordem sociocultural hierarquizada.

Segundo Conrado e Ribeiro (2017), os estudos das masculinidades devem ser analisados com base nas interações cotidianas, em contraste com a abordagem histórica e hierárquica de subordinação⁴⁰. Nesse contexto, é relevante direcionarmos nossa atenção para o foco desses estudos. Conforme evidenciado pelos capítulos do livro *Masculinidades Negras: novos debates ganhando formas*, organizado pelos pesquisadores Vandelir Camilo e Paulo Melgaço da Silva Junior, a abordagem das masculinidades negras continuam a abranger uma variedade de campos e disciplinas.

O livro em questão traz uma valiosa contribuição ao emergente campo de estudos sobre masculinidades negras no Brasil. Está dividido em duas partes distintas. A primeira consiste em 13 capítulos nos quais pesquisadores nacionais contribuem para enriquecer a discussão sobre o tema por meio de suas experiências, resultando em “um texto reflexivo metapragmático que indissocializa sujeito e objeto de pesquisa” (Camilo; Silva Junior, 2022, p. 16).

Por outro lado, a segunda parte apresenta diálogos e resultados, utilizando um formato de questionário no qual foram propostas cinco perguntas a alguns dos pesquisadores mais renomados de todas as regiões do país, que possuem diversas agendas e inscrições disciplinares, sendo todos reconhecidos por sua liderança e influência. São eles: Alan Augusto Moraes Ribeiro, Deivison Mendes Faustino, Elisete Santana da Cruz, Henrique Restier, Jonas Alves da Silva Junior, Júlio Cerqueira, Marcio Caetano, Megg Rayara, Osmundo Pinho, Paulo Melgaço da Silva Junior, Rolf Malungo, Suely Messeder e Tarcisio Motta (Camilo; Silva Junior, 2022).

Sob essa visão, os pesquisadores Deivison Mendes Faustino e Alan Augusto

negra em uma pose sensual, vestindo um vestido de gala com as costas abertas, acompanhado da mensagem: “É pelo corpo que se conhece a verdadeira negra”. Ver em: <https://virgula.me/inacreditavel/brasil-processa-cervejaria-por-anuncio-que-usa-mulher-como-objeto-de-consumo>. Acesso em: 25 jun. 2024.

⁴⁰ Essa subordinação está relacionada com os preceitos de Raewyn Connell sobre a relação das masculinidades hegemônicas e subalternas. Ela revela que uma das maneiras pelas quais um grupo de homens se estabelece como hegemônico em relação ao outro é por meio da desqualificação, criando e reproduzindo estereótipos que os caracterizam negativamente (Connell, 1995).

Moraes Ribeiro, no ensaio “Negro Tema, Negro Vida, Negro Drama: Estudos sobre Masculinidades Negras na Diáspora”, ratificam a existência de três abordagens interpretativas principais sobre masculinidades negras na diáspora: a) como uma categoria homogênea e monolítica, que ignora as diferenças e complexidades dentro dessa categoria; b) como uma categoria heterogênea e multifacetada, que reconhece as diferenças e complexidades dentro dessa categoria, mas pode reforçar estereótipos negativos sobre homens negros; c) como uma categoria heterogênea e multifacetada, que reconhece as diferenças e complexidades dentro dessa categoria e busca entender as intersecções entre raça, gênero, classe, etnia, sexualidade e nacionalidade na construção das experiências de homens negros na diáspora (Faustino; Ribeiro, 2017).

Assim, na análise de *Navios Iluminados*, adotaremos a terceira abordagem interpretativa das masculinidades, fundamentando-nos na compreensão de que, especialmente quando contextualizada com a interseccionalidade de raça e classe, a análise do texto literário proporcionará uma apreensão abrangente da masculinidade em sua complexidade e diversidade.

No capítulo seguinte, abordaremos questões concernentes aos estudos literários em relação aos estudos da masculinidade negra e possíveis diálogos com outros campos de estudos, como também apresentaremos algumas representações de homens negros em romances menos canônicos da década de 1930 e, por fim, divulgaremos o escritor Ranulfo Prata.

2 (IN)VISIBILIDADE DE HOMENS NEGROS: REPRESENTAÇÕES E ESTEREÓTIPOS EM ROMANCES MENOS CANÔNICOS DA DÉCADA DE 1930

2.1 HOMENS NEGROS, MASCULINIDADES E SUAS REPRESENTAÇÕES: A RELAÇÃO ENTRE OS ESTUDOS LITERÁRIOS E OUTROS ESTUDOS

Os estudos literários têm sido um domínio de interface com outros campos de estudos. Esse movimento é uma tentativa de enriquecer a prática analítica dos textos literários, assim como das áreas e temáticas com as quais estabelece relações. Uma demonstração exemplar são os estudos da mulher na literatura. A crítica literária feminista constatou que “as representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina” (Telles, 2004, p. 341).

Por isso, a crítica feminista brasileira tem adotado alguns desdobramentos para lidar com a questão. Alguns deles dizem respeito a: análise da representação das questões de gênero na literatura; exame da literatura contemporânea de autoria feminina; revisitação do cânone literário, lançando luz aos escritos das escritoras femininas do século passado. Para execução de tais desdobramentos, faz-se necessária a cooperação entre os estudos literários e os estudos de gênero. Assim, a forte interlocução dos estudos literários com outros campos de estudos robustece tanto o entendimento do texto literário quanto lança luz para os dilemas contemporâneos.

Nesse sentido, pretendemos aqui, estabelecer as relações da Literatura, como campo de estudo, com outras áreas do conhecimento, tendo como fio condutor a representação das masculinidades negras. O objetivo não é esgotar as reflexões sobre as possibilidades de cooperação entre os estudos literários com os estudos das masculinidades negras, mas estimular o interesse no desenvolvimento de novos caminhos que contribuam para o crescimento da análise literária nessa perspectiva.

2.1.1 Que Negro é esse na Literatura Brasileira?

Para reconhecer o lugar do negro na literatura brasileira, é necessário, antes de tudo, termos em mente que nossa Literatura se origina “a partir da afirmação de

um complexo colonial”, isto é, a partir da documentação – “crônica histórica” – feita pelos portugueses, do processo de colonização (Bosi, 2017, p. 11-13). A sociedade colonial era constituída por uma diversidade de identidades dinâmicas, que contemplavam africanos, indígenas e portugueses, cada qual, ocupando uma posição na hierarquia social.

Com o tempo, a dominação e a exploração dos portugueses encontraram resistências, marcando a história de nosso país. Desvincular-se de Portugal era um desejo do Brasil, que aspirava alcançar autonomia econômica e política para então, construir uma identidade nacional. Esse sentimento pungente não passou despercebido pela literatura nacional, que o tencionou com afinco.

Nessa seara, Alfredo Bosi amplia a discussão em *História concisa da literatura brasileira* (2017, p. 11), quando elucida:

A Colônia é, de início, o objeto de uma cultura, o "outro" em relação à metrópole: em nosso caso, foi a terra a ser ocupada, o pau-brasil a ser explorado, a cana-de-açúcar a ser cultivada, o ouro a ser extraído; numa palavra, a matéria-prima a ser carregada para o mercado externo. A colônia só deixa de o ser quando passa a sujeito da sua história. Mas essa passagem fez-se no Brasil por um lento processo de aculturação do português e do negro à terra e às raças nativas; e fez-se com naturais crises e desequilíbrios.

O contexto histórico-cultural demonstrado por Bosi (2017) facilita uma compreensão inicial da conjuntura de autoria e representações literárias no país. Ao observar o sistema literário brasileiro, pode-se afirmar que o desequilíbrio e as crises ao qual Bosi se refere dizem respeito também à autoria e representação da população negra, o “outro” nesse contexto. Assim, o negro na literatura brasileira “só ganha presença mais significativa a partir do século XIX”, e reflete um olhar de diferença (Proença Filho, 2004, p. 162).

Em “A trajetória do negro na literatura brasileira”, Proença Filho (2004) apregoa que, no âmbito do discurso literário nacional é possível identificar dois paradigmas que marcam a trajetória do negro: a) uma literatura sobre o negro, em que a condição negra é objeto, numa visão distanciada; b) uma literatura do negro enquanto sujeito, numa atitude compromissada. A visão estereotipada vê o negro com estranheza e inferioridade, em uma visão distanciada, sendo ele o “outro” representado em uma lente contrária ao do grupo dominante (hegemônico).

Escravo nobre, negro vítima, escravo demônio, pervertido, negro e mestiço

erotizado, negro exilado na cultura brasileira, negro fiel, morena sensual, negro injustiçado, ressentido, marginal, violento, agressivo e passional são alguns dos estereótipos e distorções que compõem o quadro da trajetória do negro na literatura brasileira (Proença Filho, 2004). O interessante é notar que eles refletem as ideologias e atitudes historicamente marcados da estética de matriz eurocêntrica, a estética dominante (Proença Filho, 2004; Dalcastagnè, 2011).

Exemplificando essa tendência, obras como *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo apresentam homens negros e mulheres negras sob a ótica da animalidade e de uma sexualidade que ameaça os valores estabelecidos (Evaristo, 2005; Proença Filho, 2004). É importante notar, no entanto, que como uma obra naturalista, *O Cortiço* adota esse viés de animalização para com todos os personagens, independentemente de sua etnia. Analogamente, o conto “Um negro vai à fora”, de Edilberto Coutinho, simboliza o negro como marginal, violento, passional e agressivo (Proença Filho, 2004).

No ensaio “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, Regina Dalcastagnè apresenta e discute os resultados de sua pesquisa sobre os 258 romances de autores brasileiros publicados pelas três mais importantes editoras do país, Companhia das Letras, Record e Rocco, entre os anos de 1990 e 2004. A pesquisa demonstra que, no final do século XX e no começo do século XXI, há uma baixa participação de homens e mulheres negras nas narrativas brasileiras, tanto como autores quanto como personagens, acentuando que no Brasil, há tempos, o racismo estrutural⁴¹ afasta a população negra dos espaços de poder e de produção de discurso (Dalcastagnè, 2011).

Consequentemente ao desequilíbrio autoral constatado pelos resultados alcançados por Dalcastagnè (2011), há um desequilíbrio ficcional da população negra que não se vê verdadeiramente retratada nos textos literários brasileiros. A pesquisadora chega a outras importantes conclusões, quais sejam: a) as personagens desses romances são, em sua maioria, brancas, do sexo masculino e das classes médias; b) sobre outros grupos, imperam os estereótipos; c) as mulheres brancas

⁴¹ Endossamos a perspectiva de Silvio Almeida ao entender que o racismo estrutural se refere a um sistema em que o preconceito racial não é apenas um conjunto de crenças individuais, mas está incorporado nas estruturas e instituições da sociedade, favorecendo um grupo racial em detrimento de outros. Esse fenômeno vai além de ações individuais e manifesta-se nas políticas, normas e práticas que perpetuam desigualdades com base na raça ou etnia. Trata-se de uma forma de injustiça sistêmica que impacta vários aspectos da vida de pessoas negras, como educação, emprego, habitação e justiça (Almeida, 2020).

aparecem como donas de casa; d) as mulheres negras, como empregadas domésticas ou prostitutas; e) os homens negros, como bandidos (Dalcastagnè, 2011).

A partir dessa pesquisa, podemos observar que a visão estereotipada⁴² e marginalizante em relação à população negra ainda persiste no século XXI, sem ter sido completamente superada. Há uma predominância de um discurso literário em que a condição negra é objeto. Essa constatação decorre do domínio avultado de homens brancos pertencentes à classe média coordenando a produção literária canônica brasileira, na qual centram uma visão de colonização que negligencia a complexidade da formação histórico-cultural do Brasil, refletindo uma falsa identidade cultural homogênea (Dalcastagnè, 2011).

Essa perspectiva permite entender que, do mesmo modo como a colônia era vista apenas como fonte de matéria prima para metrópole, a literatura brasileira lidou com os personagens negros como se fossem meros acessórios que enriqueciam narrativas centradas em protagonistas brancos. Assim, é crucial reconhecer⁴³ e problematizar essas representações na literatura brasileira, visto que elas não apenas perpetuam visões estereotipadas, mas também ocultam a complexidade, a resistência e a riqueza das experiências da população negra no Brasil. Promover um discurso literário mais inclusivo e representativo é um passo essencial para dismantelar estruturas prejudiciais de poder e dar voz a narrativas historicamente silenciadas.

Isso não quer dizer que a arte literária deixará de lado seu valor estético, pelo contrário, “a arte literária compromissada precisa ser arte literária antes de ser compromissada, sob pena de descaracterizar-se e perder seu poder de repercussão mobilizadora” (Proença Filho, 2004, p.187). Inclusive, é importante e apropriado referirmos à “presença do negro” ou à “condição negra” na literatura brasileira (Proença Filho, 2004, p.188), isto é, além de representar, discutir identidades, histórias e experiências negras dentro do contexto literário nacional.

Nesse sentido, Proença Filho (2004) elucida que a literatura do negro tem se centrado em apresentar um compromisso intrínseco com a defesa da identidade cultural, visto que o negro desponta como sujeito do seu discurso e agente de suas

⁴² Segundo Hall (2016, p. 173), estereotipado significa: “reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadoras”.

⁴³ Na visão de hooks (2019a), quanto à representação de homens negros, para além do reconhecimento de estereótipos, deve-se analisar as seguintes questões: a) o contexto; b) a forma; c) o público; d) a experiência. Isso porque são elas que frequentemente servem de base para a construção das imagens.

próprias ações. Luís Gama (1850-1882) e Lima Barreto (1881-1922) são apontados como precursores. O primeiro, por “falar em versos do amor por uma negra”, e o segundo, por retratar “a história de uma mulata, filha de um carreteiro de subúrbio, iludida, traída e sofrida por causa de sua cor” (Proença Filho, 2004, p. 175-176).

Após os precursores, a coisa vai tomando fôlego e ganhando forma, chegando a uma transcodificação (Cf. 1.3.3) do imaginário social frente às representações na literatura. Assim, ocorreu a afirmação cultural da condição negra por meio de vários escritores na realidade brasileira. Entretanto, é importante acentuar que nada é por acaso; essa tomada de posição no discurso literário está intimamente ligada aos movimentos de conscientização dos negros brasileiros. Manifestações literárias comprometidas com a valorização étnica orgulho étnico, luta pela afirmação e reconhecimento social da comunidade negra são resultados desse movimento (Proença Filho, 2004).

Portanto, considera-se salutar reconhecer a abertura quanto à representação do negro na literatura. Reforçamos o entendimento de que a literatura abraça a multiplicidade de perspectivas, permitindo que autores, negros ou não, expressem temas pertinentes ao negro (Proença Filho, 2004). A questão crítica gira em torno de como esses escritores contribuem, ou não, para a representação do negro e sua imagem, e de que maneira elas refletem diretamente as concepções, ideologias e realidades da época em que são concebidas.

Dessa forma, ao se considerar o meio literário brasileiro, enquanto produtor de discursos, constata-se a presença de uma relação hegemônica tanto no quesito autoral quanto no quesito protagonismo ficcional. Predomina-se o discurso hegemônico (escritores brancos) sobre o negro, que representa de forma generalizada e estereotipada, tal como o descreve como menos digno, sem individualidades e complexidades. Esse contraste se dá ao compararmos pela forma como o grupo hegemônico é representado.

No entanto, percebemos uma pequena ruptura no meio literário. Ela tem permitido possibilidades de autonomia dos subalternos (escritoras e escritores negros). Essa autonomia reflete no rompimento de um silenciamento imposto pelo poder hegemônico e se revela profícua por permitir o próprio agenciamento na representação literária.

Portanto, reconhecemos o valor emblemático das pesquisas de Proença Filho (2004) e, sobretudo, de Delcastagnè (2011), uma vez que, por meio delas, é possível

reconhecer a presença e, conseqüentemente, subalternidade do negro na literatura brasileira. Acredito que, tais constatações são o fomento necessário para novos debates, questionamentos e rupturas de perspectivas homogêneas sobre a população negra e sua representação na literatura brasileira.

2.1.2 Masculinidades e Estudos Literários

Notamos, até o momento, que a literatura levanta uma diversidade de questões sociais complexas. Para problematizar tais questões, pesquisas em estudos literários engajam-se em diálogos com uma ampla gama de áreas do conhecimento, incluindo os estudos de gênero, que, por sua vez, possuem uma vertente investigativa do universo da masculinidade. Com base nisso, torna-se viável a pesquisadores dos estudos literários a promoção de um diálogo crítico entre análise literária e estudos das masculinidades.

No entanto, ao considerarmos as pesquisas em estudos literários, publicadas em território nacional, percebemos que essa interlocução com o campo das masculinidades ainda é tímida. Segundo Canassa (2018), há um pequeno número de teses e dissertações, na área de Letras, linguística e artes, cujos estudos são do âmbito das masculinidades. Acreditamos que novos pesquisadores possam vir a se interessar mais pela temática, dados os fortes debates sociais a seu respeito. Entendemos que essa ótica lança luz em aspectos até então não explorados pela crítica literária, o que demonstra seu promissor potencial analítico para contribuições originais e relevantes.

Conforme observado por Luiz Carlos Santos Simon (2016, p. 11), “a amplitude das masculinidades requer do pesquisador uma divisão que facilite o acesso às particularidades da temática e viabilize a exequibilidade de um projeto dessa natureza”. Na tentativa de tornar cativantes e concretas novas pesquisas sobre as manifestações das masculinidades na literatura, Simon apresenta desdobramentos temáticos para essa empreitada, são eles:

- a) as masculinidades segundo o espaço geográfico; b) as masculinidades segundo contextos de época; c) o corpo; d) estudos de masculinidades e estudos feministas; e) as masculinidades e os gays; f) a violência; g) a paternidade; h) educação, infância e juventude; i) a homossexualidade; j) masculinidades hegemônicas e subalternas; k) crise do homem ou das masculinidades e vitimização;

1) virilidade, desempenho e honra; m) representações na mídia; n) questões de gênero - masculino, feminino, homens, mulheres; o) estereótipos e suas alternativas; p) relações familiares; e q) amor, afetos e emoções (Simon, 2016, p. 12).

O pesquisador complementa, informando que pode haver uma convergência entre os desdobramentos, mas, ao focar em um deles, permite-se que ele seja “o eixo do trabalho” (Simon, 2016, p. 12). Nesse sentido, na perspectiva dos estudos literários que focalizam as práticas sociais próprias do universo masculino, podemos investigar a reprodução das relações de poder entre os gêneros, trazendo à luz elementos específicos das representações dos homens.

Ao identificarmos os signos de masculinidades nos textos literários, precisamos estar embasados em teóricos que reconheçam que as representações são moldadas por contextos histórico-culturais variados (Ferreira Junior, 2018), logo, não são simples reflexos do que significa ser homem. Além disso, Ferreira Junior (2018) pondera que é preciso considerar a performatividade⁴⁴ das práticas de gênero observáveis nesses textos - ou seja, como tais representações das masculinidades se dão por meio das ações dos personagens, das expectativas que eles enfrentam e das maneiras como eles respondem a essas expectativas. Neste estudo, temos como eixo as masculinidades negras, por esse motivo investigamos qual seu lugar nessa hierarquia social de poder.

Observando a literatura brasileira de maneira holística, identificamos a predominância negativa da representação da população negra (Brookshaw, 1983; Proença Filho, 2004; Evaristo, 2005; Dalcastagnè, 2011; Santos, 2019). As construções sociais visam forjar a identidade de mulheres e homens negros pelo valor do sistema patriarcal, predominantemente branco. Diante disso, pode-se afirmar com segurança que o campo literário brasileiro reproduziu valores de uma sociedade racista e machista.

Ao focalizar especificamente a representação de homens negros, percebemos diferentes faces dessas representações distribuídas em diferentes períodos literários. Quando a ótica analítica das masculinidades negras é acionada

⁴⁴ Conforme delineado por Judith Butler (2015), o conceito de gênero é entendido como cultural e performático, destituído de essência ou materialidade inata. Portanto, essa performatividade possibilita a reconfiguração contínua das identidades de gênero, desfazendo a tradicional dissociação entre sexo biológico e expressão de gênero. Em outras palavras, a filiação ao sexo masculino ou feminino não determina necessariamente comportamentos; ao contrário, é a interação social que molda as práticas e performances específicas através das quais os indivíduos se ajustam e participam na sociedade.

frente ao texto literário, algumas estratégias podem ser tomadas para perceber as nuances das relações de poder ali representada. Essas nuances, se manifestam em diferentes aspectos; alguns deles são: a) ações e comportamentos dos personagens; b) estilos de fala dos personagens; c) forma como os homens negros expressam seus pensamentos e suas emoções; d) relações interpessoais (mulheres - crianças - figuras de autoridade - outros homens); e) construção dos personagens dentro do contexto sócio-histórico da obra; f) comparação desses personagens com outros personagens masculinos da obra em questão. Felício, personagem do romance *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata, por exemplo, tem práticas cotidianas que não estão associadas à masculinidade tradicional (Cf. cap. 3), subvertendo uma das normas estabelecidas aos homens. Por esse motivo, o personagem demonstra ser digno de análise nesta dissertação.

Sobre o diálogo entre masculinidade e estudos literários, salientando-o como profícuo, Ferreira Junior (2018) assinala que se estabelece uma significativa compreensão para ampliação do entendimento acerca da extensão e das rupturas dos padrões de masculinidade. Entretanto, aos novos pesquisadores nessa seara, é importante elucidar: é necessário estabelecer uma conexão entre os textos literários, seus temas e elementos, e as contribuições teóricas disponíveis sobre masculinidade, que irão iluminar a análise (Simon, 2016).

Nesse caso especificamente, em que focalizamos as masculinidades negras, também é importante não perder de vista que “a literatura pode levar à revisão necessária da realidade convencionalmente aceita, ou pode recriar outras narrativas, evocando sua reescritura a partir de paradigmas alternativos de explicação” (Schollhammer, 2013, p. 148 *apud* Ferreira Junior, 2018, n.p.). Portanto, ao adotarmos as perspectivas teóricas específicas sobre as masculinidades negras, estamos considerando suas subjetividades que nos levam à compreensão de como as vivências e expressões do masculino negro são impactadas pelo racismo epistêmico e estrutural.

Em consonância com essa perspectiva, Ferreira Junior (2018) enfatiza ser preciso identificar a masculinidade como uma ordem dominante e naturalizada que possui signos. Assim, por meio do texto literário, podemos verificar as possíveis fragilidades da realidade comunicada, dentro de um contexto histórico e social que não deve ser desconsiderado, e constatar se a literatura brasileira apresenta novas configurações de representação do homem negro.

Ademais, cabe mitigar equívocos em relação às masculinidades negras. Primeiro, masculinidade negra é uma vertente dos estudos das masculinidades, tal quais as masculinidades indígenas, latinas e outras. Segundo, dependendo do espaço sócio-histórico em que a masculinidade está inserida, pode ser subalterna⁴⁵ a uma outra. No contexto brasileiro, a masculinidade negra é subalterna à masculinidade hegemônica - homens brancos, heterossexuais, cisgêneros, de classe média ou alta. A conjuntura sócio-histórica brasileira dá conta de testificar como o poder hegemônico idealiza e firma a condição de subalterno do homem negro, culminando na sua total desumanização e animalização (Conrado, Ribeiro, 2017; Faustino, 2014; Pinho, 2004).

Convém informar outro ponto: masculinidades negras não dizem respeito a homens negros como um grupo homogêneo. Logo, não pode ser interpretada como um conceito que abrange pessoas individualmente, ou grupo de pessoas como um todo (Conrado; Ribeiro, 2017). Além disso, o enfoque das masculinidades negras face aos estudos literários é recente, mas não menos profícuo para a compreensão das dinâmicas do poder hegemônico. Nesse sentido, defendemos o ato de questionar as representações hegemônicas das masculinidades negras na literatura brasileira, porque, ao fazê-lo, geramos debates, reflexões e, quem sabe, o início de um rompimento, em que soluções e inovações impactem e aperfeiçoem a vida de homens negros no país.

Como vimos anteriormente, a literatura brasileira perpetuou visões eurocêntricas em relação à população negra. Portanto, ao explorar os estereótipos na literatura, em relação aos homens negros, as ideias de Scott (1995) sobre as relações de gênero, dialogam com nosso eixo temático. Elas destacam que o gênero é um fenômeno global que não apenas perpetua desequilíbrios de poder historicamente enraizados, mas também culminam em uma estrutura patriarcal que influencia e é influenciada por todas as instituições sociais, inclusive a cultural, da qual a literatura faz parte (Eagleton, 2005), e desempenha um relevante papel.

Por isso, a representação literária de homens negros produz significados que

⁴⁵ Reforçamos o uso de masculinidade subalterna como um modelo de masculinidade subordinado ao modelo hegemônico que sobre ela exerce poder (Kimmel, 1998; Connell, Messerschmidt, 2013). O pesquisador Osmundo Pinho a situa no contexto brasileiro: “contra o macho adulto branco, pode-se observar a existência social de outras posições de sujeito masculinas subalternizadas, que seriam, em termos gerais, aquelas identificadas com homens negros, pobres ou homossexuais” (Pinho, 2004, p. 66).

se acumulam ao longo do tempo e escancaram esses desequilíbrios. Em geral, essas significações reproduzem estereótipos que simplificam as identidades dos homens negros e os colocam à margem. Portanto, torna-se imperativo entender que a literatura, embora seja uma ferramenta poderosa de representação cultural, não constitui o único meio de compreensão da complexidade das masculinidades negras; também se incluem revistas, novelas, peças teatrais, propagandas, memes da internet, entre outros (Souza Rolf, 2009).

À vista disso, para que a análise da representação do homem negro, em romances brasileiros, seja vista em sua totalidade, é necessário voltar os olhos para suas especificidades e identificar como aparecem essas significações culturais. Não há dúvidas de que especificidades como a intersecção de marcadores de diferença, como gênero, raça e classe social, amplia as possibilidades de leituras analíticas, tornando-as mais minuciosas. Com elas, as dinâmicas de privilégios e limitações dos personagens frente aos espaços de poder são manifestadas, evidenciando uma interpretação contextualizada das normas sociais vigentes na época da publicação do texto literário em análise.

É imprescindível compreender também o lugar de opressão, dominação, violência e abandono que esses homens figuram, ou que se espera que figurem, frente às mulheres de seu convívio, buscando assim expor como essas identidades foram percebidas e construídas socialmente. hooks (2019b, p. 133) alerta: “raça e classe determinam a capacidade do indivíduo de afirmar a dominação e o privilégio masculino”. O racismo e o machismo são “sistemas interligados de dominação” que se reafirmam e se sustentam mutuamente (hooks, 2019b, p. 133). Em outras palavras, as estruturas de poder que perpetuam o racismo também tendem a perpetuar o machismo, e o contrário também.

A condição de opressão histórica que aflige homens negros está entrelaçada nos âmbitos político, cultural e econômico. Ao analisar as representações das masculinidades negras na Literatura, torna-se necessário fazer incursões interdisciplinares, permitindo que outras áreas de estudo contribuam com a pesquisa. Embora distintos em suas abordagens, os estudos literários, os estudos culturais e os estudos das masculinidades convergem em suas preocupações com a representação e a identidade de homens negros na sociedade.

2.1.3 Homens negros, masculinidades e representação

O projeto dos estudos culturais é entender como a cultura opera, especialmente ao explorar a ideia do “outro” - alteridade⁴⁶, ou seja, como as práticas e manifestações culturais são produzidas e como as identidades culturais são construídas e organizadas, para os indivíduos e grupos em um mundo de diversidades (Hall, 2016). Assim, é válido questionar: o que se entende por cultura? Entre as diversas definições que esse conceito recebe, elencamos o de Terry Eagleton, por melhor expressá-lo:

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último (Eagleton, 2005, p.184).

Podemos assinalar que cultura é importante para nossa identidade, pois é a maneira como experienciamos a vida. Ressaltamos, ainda, duas dimensões da cultura, uma em que ela abrange os costumes tradicionais e formas de vida específicas de um povo. A outra, como formatadora de identidades, isto é, desempenhando um papel em que ela molda a identidade, os valores e interações sociais dos indivíduos (Eagleton, 2005).

Dessa maneira, os estudos culturais e os estudos literários são campos que dialogam, pois analisam a Literatura como uma prática significativa, por consequência, uma prática cultural entre outras (Eagleton, 2005). É válido mencionar que, ao abordar as relações entre esses dois campos de estudos, Jonathan Culler as agrupa em dois tópicos: a) a questão dos cânones literários; b) os métodos apropriados para análise de objetos culturais.

No primeiro, há duas questões. Por um lado, o reconhecimento das reivindicações dos estudos culturais pelo questionamento e ampliação do cânone literário tradicional e ideologicamente fechado, composto em sua maioria por autores homens, brancos e europeus; do outro lado, a advertência de que não se pode questionar ou desconstruir esse cânone sem conhecê-lo (Culler, 1999). De acordo com Jonathan Culler, o crescimento dos estudos culturais tem influenciado a

⁴⁶ Hall (2016) advoga pela ideia de que o contexto pós-moderno global representa uma abertura ambígua para a diferença e para as margens. Isso porque há um contínuo movimento de descentralização da narrativa ocidental. No entanto, vem acompanhado de uma resistência agressiva às diferenças.

expansão do cânone literário, refletindo uma maior inclusão de diversos grupos. Culler afirma:

Até agora, o crescimento dos estudos culturais acompanhou (embora não tenha causado) uma expansão do cânone literário. A literatura que é ensinada amplamente hoje inclui textos de mulheres e de membros de outros grupos historicamente marginalizados. [...] O que mudou é um interesse na escolha de obras que representem uma gama de experiências culturais e também uma gama de formas literárias (Culler, 1999, p. 53-54)

No segundo tópico, Culler sublinha não ser adequado limitar o texto literário a um documento sintomático das questões das culturas populares ou de massa, de etnia, de gênero e demais problemas sociais, sem qualquer trabalho de análise voltado para o modo como essas representações são construídas, ou ainda, como esses efeitos são produzidos (Culler, 1999). Em suma, Culler (1999) sugere que, a expansão do cânone deve ser acompanhada por uma análise crítica das formas e processos de representação.

Sob outro prisma, Stuart Hall sustenta o discernimento de que os significados culturais não são estáticos ou intrinsecamente definidos, mas antes são produtos de relações mutáveis de diferença. Cultura, portanto, é um campo de significação constantemente negociado e reconstruído (Hall, 2016). Desse modo, a análise literária e cultural deve ser um processo frequente de investigação crítica, considerando a diversidade de experiências, as formas literárias, como também a construção e reconstrução dos significados culturais no tempo. Esse entendimento é crucial ao investigar os homens negros na literatura brasileira porque as representações não são fixas, mas sim influenciadas e (re)modeladas pelas dinâmicas de poder que rondam a cultura brasileira.

Nesse sentido, a literatura brasileira ao representar homens negros, transmite e participa desses processos culturais de significação e identificação. Tais representações são construções de um complexo jogo de relações ideológicas, culturais e sociais que apresentam um potencial tanto para refutar quanto para enrijecer estereótipos vigentes, em função do contexto histórico e dos discursos predominantes na época da produção literária.

Nas relações entre esses campos de estudos, consideramos necessário recorrer a Kabengele Munanga (2003), pois o teórico reconhece a natureza construída

e ideológica da categoria raça, que permeará nossa análise. Nas palavras do teórico:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam (Munanga, 2003, n.p.).

O entendimento de raça como construção social é importante, porque denota ser moldada por estruturas de poder e hierarquias sociais para amparar ou conservar desigualdades e discriminações. O racismo seleciona quem tem acesso aos bens, e essa seleção acontece pelo fenótipo (Moore, 2007). Nesse sentido, o racismo cria barreiras para o homem negro expandir e vivenciar suas masculinidades. Ficamos limitados e não conseguimos atingir as expectativas hegemônicas de masculinidades (Restier, 2019).

Por isso, o diálogo entre os estudos literários, as masculinidades negras, os estudos culturais e outros estudos são essencialmente relevantes na análise crítica das representações de homens negros, porque por meio delas é possível desnudar como tais representações são construídas e negociadas dentro de um contexto sócio-histórico específico.

Convém destacar que a população negra foi escravizada no Ocidente; dessa forma, foram subalternizados em relação ao colonizador. No campo das representações, essa inferioridade evidencia-se de maneira exorbitante. Hall (2016), apregoa que a significação está na diferença, e essa diferença carrega uma mensagem. Homens negros, frequentemente representados de forma estereotipada por diversas esferas culturais, recebem significações negativas (Cf. anexo D).

Por exemplo, Rolf Ribeiro de Souza (2009) descreve o estereótipo do homem hiperssexualizado, o negão, veiculado na televisão brasileira: “fisicamente forte e dotado com uma excepcional capacidade sexual. Ele é uma ameaça ao homem branco por seu apetite insaciável e pela sua diabólica sensualidade, irresistível para a mulher branca” (Souza Rolf, 2009, p.104).

Esses estereótipos perpetuam narrativas eurocêtricas, colocando o negro em uma condição incompleta, nunca reconhecido em sua totalidade. Stuart Hall (2016) explica que existe um regime de representação que se refere ao repertório de imagens

e efeitos visuais pelos quais a diferença, ou seja, o “outro” é representado em dado momento histórico. A representação recorrente do homem negro hiperssexualizado, como apontado por Rolf Souza (2009), pertence a um regime racializado de representação que constrói a imagem dos negros no imaginário cultural. Ao abordar como a “diferença” e a “alteridade” são representadas em diversas culturas, é importante reconhecer que certas práticas e figuras representacionais tendem a serem repetidas com variações. Como Hall (2016, p. 150) observa:

Cada imagem tem seu próprio significado específico. No entanto, em um sentido mais amplo sobre como “diferença” e a “alteridade” são representadas em determinada cultura, num momento qualquer, podemos ver práticas e figuras representacionais semelhantes sendo repetidas, com variações, de um texto ou local de representação para outro.

Em *Crítica da imagem eurocêntrica* (2006), Shohat e Stam discutem a questão do realismo das representações, destacando que “reconhecer a inevitabilidade da representação não significa que ‘não há nada em jogo’” (Shohat; Stam, 2006, p. 262). Boas ou não, essas representações forjam como homens negros são vistos socialmente, influenciam sua autoimagem e reforçam estereótipos (Souza Rolf, 2009).

Não existe uma verdade absoluta nas representações culturais, como afirmam Shohat e Stam (2006, p. 263):

[...] a despeito de que não existe uma verdade absoluta, nenhuma verdade distante da representação e da disseminação, ainda existem verdades contingentes, qualificadas a partir de certas perspectivas, que informam a visão de mundo de certas comunidades.

Dessa forma, as representações das masculinidades negras são ideológicas e não fixas. Sob essa perspectiva, ao analisar as consequências das representações do homem negro, Rolf Ribeiro de Souza demonstra como estereótipos, introjetados pela cultura popular, desqualificam as masculinidades negras e as classificam como fracassadas, enquanto a masculinidade branca é idealizada (Souza Rolf, 2009). A arte, como argumentam Shohat e Stam, é um reflexo e uma construção da realidade social, situada historicamente. Segundo os autores:

A consciência humana e a prática artística, argumenta Bakhtin

[Mikhail]), não entram em contato com o "real" de maneira direta, mas através dos canais do mundo ideológico que nos rodeia. A literatura, e, por extensão, o cinema, não se referem ao "mundo", mas representam suas linguagens e discursos.

[...] já as representações artísticas são ao mesmo tempo sociais, precisamente porque os discursos que a arte representa são eles próprios sociais e históricos. Para Bakhtin, a arte é inegavelmente social não porque representa o real, mas porque constitui uma "enunciação" situada historicamente - uma rede de signos endereçados por um sujeito ou sujeitos constituídos historicamente para outros sujeitos constituídos socialmente, todos imersos nas circunstâncias históricas e nas contingências sociais (Shohat; Stam, 2006, p. 264)

A arte literária, enquanto enunciação, ocorre dentro de um contexto social e histórico particular, participando da construção e/ou contestação das normas e narrativas que figuram realidades. Na literatura brasileira, a representação do "outro" – homens negros – é mais do que uma simples representação; ela possui significado, "fala" (Hall, 2016, p. 146).

Os textos literários coloniais e pós-coloniais frequentemente contêm estereótipos destinados à dominação e exploração do "outro" (Bhabha, 1998). No contexto brasileiro, reiteramos a forte presença de estereótipos forjados no imaginário popular (Pinho, 2004). A complexidade e a contradição desses estereótipos refletem as crenças multifacetadas do grupo hegemônico em relação ao negro. Osmundo Pinho (2004) também aborda a questão da redução de homens negros a estereótipos físicos e comportamentais, pontuando como eles ignoram a individualidade e subjetividade desses homens. Nesse sentido, Homi Bhabha elucida sobre essa cadeia de significação:

É reconhecidamente verdade que a cadeia de significação estereotípica é curiosamente misturada e dividida, polimorfa e perversa, uma articulação da crença múltipla. O negro é ao mesmo tempo selvagem (canibal) e ainda o mais obediente e digno dos servos (o que serve a comida), ele é a encarnação da sexualidade desenfreada e, todavia, inocente como uma criança, ele é místico, primitivo, simplório e, todavia, o mais escolado e acabado dos mentirosos e manipulador das forças sociais (Bhabha, 1998, p. 126).

Enquanto Bhabha (1998) descreve as contradições dos múltiplos estereótipos, Pinho (2004) critica a objetificação do corpo do homem negro, cujas únicas contribuições esperadas são suas habilidades físicas. Por outra ótica, as

representações ocidentais com certa regularidade estereotipam culturas não-ocidentais, reforçando preconceitos e desigualdades (Shohat; Stam, 2006). Complementarmente, Hall (2016) descreve o diferencial do estereótipo:

[...] Estes se apossam das poucas características “simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. Este é o processo que descrevemos anteriormente. Então o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença” (Hall, 2016, p. 191).

Tentativas de romper estereótipos podem inadvertidamente reforçá-los ou introduzir novos modelos construídos pelo imaginário social dominante. Essas práticas de produção de significados são essenciais para um regime de poder simbólico, mas não são imutáveis (Hall, 2016). O autor sugere uma transcodificação do sistema de representação racializado, subvertendo e remodelando as representações estereotipadas com novos significados e narrativas (Hall, 2016). Na mesma linha de pensamento, bell hooks defende que “transformar as representações de homens negros deve ser uma tarefa coletiva” (hooks, 2019b, p. 209).

A participação de homens e mulheres negros na cultura brasileira contemporânea e na produção literária é crucial para se autodeterminar além das representações impostas externamente (hooks, 2022). Hall (2016) aponta que, embora os estereótipos sejam fortes, eles não são estáticos, e há caminhos para mudança e reinvenção das representações.

A representação literária brasileira, influenciada por estereótipos, reflete as dinâmicas de poder predominantes na sociedade. É necessário ressignificar essas representações, “des-representá-las” como um modo prático de desalienação e reconstrução de possibilidades políticas e culturais (Pinho, 2004, p. 66). Hall (2016) sugere três contraestratégias para a problematização dos estereótipos: a) a inversão deste modelo: olhar para os homens negro sem diferenças, da mesma forma como se olha para os homens brancos; b) equilibrar as imagens negativas com positivas: ocupar as posições de produção do discurso, de modo a produzir imagens positivas do homem negro tanto quanto foram as imagens com aspectos negativos; c) o olhar da representação: em que o homem negro seja visto por ele mesmo, negando qualquer tipo de definição que não lhe cabe (Hall, 2016).

Integrando estudos literários, de gênero e culturais, ampliamos o entendimento das dinâmicas de poder na representação literária, compreendendo as singularidades das masculinidades negras no contexto brasileiro. Prospectivamente, a literatura e a crítica cultural oferecem vastas oportunidades para explorar e desafiar as representações dos marginalizados, promovendo a diversidade de identidades no discurso social dominante.

2.2 HOMENS NEGROS E SUAS REPRESENTAÇÕES EM ROMANCES MENOS CANÔNICOS DA DÉCADA DE 1930

Dadas a complexidade e a extensão do gênero romanesco, dispomos de um amplo campo para explorar as diversas facetas das masculinidades. Tal decisão de concentrar os estudos em romances da década de 1930 foi tomada após alguns procedimentos: levantamento de romances do século XX afastados do cânone literário⁴⁷ e análise da presença de personagens masculinos negros nesses romances. A partir dos resultados, notamos que a maior parte dos personagens que se enquadravam no recorte eram de romances publicados na década de 1930. Assim, decidimos focar nossos estudos na representação de homens negros e suas masculinidades nos romances publicados nessa década.

O cenário literário brasileiro passou por drásticas mudanças na transição dos anos finais de 1920 para a década de 1930, que foram legitimadas por reorientações dos caminhos políticos do país. No ensaio “A revolução de 1930 e a cultura”, Antonio Candido (2006) menciona que esse período foi de grande engajamento político, religioso e social que se refletiu de maneira marcante na cultura. Segundo o autor, “mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período” (Candido, 2006, p. 181).

Visto sob os olhos de Bueno (2015), em *Uma história do romance de 30*, o romance brasileiro publicado nesse período pode ser considerado único por sua notável polarização ideológica e estética, que espelha as tensões sociais e políticas daquele período histórico. Foi durante esse período que surgiram autores de esquerda – centrando-se no que é chamado de romance social, prestando mais atenção ao

⁴⁷ Atividade do projeto de pesquisa sobre masculinidade e literatura.

movimento coletivo do que às personagens individuais – enquanto grandes figuras de direita estavam preocupadas com a investigação psicológica e o destino dos seus heróis (Bueno, 2015).

Houve, portanto, um embate significativo entre o romance social e o romance psicológico, testemunhado pela década de 1930. Enquanto o romance social abordava de forma direta as questões coletivas e as injustiças sociais, o romance psicológico se aprofundava nas crises individuais e na introspecção dos personagens. Essa tensão foi frequentemente simplificada pela crítica literária, que muitas vezes ignorava a complexidade e as nuances presentes nas obras. Ela, no entanto, não faz jus à riqueza do período, que demandava uma abordagem crítica mais detalhada. Por isso, em sua pesquisa de doutorado, Bueno (2015) constrói um panorama do desenvolvimento do romance de 1930, captando esse momento de evolução da literatura brasileira. Ele percebe um fluxo perpétuo de dúvida que caracteriza o período que se metamorfoseia de um estado de hesitação impelido pelo ceticismo de Anatole France para outro estado de dúvida, este último caracterizado pela forte polarização política entre direita e esquerda e pela iminência da Grande Guerra. Bueno (2015, p. 15) afirma:

no interior da década, há um movimento contínuo de um estado de dúvida - ainda herdeiro da influência do ceticismo de Anatole France - até outro estado de dúvida - este posterior ao grande debate político, expresso numa forte polarização direita-esquerda, e às portas da Grande Guerra que, todos tinham certeza, decidiria a questão. O romance social ou proletário foi quantitativamente dominante na década, mas seu prestígio teve a tendência de diminuir a partir de um momento de auge em 1933. O romance psicológico, seu antagonista, ao contrário, foi menos numeroso, mas seu prestígio foi se consolidando com o correr dos anos (Bueno, 2015, p. 15).

O movimento modernista de 1922 foi um marco nas letras brasileiras que trouxe uma ruptura com as tradições anteriores – incentivando a criatividade e o espírito de experimentação. Os autores da década de 1930 mantiveram uma conversa tensa com os princípios modernistas enquanto se esforçavam ao mesmo tempo para delinear as suas identidades literárias. Essa divisão estimulou o desenvolvimento da literatura que passou a ser rica e diversificada, porém, gerou conflitos e discussões intensos sobre o papel que o escritor deveria desempenhar e o lugar que a literatura deveria ocupar na sociedade (Bueno, 2015).

As produções da época mostram frequentemente as lutas e antíteses do

período e têm uma visão crítica das desigualdades, sejam elas sociais ou políticas. É essencial expor também que essas divisões acabaram por influenciar a representação do “outro” nesse período, destacando como os escritores representavam as classes mais pobres. Conforme Bueno (2015, p. 16):

Desde o início da década, com livros como *O Quinze* e *Menino de Engenho*, o problema da representação do outro levou a diferentes soluções ideológicas e estéticas, que vão desde a simpatia sem qualquer questionamento até à recusa completa a integrar o outro na ficção.

Nesse sentido, passamos a identificar a presença e/ou ausência dos personagens negros e como isso se dava nos textos literários de escritores de esquerda ou de direita. E, claro, verificamos que estavam presentes nos romances sociais, exatamente por permitirem que o personagem masculino negro fosse explorado por outras temáticas e, ainda, fosse protagonista. Conforme observado por Bueno (2015, p. 23):

O pobre agora chamado de proletário, transforma-se em protagonista privilegiado nos romances de 30, cujos narradores procuram atravessar o abismo que separa o intelectual das camadas mais baixas da população, escrevendo uma língua mais próxima da fala.

A partir de 1933, os “romances proletários” tornaram-se populares e a politização política e literária intensificou-se. Nos últimos anos da década começaram a aparecer sinais de esgotamento do romantismo social, substituídos por uma nova fase de dúvidas e questionamentos que se diferenciaram do ceticismo anterior (Bueno, 2015).

Escritores de esquerda como Jorge Amado, em obras como *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Jubiabá* (1935), retratavam a vida das classes trabalhadoras e as injustiças sociais, com influência marxista e engajamento político. Graciliano Ramos, em obras como *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936) e *Vidas Secas* (1938), abordava temáticas como a opressão e a exploração das classes pobres, refletindo uma visão crítica das estruturas de poder. Érico Veríssimo, em obras como *Caminhos Cruzados* (1935) e *Olhai os Lírios do Campo* (1938), explorava desigualdades sociais e promovia uma visão progressista, buscando conscientizar o leitor sobre as injustiças da sociedade. Dyonélio Machado, com *Os Ratos* (1935), abordava de maneira crítica

a vida das classes trabalhadoras e os desafios enfrentados pelos indivíduos marginalizados na sociedade. Segundo Bueno (2015), Cornélio Penna, Dyonélio Machado, Cyro dos Anjos e Graciliano Ramos são responsáveis por algumas das obras mais bem acabadas e influentes do romance de 30.

Além disso, é importante questionar criticamente a simplificação convencional dos romances regionalistas e psicológicos para uma percepção completa do romance da década de 1930 (Bueno, 2015). O pesquisador argumenta que essa categorização amplamente reconhecida não faz justiça à grande variedade e abundância inerente a estas obras durante este período; falta-lhe riqueza. Em vez disso, uma abordagem detalhada é necessária se quisermos compreender fielmente a complexidade do romance dos anos 30: todo e qualquer lado que valha a pena ver tem uma importância que não pode ser negligenciada ou menosprezada (Bueno, 2015).

O romance de 1930 no Brasil é a melhor exposição dos tumultos ideológicos e técnicos da época, que estavam ligados à polarização política da época, marcada pelo conflito entre conceitos de esquerda e direita, o que teve um impacto significativo na literatura. Essas oscilações envolveram ideologias populares e formalizadas do comunismo, essas ideias também se manifestaram nas artes literárias e na crítica. Os esquerdistas esperavam que os escritores retratassem a injustiça social, enquanto os direitistas tendiam a escrever histórias introspectivas que focavam no eu, evitando assim o conflito social em segundo plano. Também reconhecemos o aumento significativo no tema e os efeitos duradouros que isso teria na literatura. Para compreender plenamente esse rico patrimônio literário, é necessário fazer uma leitura crítica que acolha de braços abertos essa tapeçaria paradoxal: as complexidades, mas também suas nuances (Bueno, 2015).

Nessa lógica, nossa interpretação ficcional é fundamentada em contextos sociais, uma vez que, ao considerar o romance proletário da década de 1930 e reconhecendo sua importância social, compreendemos que a interação entre os elementos “interno” e “externo”, conforme proposto por Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*, serve como um canal de acesso ao tema em questão. Em vista disso, “os elementos de ordem social serão filtrados por meio de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia” das obras (Candido, 2006, p. 24).

Faz-nos necessário salutar compreender a importância do cânone literário nessa dinâmica para entender a representação dos homens negros nos romances

menos canônicos da década de 1930. Roberto Reis dilucida a questão, esclarecendo a noção de cânone:

Nas artes em geral e na literatura, [...] cânon significa um perene e exemplar conjunto de obras – os clássicos, as obras-primas dos grandes mestres –, **um patrimônio da humanidade** (e, hoje percebemos com mais clareza, esta “humanidade” é muito fechada e restrita) a ser preservado para as futuras gerações, **cujo valor é indisputável** (Reis, 1992, p. 70, grifos nossos)

Romances como *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, e *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, por exemplo, possuem esse valor indisputável. No entanto, como já visto anteriormente, a presença da população negra na literatura brasileira é notoriamente limitada, diferentemente dos homens brancos, que predominam em protagonismos das narrativas e no território autoral (Dalcastagnè, 2011). A literatura, portanto, tem escancarado um desequilíbrio: privilégios para uns; impedimentos para outros.

No entender de Reis (1992, p. 72), “ao olharmos para as obras canônicas da literatura brasileira e ocidental, percebemos de imediato a exclusão de diversos grupos sociais, étnicos e sexuais do cânon literário”. Grandes escritoras como Raquel de Queiroz, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Geni Guimarães e tantas outras são um exemplo de como seus escritos não foram adequadamente reconhecidos pelo cânone literário nacional. Pode-se dizer que o mesmo ocorre no campo das representações. Inferimos, portanto, que os homens negros são sub-representados nas obras literárias canônicas.

De acordo com Reis (1992), repensar ou revisar o cânone literário, substituindo autores tradicionalmente reconhecidos por outros menos conhecidos ou por autoras, não é suficiente para resolver as injustiças subjacentes do processo de canonização. O problema central gira em torno da própria existência de um cânone, e sua estrutura de poder que determina o valor das obras, logo, dita quais são ou não dignas de compô-lo (Reis, 1992). Para além da inclusão de novas obras ou autores, deve-se buscar uma transição das práticas e dos critérios de seleção que perpetuam essas desigualdades.

Chegamos a um ponto importante: se homens negros são frequentemente estereotipados em romances canônicos de outros períodos, como visto em *O demônio familiar* (1857), de José de Alencar, *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, entre

tantos outros, como são representados em romances afastados do cânone literário? São representados de outra forma?

Para responder tais perguntas, recorreremos aos romances menos canônicos. Em *Motta Coqueiro ou a Pena de Morte* (1877), de José do Patrocínio, as descrições físicas dos homens negros remetem à feiura e a estereótipos que os reduzem a homens agressivos e violentos. No romance *A Falência* (1901), de Julia Lopes de Almeida, temos tematizadas a presença da vulnerabilidade do povo negro, as condições dos escravizados após a abolição e a criação das favelas, mas as descrições em relação à população negra são pejorativas, levando-os a animalização. Em *A intrusa* (1908), também de Julia Lopes de Almeida, há um personagem negro, Feliciano, que é empregado e é representado como invejoso, que se ressentido pelo que as personagens brancas têm. No romance *A viagem maravilhosa* (1929), de Graça Aranha, observa-se que a obra não apenas nega os componentes étnicos dos negros, mas também minimiza os preconceitos raciais presentes na sociedade da época.

Portanto, podemos constatar que a resposta para a pergunta é não. Romances menos canônicos também representam homens negros de forma estereotipada, e esse fato está ligado ao contexto de produção dessas obras. Vale lembrar que, no final do século XIX e no começo do século XX, o Brasil implementou as políticas de branqueamento, incentivando a imigração europeia para o processo de eugenia da população brasileira. A ideia de que a raça negra era inferior e a branca superior era latente, e os romances direta ou indiretamente refletiram isso.

Sobre como chegamos ao romance *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata para análise, gostaríamos de pontuar. No artigo “Breve panorama do romance brasileiro dos anos 1920”, Luiz Carlos Santos Simon elabora uma análise sintética do desenvolvimento do romance no contexto brasileiro durante os anos que compreendem a década de 1920. Nesse escopo, o autor direciona seu olhar crítico para produções literárias que, apesar de não se encontrarem entre as consideradas canônicas, são merecedoras de reconhecimento e apreciação.

Com o objetivo em mente, Simon (2022) empreendeu uma investigação exaustiva de histórias literárias que datam de meados do século XX em diante. O propósito subjacente a tal empreendimento reside na exposição de romances que ostentam maior recorrência nas histórias literárias ao longo dessa década, concomitantemente à análise aprofundada do conteúdo subjacente às referências e

avaliações internas desses romances. O trabalho desse pesquisador, além de reconhecer o papel fundamental das histórias literárias, buscou somar-se a esta prática dos estudos, ao ampliar o foco nas produções ficcionais do período e propor a leitura ou a releitura desses ricos romances que caíram esquecidos.

Nesse caso, decidimos seguir a mesma abordagem metodológica utilizada por Simon (2022), mas enfocando o período específico de nosso interesse, ou seja, os anos de 1930. O uso de histórias literárias se justifica por servirem como referência para um público diverso, devido ao seu fácil acesso. Assim, nossos objetivos foram os de demonstrar quais são os romances mais citados nas histórias literárias do período em questão, para posteriormente trabalhar com os menos citados. Para isso, valemo-nos apenas da década de 1930. Cabe ressaltar que há possibilidades de contratempos no caminho:

Para chegar a uma relação de obras mais canônicas, é necessário reconhecer as limitações das estratégias. **A opção por recorrer a um conjunto de histórias literárias deriva da materialidade e do caráter de síntese que essas publicações proporcionam.** Levantamentos realizados na rede poderiam auxiliar, mas dependeriam de uso preciso de filtros e são sujeitos a constantes alterações, além de proporcionarem um olhar mais voltado para o contexto contemporâneo, que, embora importante, não é o foco principal desta pesquisa (Simon, 2022, p. 67, grifo nosso).

Com base nessa abordagem, da mesma forma que o autor sinaliza em sua pesquisa, optamos por buscar, sempre que possível, as histórias literárias com data de publicação e reedições mais recentes. Um contratempo encontrado foi o de, em alguns casos, não terem sido usadas as mais recentes, por se tratar de empréstimo da biblioteca da Universidade Estadual de Londrina, em que imperam dois fatores: a universidade não possuir a edição mais recente e/ou ela estar emprestada para outro pesquisador da instituição.

De todo modo, foram utilizadas as seguintes obras: *A literatura no Brasil* (os três últimos volumes da terceira edição atualizada em 1986), dirigida por Afrânio Coutinho e Eduardo de Faria Coutinho; os dois últimos volumes da *História da literatura brasileira*, de Massaud Moisés (com edições atualizadas em 2016 e 2019); *A literatura brasileira* (1999), de José Aderaldo Castello; *História concisa da literatura brasileira* (1962), de Alfredo Bosi; *História da literatura brasileira* (2004), de Luciana Stegagno-Picchio; *História da literatura brasileira: da carta de Caminha aos*

contemporâneos (2007), de Carlos Nejar; *A Literatura Brasileira: volume VI – O Modernismo (1916-1945)*, de Wilson Martins.

Outro detalhe relevante é que um primeiro levantamento foi conduzido por Simon enquanto coordenador do projeto de pesquisa, “Reconstituições dos homens: as masculinidades entre o debate teórico e a literatura”⁴⁸, em que se consideraram os 20 romances de 1930 e 1940 mais citados nas histórias literárias. Como nosso foco de interesse recai apenas sobre a década de 1930, fizemos um novo levantamento (ANEXO B), considerando somente os romances desta década (1931-1940). O resultado, contendo apenas os dez mais citados da década, segue abaixo em ordem decrescente de citações:

Tabela 1: Os dez romances da década de 1930 mais citados nas histórias literárias

N.º	Autor (a)	Romance	Ano de publicação
1	Graciliano Ramos	São Bernardo	1934
2	Graciliano Ramos	Vidas Secas	1938
3	Jorge Amado	Jubiabá	1935
4	Cornélio Penna	Fronteira	1935
5	Oswald de Andrade	Serafim Ponte Grande	1933
6	Graciliano Ramos	Angústia	1936
7	José Lins do Rego	Usina	1936
8	José Lins do Rego	Pedra Bonita	1938
9	Graciliano Ramos	Caetés	1933
10	Jorge Amado	Mar Morto	1936

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do levantamento, percebem-se algumas repetições de autores: Graciliano Ramos é bastante proeminente, sendo responsável por 40% dos romances mencionados na lista, seguido por Jorge Amado e José Lins do Rego, cada um com 20% das menções. A presença significativa desses autores no levantamento reforça a importância do romance social na década de 1930 e a forma como suas obras foram fundamentais para a discussão e representação das realidades sociais do Brasil daquele período. No entanto, o componente intimista também é significativo em vários casos, apresentando-nos como havia uma preocupação com a introspecção e os

⁴⁸ Conduzido na UEL, o projeto teve como principal enfoque as representações das masculinidades presentes nos romances publicados no Brasil entre os séculos XIX e XX.

dilemas psicológicos dos personagens.

Cornélio Penna e Oswald de Andrade têm um caráter mais intimista, enquanto Graciliano Ramos e José Lins do Rego tendem a se enquadrar mais como romances sociais. Por outro lado, Jorge Amado é conhecido por obras com forte cunho social.

Cabem outras considerações. Consoante Bueno (2015), o romance *Angústia* e *São Bernardo* mostram uma fusão das duas correntes, intimista e social. Isso expõe a complexidade da literatura brasileira produzida nessa década. Ambos os romances de Graciliano Ramos abordam os problemas sociais, mas possuem uma narrativa altamente psicológica e introspectiva. *Caetés* também caracteriza essa fusão, mas não tão intensa em introspecção quanto *Angústia* ou tão explícito em sua crítica social quanto *Vidas Secas*, por exemplo (Bueno, 2015).

A compreensão de romances que estão fora do cânone, ou seja, que são menos convenientes em relação às obras consagradas, refere-se a textos que frequentemente são negligenciados nas narrativas históricas da literatura. Embora reconheçamos que existem outras formas de legitimação do texto literário, nossa pesquisa concentra-se exclusivamente nas histórias literárias, uma vez que pensamos em seu uso e na sua importância como uma das instâncias canonizadoras mais objetivas, o que não quer dizer que sejam homogêneas. Em função disso, nossa abordagem, ao trabalhar com esses romances, não visa excluir o cânone literário estabelecido, mas revisita-lo com o propósito de destacar romances (Simon, 2022), publicados na década de 1930, muitas vezes negligenciados na consideração do cânone brasileiro. Complementarmente, a escolha por eles justifica-se não só por sermos colaboradores do projeto de pesquisa⁴⁹ sobre literatura e masculinidades, mas também porque essa abordagem oferece perspectivas distintas, enriquecendo a compreensão da história da literatura brasileira.

Ao lidarmos com as histórias literárias, não pretendemos “repetir” suas práticas e “garantir destaque a romances [...] relevantes” (Simon, 2022, p. 67), e representativos para década. *São Bernardo* (1934), *Vidas Secas* (1938) e *Jubiabá* (1935) já incansavelmente explorados pela crítica literária, não são nosso foco nesse momento. Passamos a focar nos romances menos canônicos produzidos em território

⁴⁹ O período de vigência do projeto de pesquisa indicado findou em dezembro de 2022. No entanto, a pesquisa está em andamento, com um novo projeto intitulado “As masculinidades em cem anos de romances brasileiros: de 1870 a 1970”, que está sendo conduzido sob a coordenação do Prof. Luiz Carlos Santos Simon.

nacional, constatando que são inúmeras as produções desse período, como expresso pela visão abrangente de Bueno (2015).

Um outro ponto que vale ser realçado é que o projeto em questão pode ser comparado a um guarda-chuva amplo que abrange as pesquisas sobre masculinidades nos romances publicados de 1870 a 1970. Dentro desse contexto, nossa focalização nos anos de 1930 representa uma face desse amplo espectro, enriquecida pela pesquisa contínua que vem sendo guiada por Simon (2022), ao longo dos últimos nove anos.

Dessa maneira, romances que não estão elencados entre os mais canônicos têm sido localizados em bibliotecas, sebos, acervo digital e afins, para posteriormente serem lidos e analisados, conforme disponibilidade, pelo aludido projeto de pesquisa. A lista com alguns títulos da década encontra-se em anexo (ANEXO C). Valoroso reiterar que se chega a esses títulos por conta do tempo em que a pesquisa vem sendo empreendida por Simon (2022) e seus colaboradores, bem como por disponibilidade de acesso a eles.

Outro passo da pesquisa foi analisar, no levantamento de romances menos canônicos da década de 1930, a presença de personagens masculinos negros. Como resultado, obtivemos obras significativas, que incluem: *A mulher carioca aos 22 anos* (1934), de João de Minas; *Adolescência Tropical* (1934), de Enéas Ferraz; *Marafa* (1935), de Marques Rebelo; *Rua do Siriri* (1937), de Amando Fontes; *Navios Iluminados* (1937), de Ranulfo Prata; *Um rio imita o Reno* (1939), de Viana Moog; *A mulher obscura* (1939), de Jorge de Lima; *Riacho doce* (1939), de José Lins do Rego.

Um ponto importante é que podemos ter deixado de fora outros romances que apresentam personagens masculinos negros nesta década, devido ao tempo necessário para ler todos os títulos do levantamento, no período do curso, resultando na impossibilidade de abranger todas as leituras.

De modo geral, observamos uma baixa representação de homens negros nos romances analisados, e aqueles que estão presentes frequentemente são retratados através de estigmatizações e estereótipos, relegando-os à animalização, em grande parte dos casos.

Entre os personagens encontrados, ganha destaque Felício do romance *Navios Iluminados* (1937), de Ranulfo Prata. Mesmo retratado de maneira estereotipada, o personagem interpela o racismo por meio de seus comportamentos. Em outros termos, devido à singularidade da caracterização do personagem Felício, que se

destaca em pontos opostos às representações convencionais de personagens negros em obras literárias menos canônicas da década de 1930.

Além de analisar o personagem dentro do contexto do romance, é relevante considerar que o próprio autor, Ranulfo Prata, é marginalizado dentro do cânone da literatura brasileira, sendo menos reconhecido e estudado em comparação a outros autores mais canônicos. Além do mais, é importante pontuar que o escritor escolhido é um escritor branco. Considerando o contexto de produção do romance em 1937, torna-se inevitável que sua obra não escape completamente dos estigmas associados às pessoas negras na época, apesar de que nos outros romances, como em *A mulher carioca* aos 22 anos, de João de Minas, eles figuram de forma mais intensa.

Não obstante, Felício ser um personagem secundário, logo, não extensivamente desenvolvido ao longo da narrativa, sua representação oscila entre se aproximar e se distanciar da abordagem estereotipada que historicamente relegou o homem negro à destituição de subjetividade. Embora seja conferida uma posição subordinada a Felício, ele mantém alguma relevância e influência no desenrolar da trama. Essa dualidade na representação de Felício apresenta a complexidade na caracterização do personagem que merece uma análise cuidadosa no contexto das normas sociais da época.

2.3 RANULFO PRATA: UM AUTOR À MARGEM DA LITERATURA CANÔNICA

Antes de adentrarmos na análise aprofundada da obra selecionada, é imperativo discorrer sobre o autor, por ser um autor à margem no cenário literário. Este subcapítulo visa abordar aspectos significativos sobre o autor, suas obras e, especificamente, sobre *Navios Iluminados*.

Figura 1: Foto de Ranulfo Prata em sua ficha funcional da Santa Casa de Santos.⁵⁰

⁵⁰ Na dissertação de mestrado de Atanes Pereira (2008), esta imagem de Ranulfo Prata é apresentada, devidamente atribuída à origem do acervo de Wilma Therezinha Fernandes de Andrade.



Fonte: Atanes Pereira, 2008.

Ranulfo Prata⁵¹ (1896-1942), um notável escritor da primeira metade do século XX, figura entre os talentosos autores cujas obras foram, de acordo com alguns críticos, lamentavelmente relegadas ao ostracismo.

Nascido em 4 de maio de 1896 em Lagarto, um dos municípios mais antigos do estado de Sergipe, Ranulfo Prata é filho do coronel Felisberto da Rocha Prata e de Ana Hora Prata. Embora tenha crescido no Sergipe, foi em Salvador que completou sua educação secundária. Aos 18 anos, ingressou no curso de medicina, na Faculdade de Medicina da Bahia, cursado até o quarto ano e concluído em 1919, no Rio de Janeiro, onde o atraía a fascinação pelo meio erudito e letrado, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mesma faculdade em que recebe o grau de médico em 1920.

Tendo concluído bacharelado, Prata passa a trabalhar no interior de Minas Gerais e de São Paulo antes de retornar brevemente ao Rio de Janeiro em 1925. No mesmo ano, Ranulfo estabeleceu-se em Aracaju, onde implementou o serviço de radiologia no prestigiado Hospital de Cirurgia, a pedido do governador Graccho Cardoso (1927-1929). Em 1927, mudou-se novamente, desta vez para Santos, onde conquistou e exerceu a vaga de médico radiologista na Santa Casa de Misericórdia de Santos, iniciando em 29 de maio de 1927, e findando seu trabalho em 1942, em decorrência de sua morte (Atanes Pereira, 2008).

Em 1923, o médico, professor, escritor e historiador, se casou com a professora Maria da Glória Brandão na cidade de Mirassol, localizada em São Paulo. Juntos, tiveram o primogênito. Em seguida, mudaram-se para Santos, também em São Paulo,

⁵¹ Tal como mencionado por Paulo de Carvalho Neto (1974), em seu ensaio intitulado "Um lugar para Ranulfo Prata" e na 5.^a edição brasileira do romance *Navios Iluminados*, lançada em 2015 pela editora COM-ARTE em colaboração com a EDUSP, optamos, ao longo de nossa pesquisa, pela atualização ortográfica do nome do autor, substituindo o dígrafo "ph" por "f" em "Ranulfo."

onde sua família viveu e prosperou. Aos 46 anos, na noite de 24 de dezembro de 1942, morre em uma casa de saúde em São Paulo, ao lado da esposa e do filho Paulo, vitimado por uma hemorragia intestinal.

Autor de uma obra não volumosa, porém de valor ascendente, pois apresenta um fotograma significativo do seu tempo, revelando-nos, além de uma parte do Brasil nordestino, o proletariado, o homem pobre e suas complexidades. A estreia no cenário literário ocorreu durante os estudos de medicina na Bahia, quando o autor publicou o conto intitulado “O Tropeiro”, no jornal *A Tarde* (Salvador), em 20 de maio de 1916. Com essa obra, foi agraciado com o primeiro prêmio no Concurso de Contos promovido pelo referido jornal no mesmo ano.

Em 1918, um ano antes de concluir o curso de medicina, esteve interno do Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro. Além disso, publica o livro *O Triunfo*, seu primeiro romance. De 1921 a 1924, reside em Mirassol (SP). Seu segundo romance, *Dentro da vida*, é publicado durante esse período, mais especificamente no ano de 1922. Seu romance *O lírio na torrente* é publicado em 1925, mesmo ano em que o autor publica o volume de contos *A longa estrada*. No ano de 1926, em Aracaju, conquista a vaga de uma cadeira de Literatura no concurso Ateneu Pedro II. Para a candidatura nessa cadeira, defende suas teses: *Repercutiu em nossas letras o movimento romântico de 1830?* e *A Renascença das Letras em França*. Apesar de sua exitosa aprovação e efetivação, Ranulfo mantém sua residência ali por tempo limitado. Em 1930, assume a posição de titularidade da cátedra número 7 na estrutura da Academia Sergipana de Letras, sendo atribuída a esta posição a figura de Manuel Curvelo de Mendonça como patrono.

Passados nove anos, em 1934, publica a obra *Lampião*, obra de não-ficção, com caráter documental, reverberando com propósito engajado na esfera da denúncia social. A fase derradeira da existência do literato se desenrolou em território santista, conforme menção preexistente, onde escreveu seu último romance, *Navios Iluminados*, publicado em 1937. Pode-se dizer que a partir das experiências de Ranulfo Prata, enquanto médico na Santa Casa de Santos, o autor pode se aproximar das vivências dos operários que atendia. Neste último romance publicado, por meio do quadro de saúde dos operários, um personagem que também é médico observa as duras consequências da exploração da mão de obra dos trabalhadores e os aconselha constantemente a trabalhar menos. Percebemos uma inspiração de Prata para composição de seu romance, cujo espaço predominante também é a cidade de

Santos.

Entre suas obras, *O Lírio na Torrente* lhe garantiu uma premiação da Academia Brasileira de Letras em 1926, em que se tinha um júri composto por Gustavo Barroso, Aloysio de Castro e Medeiros e Albuquerque (Carvalho Neto, 1974). E a obra *Navios Iluminados*, em 1941, ganha sua versão em espanhol traduzida por Benjamin Garay, o mesmo tradutor de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (Gilfrancisco, 2018).

2.3.1 Lugar na Literatura

A contribuição literária de Ranulfo Prata tem sido ignorada pela história da literatura brasileira, apesar de ser apreciada por críticos como Paulo de Carvalho Neto (1974). Este último, no artigo “Um lugar para Ranulfo Prata”, cita outros eminentes críticos das obras do autor, como Leonardo Arroyo, Geraldo Azevedo, João Ribeiro, Lima Barreto, Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Fidelino de Figueiredo, Nelson Werneck Sodré, Paulo Dantas, Afonso Schimidt e Tasso da Silveira. No entanto, lamentavelmente, a obra de Prata tem permanecido à margem dos estudos literários brasileiros.

Esse fenômeno de negligência é prontamente destacado por Carvalho Neto (1974, p. 172), cuja análise ressoa a percepção de uma injustiça literária persistente e incita-nos a refletir sobre a veracidade de tal afirmação: “Qual o lugar que a história da literatura brasileira concede a Ranulfo Prata? Nenhum! É fato notório que se trata de o ‘grande injustiçado’”. Notamos, assim, que sua contribuição literária não recebeu a atenção devida.

O argumento do escritor Geraldo Azevedo (1955), reforça ainda mais a validade dessa declaração de Carvalho Neto ao apresentar uma defesa abalizada em prol de Ranulfo Prata:

[...] Um dia, quando se fizer uma revisão honesta na história de nossas letras, Ranulfo Prata de certo aparecerá com todo o esplendor de sua grandeza humana. A obra que construiu “cheia de brasilidade e calor, de ternura e emoção” emergirá do esquecimento atual para deslumbramento das gerações futuras. Nesse dia, a crítica literária nacional terá apagado da história de nossas letras mais uma injustiça (Azevedo, 1955 apud Carvalho Neto, 1974, p. 172).

Evidenciamos essa negligência e injustiça após analisarmos e verificarmos como se dava a presença ou a ausência de Ranulfo Prata em seis histórias literárias

de grande relevância no país, quais sejam: Afrânio Coutinho (1959), José Aderaldo Castello (1962), Alfredo Bosi (1970), Massud Moisés (1971), Luciana Stegagno-Picchio (2004) e Carlos Nejar (2007)⁵². Prata é pouco mencionado ou completamente ignorado em algumas delas, enquanto em outras é citado superficialmente.

Vale destacar que, em três destas histórias literárias, nomeadamente *A história concisa da literatura brasileira*, de Bosi (2017), *A literatura brasileira através dos textos*, de Moisés (1993) e *História literatura brasileira: da carta de caminha aos contemporâneos*, de Nejar (2007), o escritor em questão não recebe menção ou consideração em relação aos seus romances e obras contísticas, especialmente durante a década de 1930, período em que seu último romance foi publicado.

Em contrapartida, na história literária *A literatura no Brasil: relações e perspectivas*, Coutinho (2004) faz uma abordagem sobre a evolução do conto, em que destaca figuras literárias oriundas da região nortista em diferentes períodos históricos. Entre os autores mencionados, figura Ranulfo Prata, cuja notoriedade advém da publicação de seu primeiro livro de contos, intitulado *A longa estrada* (1925)⁵³; porém, sua menção se restringe a uma única instância e dentro desse contexto específico.

Adicionalmente, é relevante mencionar as contribuições de Castello (1962), no volume II da história literária *A literatura brasileira: origens e unidade*, que alude a Tristão de Ataíde⁵⁴, o qual sustenta a tese de que o regionalismo consolida a conexão do autor com sua localidade de origem, em que ancora, assim, a produção literária na vivência brasileira e preserva a genuinidade e autonomia da expressão literária, em contraposição à corrente contemporânea que favorece os grandes centros urbanos e propende a subordinar a identidade regional em favor de uma alegada universalidade (Ataíde, 1966, p. 1039 apud Castello, 1962, p. 99).

Por sua vez, Castello (1962, p. 99) assinala que as reflexões de Ataíde são “feitas a propósito de obras de Ranulfo Prata” e compreendem o romance *O Lírio na Torrente* e o livro de contos *A Longa Estrada*, ambos publicados em 1925 pela editora carioca Anuário do Brasil, os quais, em muitos aspectos, corroboram suas

⁵² Neste contexto, procedemos à inclusão dos anos de primeira publicação de cada história literária. Entretanto, nossa abordagem demanda a consideração diligente de reedições e reavaliações críticas subsequentes por parte dos críticos.

⁵³ No ano de 2023, a IOSE - Imprensa Oficial de Sergipe lançou uma edição atualizada desta coletânea, que foi organizado por Beatriz Góis Dantas, Claudefranklin Monteiro Santos e Paulo Andrade Prata. Está disponível em formato eletrônico em: <https://iose.se.gov.br/ecommerce/itens/download/322>. Acesso em: 15 dez. 2023.

⁵⁴ Pseudônimo adotado por Alceu Amoroso Lima, proeminente figura do universo literário brasileiro do século XX.

proposições.

No que diz respeito a Luciana Stegagno-Picchio (2004), com a *História da literatura brasileira*, temos a classificação de Ranulfo Prata como um membro da segunda geração de escritores regionalistas. A autora enfatiza a contribuição literária de Prata, exemplificando-a por meio da obra *Navios Iluminados*, como um paradigma de seu estilo voltado para as questões proletárias, notadamente ambientadas no porto de Santos. Ela o reconhece como um autor sergipano que também demonstra, por meio de suas obras, uma conexão com o sertão baiano (Stegagno-Picchio, 2004, p. 405).

No entanto, a historiadora literária declara que Ranulfo Prata, e outros escritores inseridos na segunda geração de escritores regionalistas, negligenciam e desconsideram as lições do movimento modernista, especialmente no que diz respeito à atitude irônica adotada em relação aos temas que consideram sérios e envolventes (Stegagno-Picchio, 2004). Stegagno-Picchio expressa sua observação da seguinte maneira:

Existe, de fato, toda uma segunda e, em certos casos, terceira geração de escritores regionalistas, os quais, como alguns dos últimos “amazônicos” citados, seguem cada um seu próprio filão temático local, negligenciando e amiúde desprezando a lição modernista, da qual recusam sobretudo a atitude irônica em relação a um assunto que sentem como extremamente sério e envolvente. Porque é a matéria ou, mais ainda, a intenção narrativa que liga, num único feixe, cearenses e paulistas, Norte e Sul, com descompassos cronológicos por vezes de décadas, mas sempre dentro de uma mesma e ininterrupta linha de “amor à terra” (Stegagno-Picchio, 2004, p. 404-405).

É prudente também mencionar Tristão de Ataíde, pois ele figura entre os diversos críticos que reconhecem a singularidade da obra de Prata. Suas reflexões sobre o regionalismo nas obras do autor ressoam com as ideias de Stegagno-Picchio (2004). Ataíde (1925) argumenta que o regionalismo expresso nas referidas obras transcende a simples exaltação do pitoresco: “o sr. Ranulfo Prata [nos dois livros citados] mostra como realmente não é necessário limitar-se ao pitoresco localista para criar regionalismo de boa espécie” (apud Carvalho Neto, 1974).

Certamente, os apontamentos feitos por Luís Bueno (2015), também merecem destaque:

[...] o Ranulpho Prata de *Navios Iluminados* pode ser comparado, em suas linhas gerais e a despeito das inevitáveis diferenças de estilo, a Graciliano Ramos. Os períodos curtos, diretos, onde os substantivos predominam, remetendo ao mundo da concretude, tão típicos do autor de *Vidas Secas*, constituem a essência da linguagem de *Navios Iluminados* (Bueno, 2015, p. 494).

As características linguísticas e estilísticas compartilhadas por Graciliano Ramos e Ranulfo Prata, como apontadas por Bueno (2015), contribuem para a semelhança em suas obras, ambas publicadas na década de 30, proporcionando uma representação precisa e impactante da dureza da vida no sertão brasileiro, que é vividamente transmitida ao leitor.

Nesse momento, atentamos a questão de Prata ser reconhecido como precursor de temas presentes no “romance de 30”, conforme apontado por Bueno (2015), tendo o romance *Dentro da Vida* (1922) como exemplo. Nas palavras do autor: “Em *Dentro da Vida*, notam-se precocemente aspectos curiosos, alguns dos quais encontraremos mais tarde em *A Bagaceira*” (Bueno, 2015, p. 84). Nesse romance, Prata adota um tom de depoimento que oscila entre uma emoção muitas vezes forçada e uma notável economia de expressão e sentimento, conferindo à narrativa uma complexidade emocional.

A opção por retratar a pobreza de forma desromantizada, quase nunca poetizada, é crucial para a construção do protagonista e para a autenticidade da obra. Além disso, o conflito entre o campo e a cidade emerge como uma questão central, já presente na obra de Prata desde 1922, evidenciando sua contínua relevância ao longo do tempo (Bueno, 2015).

No que diz respeito ao conflito entre o campo e a cidade, Bueno (2015) ressalta que, neste contexto, ainda não há uma referência clara aos processos de exploração econômica que mais tarde serão abordados em *A Bagaceira*. A solução para a pobreza ainda é vista principalmente sob a ótica da caridade, sem uma análise mais profunda das causas sociais que estruturam esses problemas. Paulo de Carvalho Neto (1974) sugere que essa particularidade na obra de Prata poderia ser influenciada por sua formação médica, enquanto critica o excessivo pessimismo que permeia sua obra.

Ranulfo Prata [...] consumia-se numa dor atroz, num sofrimento irremediável que tinha, como saída, somente um pessimismo doentio. Faltou-lhe a clarividência das soluções reais, limitando-se a ser

amargo, sem conduzir o leitor a metas de esperança no futuro. Talvez a sua formação de médico tivesse influído em grande parte neste processo (Carvalho Neto, 1974, p. 175).

Esse argumento pode explicar as observações de determinados críticos que ressaltam a significativa influência católica nas obras literárias de Ranulfo Prata, advinda, conforme Gilfrancisco (2018), de “uma influência marcante pela espiritualidade do amigo Jackson de Figueiredo (1891-1928)” (Gilfrancisco, 2018, p. 39). Em diálogo com essa concepção, Arroyo (1943) afirma que profunda relação de amizade entre Ranulfo Prata e Jackson desempenhou um papel crucial em sua formação intelectual, manifestando-se no tom de resignação cristã evidente nos protagonistas de suas obras literárias. Ademais, os personagens de Prata não ostentam uma consciência explícita de sua desventura, sofrendo intensamente com a fatalidade decorrente de sua própria ignorância (Arroyo, 1943, *apud* Carvalho Neto, 1974, p. 176).

Entretanto, é Carvalho Neto (1974) que vai esclarecer o fato de que no contexto de produção de *Navios Iluminados*, o radicalismo de esquerda criticou essa abordagem religiosa de Prata devido à sua inclinação cristã e piedosa. Segundo Silveira (1938), embora o autor do romance proletário tenha procurado evitar clichês da literatura portuária e tenha defendido a necessidade de reforma social, foi notada uma tendência cristã que se distancia das raízes libertárias (Silveira, 1938, *apud* Carvalho Neto, 1974, p. 174). Em contrapartida, Carvalho Neto (1974) aclara:

[...] como seu "realismo" não só fugia de soluções sociais como ainda ao sexualismo palpitante e escandaloso de Júlio Ribeiro e Aluísio Azevedo, Ranulfo era cada vez mais acatado e festejado pela ideologia conservadora do Brasil, necessitada de ouvir falar em dor e misérias, mas num plano distante assexual e não subversivo (Carvalho Neto, 1974, p. 175).

Sem dúvida, ao adotar uma outra perspectiva sobre a produção literária e sua recepção, mas mantendo o foco na interconexão entre arte e contexto, a análise feita por Bueno (2015) sobre a técnica narrativa empregada em *Navios Iluminados* se torna crucial para a compreensão do panorama literário da época. O autor ressalta a notável distância mantida pelo narrador em relação às vicissitudes emocionais da personagem principal, conferindo-lhe uma objetividade que, paradoxalmente, incita uma maior imersão do leitor na trama. Tal estratégia, ao permitir interpretações

subjetivas e aprofundar a empatia com os dilemas abordados, revela-se como um recurso hábil e sofisticado (Bueno, 2015).

Ademais, Bueno ressalta a singularidade desse romance no contexto dos anos 30, comparando-o de maneira perspicaz apenas ao romance *Os Corumbas*, e aponta sua conformidade com os ideais literários de Jorge Amado e de Lúcia Miguel Pereira: “*Navios iluminados* cumpre aquilo que Jorge Amado exigia de Lúcia Miguel Pereira e que, ao mesmo tempo, Lúcia Miguel Pereira cobrava de Jorge Amado” (Bueno, 2015, p. 497). Tal apontamento nos suscita reflexões acerca da riqueza e da complexidade das influências que permeiam a produção literária daquele período.

Ao reiterar a proposição de Carvalho Neto (1974) acerca da subestimação histórica de Ranulfo Prata e seu legado literário, este estudo não apenas identifica uma lacuna na historiografia literária brasileira, mas também empreende uma nobre tentativa de corrigir essa omissão, contribuindo para a justa e merecida valorização do autor e de sua obra dentro do cânone literário nacional.

2.3.2 Fortuna Crítica

Com o propósito de identificar os estudos realizados no nível acadêmico acerca de *Navios Iluminados* e seu autor, recorreremos ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foi constatada a existência de uma pesquisa abordando a referida obra, sendo ela também a única investigação sobre o escritor Ranulfo Prata.

O trabalho em questão é da autoria de Alessandro Alberto Atanes Pereira, jornalista e escritor, que se adentrou pioneiramente ao campo de pesquisas acerca do romance *Navios Iluminados*. Em sua dissertação de mestrado em História Social, o autor buscou contribuir para o conhecimento da história da cidade e do porto de Santos (SP), utilizando a literatura como fonte histórica.

Segundo sua perspectiva, o romance carrega um compromisso com a história literária brasileira, uma vez que ao retratar a trajetória da cidade de Santos, do porto e de seus trabalhadores, inseridos no contexto social vigente durante o período representado. Ranulfo escreve um romance representativo que se enquadra como “romance da nova dúvida”, conceito explorado por Luís Bueno, e que remete as obras que apontam para o esgotamento do romance proletário (Atanes Pereira, 2008).

Empreendemos também uma busca por Ranulfo Prata, considerando também

a grafia Ranulpho Prata, na plataforma Scielo. Obtivemos um artigo sobre o autor “Literatura e sofrimento: um olhar médico sobre a vida”, publicado em 2013, por Cleverton de Barros Lima. No artigo, o pesquisador problematiza a ideia sobre a vida em uma vertente católica do sofrimento na Primeira República. Ambos os pesquisadores são da área de história, o que sugere o caráter documental do romance.

Em razão da restrição de trabalhos acadêmicos acerca do autor, pode-se afirmar que Ranulfo Prata não é uma figura amplamente reconhecida no âmbito da literatura nacional. Ressaltamos ainda, que um movimento acadêmico tem sido feito para que o romance *Navios Iluminados* seja lido nos dias de hoje. Pesquisadores de literatura da USP, com o objetivo de não o deixar cair no ostracismo, empreenderam a 5.^a edição do romance⁵⁵.

⁵⁵ Mais informações em: <https://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=7115&ed=1239&f=1>. Acesso em: 16 abr. 2024.

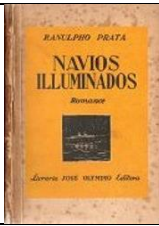
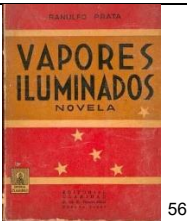
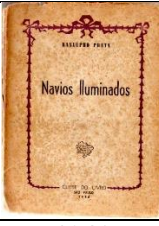
3 (DES)CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NEGRA EM *NAVIOS ILUMINADOS*, DE RANULFO PRATA

3.1 “VER A LUZ NO FIM DO TÚNEL”, SERÁ?: *NAVIOS ILUMINADOS*, DE RANULFO PRATA

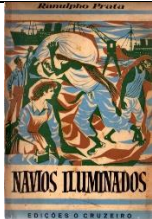
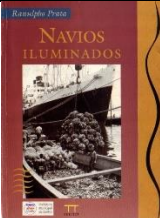
Navios Iluminados é um romance que mergulha na vida dos operários do porto de Santos durante a primeira metade do século XX, destacando as condições precárias de trabalho que comprometiam a saúde desses indivíduos em troca de salários insuficientes para garantir uma subsistência digna. O enredo lança luz sobre as dificuldades, frustrações, esperanças e lutas diárias dos trabalhadores em um período crucial da industrialização do Brasil.

Lançado em 1937, *Navios Iluminados* marca o último romance publicado por Prata, consolidando-se ao longo dos anos com cinco edições no Brasil e uma no exterior. A cronologia inclui:

Tabela 2 – Frontispício das edições de *Navios Iluminados*, de Ranulfo Prata.

Obra/data	Edição	Local	Editora
	1. ^a edição.	Rio de Janeiro.	José Olympio.
1937			
	1. ^a edição estrangeira.	Buenos Aires.	Editorial Claridad.
1940			
	2. ^a edição.	São Paulo.	Editora Clube do Livro.
1946			

⁵⁶ *Vapores Iluminados* é a 1.^a edição estrangeira, publicada na Argentina, traduzida e prefaciada por Benjamín de Garay.

	3. ^a edição.	Rio de Janeiro.	Editora O Cruzeiro
1959			
	4. ^a edição.	São Paulo.	Editora Scritta
1996			
	5. ^a edição.	São Paulo.	COM-ARTE, EDUSP.
2015			

Fonte: O Autor. Adaptado de Pereira (2008).

Romance composto por 23 capítulos, cujo primeiro nos apresenta seu protagonista, José Severino de Jesus, de 23 anos. Trata-se de um jovem originário do interior da Bahia, que embarca em direção à cidade portuária de Santos em busca de oportunidades. O cenário dessa narrativa é a própria cidade de Santos, em que o narrador nos oferece descrições físicas e geográficas do ambiente. Com recursos limitados, oriundos de poucos mil réis, José Severino, trabalhador rural, vê sua situação financeira tornar-se cada vez mais desafiadora, porque não havia perspectivas de emprego à vista. Sua principal aspiração ao migrar para Santos é integrar-se à Companhia Docas de Santos, escapando das dificuldades enfrentadas em Patrocínio do Coité, cidade em que vive sua família, e onde a vida no campo se tornara inviável devido às condições climáticas adversas e os preços desfavoráveis.

O tempo da diegese é intensamente marcado, a história se desenrola em um tempo cronológico bem linear, com marcas precisas do cotidiano, incluindo

⁵⁷ A 4.^a edição publicada em 1996, foi feita no centenário de nascimento do autor em parceria da prefeitura de Santos com a Editora Scritta e compõe a coleção Brasília da editora.

⁵⁸ A mais recente publicação disponível foi apresentada na coleção Reserva Literária. A coleção representa um projeto originado no âmbito do curso de Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, cujo objetivo é resgatar obras pouco conhecidas, negligenciadas ou fora de circulação da literatura brasileira, desde que possuam um valor artístico e cultural perene. Mais informações em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtaOmXM8fXA>. Acesso em: 14 jan. 2022.

lembranças do passado e aspirações para o futuro. Em Santos, alugou um quarto na pensão do casal, Sá Francisca e Seu Manoel Milagre. Quarto esse que compartilhava com Felício, o amigo que o convenceu a se mudar para o espaço urbano em busca de trabalho. O protagonista aguarda ansiosamente, durante dois meses, pelo período de recrutamento da Companhia e, enquanto o momento não chega, devido à limitação de recursos, ele busca oportunidades de emprego em outras áreas. Em resumo, não se adapta a nenhum deles. Quando abre o período de contratação nas Docas, Severino finalmente se candidata, instaurando-se um dos primeiros conflitos dramáticos de sua trajetória: a busca por estabilidade e dignidade.

O conflito se dá frente ao Doutor Marcondes, inspetor de alta posição e autoridade no processo admissional na Companhia. Severino precisa falar com ele, mas para isso o fazem esperar por muito tempo, o que o deixa ansioso e impaciente. Marcondes, imerso em burocracias, tendo como foco a eficiência, mantinha-se distante e indiferente às preocupações dos candidatos.

Decorridos minutos, doutor Marcondes parou de bulir nos papéis, ergueu a cabeça e deu com ele. Chamou-o com um movimento leve do indicador direito.

Severino caminhou para frente, pisando com cautela, firmando-se nas pernas com medo de pranchear no assoalho lustroso, como cavalo em lameiro. Uns dois metros longe da mesa pararam, embaraçado, sem saber o que fazer das mãos.

— Que deseja o senhor?

— Trago um cartão para vossa senhoria.

— Dê cá.

O doutor leu-o com fastio e indiferença, atirou-o para um canto e continuou procurar o que perdera (Prata, 1996, p. 33).

A indiferença e a abordagem pragmática de Marcondes intensificam o desconforto do protagonista que vai ficando ainda mais ansioso e tenso. Severino passa então a enfrentar a possibilidade de frustração, não conseguindo o almejado emprego. Por outro lado, Marcondes, ao ignorar as emoções do candidato à sua frente, se revela como parte de um sistema que desumaniza.

Após um longo processo admissional que dura alguns dias, o candidato consegue a tão desejada admissão nas Docas. Contudo, imerso nas constantes reviravoltas de sua vida, ele se depara com uma situação de extrema dificuldade. O salário recebido não é suficiente para cobrir o custo de vida e as despesas associadas à obtenção do novo emprego, somando-se à complicação de auxiliar financeiramente

sua pobre mãe que permaneceu em Patrocínio. Movido por essa obsessão de enviar dinheiro à família, Severino decide pedir transferência para o setor de estiva, ignorando os conselhos que contrariam essa decisão, vindos de Felício que lá trabalha.

Convém registrar que Felício o adverte que o ganho adicional não compensaria, pois o trabalho na estiva compromete diariamente a saúde dos trabalhadores por conta do trabalho pesado. No entanto, a determinação de Severino em auxiliar sua mãe o impulsiona a enfrentar os desafios associados à estiva, mesmo diante das advertências de seu amigo. Além disso, Severino passa a realizar várias jornadas noturnas para alcançar o montante financeiro desejado, porém, percebe que o dinheiro obtido não resolve os problemas em sua vida, não o possibilita ajudar a família, e isso resulta em profunda tristeza.

À medida que a trama se desenrola, Severino, que nutria sentimentos por Raimunda, desde os tempos de flerte em Patrocínio, confronta a dolorosa realidade de não conseguir juntar um dinheiro para pedi-la em casamento. Como consequência, ela o esqueceu e se casou com o vaqueiro do Coronel Guedes. Essa revelação se torna mais uma amarga desilusão a ser somada à conta de Severino. Diante dessa reviravolta, ele decide buscar consolo compartilhando as alegrias e tristezas de sua vida com uma nova companheira, encontrando em Santos a oportunidade de uma união.

Florinda, a escolhida por Severino, é filha do português Milagre, proprietário do chalé de madeira onde ele alugara um quarto ao chegar em Santos, compartilhando o espaço com Felício, já estabelecido ali anteriormente. O casamento de Severino com Florinda, mesmo contrariando os desejos de Milagre, resulta inicialmente na hostilidade deste. No entanto, essa questão perde relevância diante da formação de uma família unida. Severino encontra alegria na vida matrimonial, mas, após nove meses, o nascimento dos gêmeos agrava as dificuldades financeiras, demandando mais esforços para prover seu lar.

Posteriormente, ele adoece, passando a apresentar um certo enfraquecimento pulmonar, resultado de vários fatores, como a intensa força feita no trabalho, as jornadas extras realizadas para garantir a sobrevivência da família e as más condições de trabalho. Quanto à precariedade nas condições de trabalho, o narrador descreve momentos nos quais podemos testemunhar a crueldade inerente à labuta dos operários, que sofriam tanto em troca de salários que não supriam todas suas

necessidades e que não lhes garantiam a dignidade humana. A título de exemplo, temos o contato inicial de Severino com seu mais novo trabalho como ferrugeiro:

Mal Severino tocou no lugar indicado, o martelo disparou a vibrar de tal modo que ele teve medo e quase o largou no chão. Manteve-o, porém, firmando-o nas duas mãos, acocorou-se e encostou a extremidade no casco ferrugento. **Aí a vibração e o barulho aumentaram danadamente**, forçando-o a mantê-lo com sustância de encontro à chapa, de onde **saltavam grossas e negras escamas de ferrugem que lhe caíam em chuva pelo rosto, entrando pelos olhos, pela boca, pelos cabelos**. Severino defendeu-se trancando os olhos e soprando pelas ventas e pela boca, as mãos presas fortemente ao martelo. Os outros ferrugeiros achavam graça do novato e riam à socapa, com medo do mestre (Prata, 1996, p. 46, grifo nosso).

Nesse contexto de trabalho, Severino adoece e afasta-se por meio de uma licença médica, e Florinda volta a lavar roupas para fora, como fazia na casa do pai e da madrasta, buscando sustentar a família. O protagonista tem seu quadro de saúde agravado e se interna no pavilhão dos tuberculosos na Santa Casa, onde não fica nem dois meses, porque decide voltar para casa, desejando ficar próximo de sua esposa e filhos. Assim, em casa, durante uma madrugada, ele “partiu para sua última viagem...” (Prata, 1996, p. 181).

Sob a perspectiva externa de um narrador heterodiegético, desenrola-se a trama com foco especial em José Severino. Esse narrador aborda os pormenores do capitalismo vigente, escancarando como a exploração das condições de trabalho gera precariedades nas vidas dos operários. O narrador detém-se na descrição meticulosa das circunstâncias que moldam a vida de Severino, destacando os desafios impostos por um sistema social que, de maneira impessoal, parece desencadear adversidades.

Os desafios da procura, adaptação e permanência no trabalho atuam como forças antagônicas que criam conflitos e tensionam a narrativa. Além do mais, o capitalismo desenfreado e a exploração sistemática da mão de obra dos operários vão regendo toda trama do romance.

O narrador, ao retratar a dinâmica entre os personagens e o contexto econômico, sugere que a verdadeira oposição enfrentada por Severino não é apenas um indivíduo, mas sim as forças sistêmicas que perpetuam a desigualdade e a precariedade. Dessa maneira, a narrativa busca fornecer uma visão equilibrada e observacional dos eventos, enquanto destaca a pobreza como um antagonista que molda a trajetória dos personagens.

Navios Iluminados claramente se configura como uma obra de cunho social, o que se evidencia por uma série de elementos estéticos, quais sejam: a) temática central voltada à luta e aos desafios dos operários; b) o protagonista da classe trabalhadora e os desafios típicos dessa classe social; c) a ambientação do romance que retrata cenários de trabalho e pobreza, o que inclui a motivação da migração de Severino; d) a ênfase nos conflitos de classe, em que os operários são oprimidos pelas estruturas de poder; e) a ideologia de consciência de classe exposta no romance, em que os operários reconhecem seu lugar e se articulam com o sindicato dos trabalhadores; f) a linguagem simples e direta que reflete a linguagem dos personagens retratados; g) a motivação e os objetivos dos personagens que buscam por melhores condições de vida, enfrentando desafios econômicos e sociais impostos por um sistema capitalista. A abordagem realista adotada por Prata retrata de forma precisa a vida das classes sociais mais baixas, notadamente os operários das Docas de Santos, e espelham as condições sociais, políticas e econômicas do período em que foi escrito. A narrativa destaca o árduo trabalho realizado nessas docas, colocando em risco a vida dos trabalhadores e expondo as crueldades inerentes a essa ocupação.

Num determinado momento da narrativa, por volta da meia-noite, os trabalhadores, retornando de uma pausa para o café, dirigem-se ao porão do Amberton para retomar as tarefas que precisavam ser concluídas. Durante uma operação de carga, ocorre um incidente em que o guindaste pega um dos trabalhadores pelas costas:

Engatada a primeira, o portaló deu sinal de arribar e não se sabe como lá se vem o diabo da **caçamba abarrotada e pega o Perigo pelas costas, atirando-o violentamente para um canto, como uma bola numa parede. Gritos, muitos gritos.** Suspensão rápida de trabalho. O Malhado desceu ao porão, apressadamente. Atrás dele, foram o portaló e o pessoal da galera. Lá no fundo, Perigo, cercado pelos companheiros, estava estirado num leito de carvão, confundindo-se com ele. Puxaram-lhe a lâmpada para perto do rosto. **Roncava** como se estivesse dormindo, **botando pelas grandes ventas dois canudos de sangue.** O tórax hercúleo ia lá e vinha cá, numa **respiração difícil, de quem tinha fome de ar** (Prata, 1996, p. 109, grifo nosso).

O romance desenha a dura realidade enfrentada pela classe trabalhadora, evidenciando como a força do trabalho frequentemente submete a população mais

desfavorecida a situações precárias. Ao fazê-lo, ilumina as intrincadas dinâmicas sociais e econômicas da época, lançando luz sobre as complexidades inerentes ao período. A obra transcende, assim, a esfera individual, tornando-se um instrumento crítico e reflexivo das injustiças sociais e das nuances econômicas que permeavam o final da década de 1920 no Brasil.

As diversas classes sociais são adequadamente representadas, e Prata destaca os variados interesses que as permeiam. Poderíamos elencar vários contrastes que aparecem no romance, desde os operários trabalhando, “[...] de peito nu pendurados em cordas”, empenhados na reforma dos navios, sem ao menos nunca ter viajado em um deles, em comparação aos oficiais que por ali passam vestindo suas “fardas impecavelmente brancas” (Prata, 1996, p. 18). Os diversos migrantes menos privilegiados aspiravam tornar-se operários, visando assegurar a subsistência por meio do trabalho.

Exemplificando a discrepância, ao observar o personagem dr. Constantino, presidente de um partido político, que demonstra uma disposição aparentemente benevolente para com os pobres, ao “atender aos pobres, de boa cara” (Prata, 2015, p. 50), auxiliando-os com uma carta de recomendação destinada a obter emprego nas Docas, constata-se que essa assistência, no entanto, é condicionada à retirada do título de eleitor e ao compromisso de votar nele no futuro.

Como observado, os interesses dessas classes são nitidamente distintos. Portanto, enquanto os menos favorecidos buscam oportunidades de emprego e estabilidade, os mais privilegiados almejam a consolidação de seu poder e influência como forma de controle sobre a população mais vulnerável, que depende dos favores prestados para conseguir empregos e, assim, garantirem o mínimo para sobrevivência. Trata-se de um fidedigno retrato sócio-histórico do final da República Velha, que infelizmente reflete a persistência de estruturas sociais que ainda moldam a realidade brasileira contemporânea.

Nesse contexto, a narrativa de *Navios Iluminados* vai além das experiências pessoais de Severino, transformando-se em um reflexo perspicaz do ambiente social que deu origem ao romance. Funciona como uma crítica social, revelando a opressão enfrentada pela classe trabalhadora, que estava sufocada pela exploração econômica, obtendo com extrema dificuldade apenas o mínimo necessário para sobreviver, e ainda temendo ter sua mão de obra substituída por máquinas, em devido à da industrialização. Além do mais, traz à tona um quadro brasileiro frequente, em

que a migração do Norte e Nordeste para o Sul e Sudeste acontece, na busca por condições de vida melhores, que é inicialmente vista como “a luz no fim do túnel”. Todavia, a progressão dos eventos na narrativa revela uma exploração implacável da força de trabalho, resultando em desilusão e na convicção de que, no fim do túnel, “não há luz”.

3.2 NUANCES MASCULINAS: ESTRATÉGIAS DO HOMEM NEGRO FRENTE À SUBALTERNIZAÇÃO

Como nosso foco recai sobre personagens negros, exploramos os personagens Severino e Felício. O primeiro é o protagonista, e o segundo é personagem secundário que desempenha um papel importante na trama, pois influencia a vida e as decisões do protagonista. Entretanto, não é o foco principal da narrativa.

Originário do sertão baiano, mais especificamente de Patrocínio do Coité, no interior da Bahia, Felício reside em Santos e desempenha suas funções laborais na Companhia Docas de Santos⁵⁹, situada no bairro Macuco, “o grande bairro onde se alojava a maioria dos seus cinco mil operários” (Prata, 1996, p. 13). Trata-se, portanto, de um personagem masculino, negro, retirante, nordestino, pobre, solteiro e ocupante do cargo de estivador. O narrador heterodiegético apresenta apenas o primeiro nome de Felício; também não há informações sobre sua idade.

Ao deter nosso olhar particularmente nele, constatamos tratar-se de um personagem migrante, que passa a morar em Santos, em busca de uma vida melhor. Em uma de suas visitas a Patrocínio do Coité, quando Severino compartilha suas aspirações de também se mudar, Felício o apoia e transmite essa ideia de mudar-se em busca de uma vida melhor, em que poderia viver para além do trabalho:

Foi num desses momentos de reação que Felício apareceu, fazendo sucesso. Já eram conhecidos e Severino não tardou a contar-lhe os seus anseios e ambições.
Resolvera também ir para São Paulo.
Felício aprovou com todas as suas forças:
— Faz muito bem, vamo-nos embora, isto aqui só de passeio.
Trabalha um homem toda uma vida e na hora dos sete palmos não

⁵⁹ Durante nossa análise, ocasionalmente nos referimos à empresa apenas como Docas. No entanto, é importante observar que estamos falando da Companhia Docas de Santos (CDS). Fundada em 1892, a empresa operou com esse nome até 1980, quando passou a ser chamada de Docas S.A., conforme mencionado em uma nota de rodapé na última edição do romance (2015).

tem nem pra mortalha. **Isto é lá terra! Não se acha uma boa casa de comércio, não se encontra um bar onde se beba cerveja gelada, não se ouve rádio, não se vê uma francesa, nada desta vida.** Pensa acertado em sair. Vamo-nos embora (Prata, 1996, p. 25, grifo nosso).

No entanto, a sociedade santista difere completamente do meio rural de Patrocínio do Coité, isto é, outros valores, novas culturas e padrões de masculinidade.

Dessa forma, ao nos atentarmos às suas práticas masculinas e às de Severino, por meio de uma ótica interseccional, almejamos verificar qual imagem de masculinidade negra foi construída nesse romance, levando-nos à compreensão das dinâmicas engendradas na representação de homens negros.

3.2.1 Navegando em identidades masculinas: estratégias do homem negro

As estratégias de vida e as aspirações dos personagens masculinos negros no contexto socioeconômico descrito no romance podem ser vistas por meio de diversas situações. Felício, um desses personagens, já residia em Santos, aconselha Severino a realizar a mudança para mesma cidade. Através desse conselho, é possível identificar nuances dos valores que o personagem prezava enquanto homem. Sua ênfase em melhores condições de vida, status e progresso urbano demonstram os aspectos que considera importantes. Nesse sentido, Bola (2020, p. 36) informa que “a masculinidade é uma performance, ou seja, ela é representada de uma maneira que reforça a visão do que é amplamente considerado normal para os que nasceram homens” (Bola, 2020, p. 36).

Quando Felício compara Coité ao estado de São Paulo, manifesta que, por já morar lá, ocupa uma posição superior à de Severino, ao menos por ter tido uma iniciativa de galgar uma posição social mais elevada e melhores condições de vida. Pode-se dizer que essa aprovação de Felício em relação à mudança do amigo se enquadra nas configurações de práticas no âmbito de um sistema de relações de gênero apregoadas por Connell (1995), porque reforça os ideais de masculinidade em que há a valorização da mobilidade social e da conquista econômica de dentro desse sistema de gênero.

Por outro lado, um aspecto importante a se destacar é o comportamento de Severino, que exprime uma autoimagem de competência e de força. O personagem mostra-se não se conformar com o status quo e vê na mudança para São Paulo a

oportunidade de mudar sua situação e prover o sustento da família. Felício corrobora a ideia, mostrando São Paulo como algo mais promissor ao seu ver.

Não contente com palavras, **Felício animou-o com promessas. Garantiu arranjar-lhe emprego na Companhia, onde dizia ter amizades, protegê-lo e guiá-lo lá pelas terras desconhecidas.** Alardeou prestígio, que fazia e acontecia, que se dava com o doutor Fulano e o doutor Sicrano, **era respeitado e querido entre os companheiros**, discursava nas sessões do sindicato (Prata, 1996, p. 25, grifos nossos).

A maneira como Felício se apresenta como influente e uma figura de sucesso, capaz de prover e proteger o amigo na nova dinâmica de vida na cidade, manifesta ideologias masculinas relacionadas ao poder. Suas conexões e seu status na zona urbana são uma forma de demonstrar autoridade. Quanto às ideologias masculinas e ao discurso, o pesquisador Ramires (1997, p. 80) apregoa o seguinte:

nos discursos nos apresentamos, defendemos e justificamos nossa posição de domínio e nos fazemos constantemente. Na multiplicidade dos discursos, encontramos os elementos constitutivos das ideologias masculinas em toda sua heterogeneidade, contradições e angústias.

Nesse sentido, ideologias masculinas de poder e sucesso são transmitidas pelo discurso. A fala de Felício destacando seu status em São Paulo é utilizada para legitimar sua opinião, mostrando uma forma de domínio baseada em uma percepção de sucesso e na promessa de boas condições de vida. No entanto, ao chegar, Severino descobre uma realidade diferente à da autopercepção de Felício. O narrador heterodiegético apresenta o pensamento do personagem frente à descoberta.

Severino verificou que a importância do amigo não era tão grande assim. **Trabalhava na turma, debaixo do peso o dia todo e às vezes também à noite, ficando careca como os outros. Se vivia com boas roupas era por ser solteiro. Não mandava um tostão para a gente dele** e não pensava em guardar, como se fosse possível uma pessoa viver hoje em dia sem apartar alguma coisa para quando chegasse a hora da doença (Prata, 1996, p. 25, grifo nosso).

Felício está em uma situação similar à dos demais operários, vivendo uma vida comum e enfrentando desafios parecidos. Essa discrepância entre o que ele havia anunciado e a realidade demonstra como a autoapresentação pode ser usada para manipular as percepções e expectativas. Projetar uma imagem de sucesso e prestígio

fez Felício ganhar a confiança do amigo, mas o confronto com a realidade fez com que Severino se decepcionasse, porque verificou que o amigo não possuía nenhum prestígio ou status. Isso nos indica como as ideologias masculinas podem constantemente forjar indivíduos a manter uma imagem pública, mesmo que a verdade dos fatos seja totalmente diferente.

Connell (1995) argumenta que a masculinidade hegemônica delibera sobre outras formas marginalizadas do que significa ser um homem. A descoberta de Severino aponta para a discrepância entre o ideal de masculinidade que Felício tenta projetar e a realidade de sua situação, ilustrando a dificuldade de homens negros em alcançar o padrão hegemônico devido às barreiras sociais e raciais, que o lembram de sua marginalização a todo momento. O trabalho árduo descrito e a falta de mobilidade social lançam luz à exploração econômica e à ausência de oportunidades reais para os trabalhadores negros.

Adicionalmente, algo que pode parecer ingênuo, mas ao nosso ver não é, diz respeito ao fato de Felício não ajudar financeiramente a sua família. O foco dado por Severino a esse fato, em contraponto às escolhas do rapaz em investir seus recursos para se vestir bem, remete-nos a aspectos do contexto social brasileiro retratado na narrativa. Isso sublinha a importância de reconhecer que, por um longo período, no Brasil, foram promovidos projetos ideológicos que se fundamentavam na estrutura das relações raciais, em que:

A inexistência de barreiras de cor e de segregação racial – baluartes da democracia racial – associada à ideologia do embranquecimento, **resultava num crescente desestímulo à solidariedade do negro, que percebia seu grupo de origem como referência negativa, lugar de onde teria que escapar para realizar, individualmente, as expectativas de mobilidade vertical ascendente. O caráter individualista** da ascensão era coerente com as prédicas da democracia racial que colocava ênfase na capacidade individual como responsável pela efetivação do projeto (Souza Neusa, 2021, p. 50-51, grifo nosso).

Homens negros, assim como Felício, compraram essas ideias do sistema hegemônico vigente e marcharam em busca da ascensão social. Por outro lado, essa valorização da cidade grande em detrimento do espaço rural, dialoga com as ideias desse sistema, mas também aponta para noções de sua masculinidade, que caminha em direção à masculinidade patriarcal. Em sua fala, Felício demonstra traços como coragem ao se dispor a seguir sua vida em direção ao progresso da cidade; à

associação de virilidade, com a valorização do contato com mulheres; à ideia de que a socialização e o entretenimento no interior da Bahia limitam a expressão de sua masculinidade.

Dessa maneira, percebe-se que o investimento de Felício em roupas caras, mesmo trabalhando arduamente como operário, têm uma influência do padrão masculino da cidade em que está morando, a valorização da forma com que se apresenta e o discurso para persuadir transmite seu esforço para se alinhar às expectativas sociais de masculinidade em seu contexto, caminhando em busca de uma masculinidade hegemônica.

A trajetória de Felício é influenciada por uma série de fatores sociais que moldam suas aspirações e metas na tentativa de se adequar às normas estabelecidas. Essa reflexão pode ser enriquecida pela contribuição da psiquiatra Neusa Santos Souza, em seu livro *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Nele, a autora destaca serem “inúmeras as barreiras à conquista da ascensão social encontradas pelo negro” e que essas dificuldades “contribuíram para ampliar o fosso que o separava de sua identidade enquanto indivíduo e enquanto grupo” (Souza Neusa, 2021, p. 51).

Ao refletir sobre a representação de Felício, percebemos que o operário busca a validação e o reconhecimento dentro de padrões e princípios hegemônicos, dominados por atributos associados a outras masculinidades. Trata-se de um ideal que outros homens são incentivados a alcançar, embora a maioria não consiga completamente (Souza Rolf, 2014).

Em “A luta de classes” (1987), ensaio de *O espírito das roupas*, Gilda de Mello e Souza sustenta que as roupas funcionam como um meio de expressão da distinção social, sinalizando a classe social e o status de uma pessoa. A autora argumenta que o vestuário se configura como uma arena de lutas de classe, na qual as classes dominantes estabelecem padrões de moda que são posteriormente imitados pelas classes inferiores. Dessa forma, o vestuário não apenas reflete, mas também reforça e perpetua as hierarquias sociais existentes (Souza Mello, 1987). Nesse sentido, a busca de Felício por se enquadrar em uma masculinidade hegemônica demonstra-se também pela indumentária:

Adormeceu vendo Felício, pela primeira vez, crescer diante dos seus olhos.

Fora o mulato que, indo passear na terra, em Patrocínio do Coité, no sertão baiano, fizera com que Severino viesse parar em Santos. Apareceu por lá com tal aspecto de prosperidade, que despertou inveja nos rapazes da vila e dos arredores, desencabeçando-os, fazendo com que eles só pensassem nas riquezas do Sul. Felício, nos dias que lá passou, **andava mais bem-vestido e com mais pose do que o juiz de direito, Era só na casimira e no brim branco, do bom, camisas de seda com monogramas em linha vermelha, gravatas vistosas, sapatos de mais de uma cor** (Prata, 2015, p. 44, grifo nosso).

Felício adere às regras impostas pela cultura patriarcal hegemônica de Santos, isto é, adere ao modo de se vestir, porque quer ser visto com distinção, é o que almeja para si enquanto traço identitário. Ele tenta elevar seu status e desafiar as expectativas sociais impostas a ele por meio das escolhas de roupas que usa. Souza Mello (1987) afirma que as roupas são um prolongamento da identidade e uma forma de expressão pessoal. Percebe-se que Felício as usa nas visitas a Patrocínio do Coité como usou o discurso para dizer a Severino que lhe arrumaria emprego em Santos.

A trajetória do personagem transcende a busca por reconhecimento individual, configurando-se como uma resistência frente a um sistema que perpetua a desvalorização de sua identidade racial e de gênero. Ao procurar ajustar-se ao sistema hegemônico, o personagem expõe as concessões profundas que se viu obrigado a realizar para se integrar à vida urbana de Santos. O episódio em que Felício interpela Severino sobre consultá-lo para obter a carta de recomendação para a candidatura no trabalho das Docas exemplifica as renúncias feitas para adaptar-se e inserir-se na dinâmica urbana:

Quando eu cheguei, era besta assim como você, tinha vergonha dos homens, de pedir, até de olhar pra eles. Mas a precisão tem cara de herege. **Fui obrigado a me mexer.** Hoje em dia **não tenho medo das caretas do inspetor**, do superintendente, nem de maioral nenhum de lá de dentro ou de cá de fora. Entro pra falar com algum, nem mode coisa', não me bate a passarinha?, fico como estou agora. **De primeiro, era um nervoso que sentia, um vexame, uma coisa que me dava, esfriando as mãos que nem podia dizer nada.** Pura besteira. Tolice de quem não conhece a vida, de nós de Patrocínio (Prata, 2015, p. 42-43, grifo nosso).

A interação entre Severino e Felício evidencia a adaptação e a resistência de Felício no contexto urbano. Notamos que ao posicionar-se em igualdade com o amigo, demonstra que seu comportamento se transformou conforme as exigências locais. O

relato de seu crescimento ao superar o nervosismo e a vergonha iniciais, aprendendo a navegar pelo mundo dos homens brancos e poderosos configura uma luta pelo prestígio e respeito, adequando-se às expectativas da masculinidade hegemônica naquele espaço. Chamamos a atenção para como vai sendo construído gradualmente o perfil dos personagens. Felício demonstra ter aderido ao universalismo para se enquadrar às normas do espaço urbano. Por outro lado, Severino apresenta certa resistência. Entendemos o padrão hegemônico como universalista, principalmente no contexto brasileiro em que vigorou o esquema colonial. Consoante a Faustino e Ribeiro (2017, p. 167):

Diante desse esquema colonial e patriarcal, apenas o (homem) branco tem status de sujeito. O branco aparece como expressão universal daquilo que se entender por humano e aquilo que se entender por humano, em consequência, representado pela branquitude. Ser “humano” é ser branco e o negro (não-ser), sedento por encontrar-se no olhar de um outro que só vê a si mesmo (reconhecer-se é ser reconhecido) passa a desejar ser branco. Nestas condições, a busca para se fazer homem é ao mesmo tempo atividade de (auto) negação.

É preciso negar sua identidade para alcançar o reconhecimento e o status social, mas também para ser supostamente visto como ser humano em Santos. Felício não apenas espelha sobre sua própria experiência, mas instrui Severino a como se portar no novo ambiente, o que nos indica dimensões de masculinidade, em que as construções dela estão sujeitas às pressões e desafios frente à cidade. No caso de Felício, foi necessário vencer a vergonha e o nervosismo para enfrentar os desafios da cidade, especialmente em um ambiente hostil, como exemplificado pelo tratamento de Doutor Marcondes com Severino.

Malvina Muszkat (2018, p. 10) repercute que “a subjetividade masculina é bem distinta do folclórico amontoado de ideias tradicionais que 'define' os homens”. Esse conceito se materializa no relato de Felício. A necessidade o compeliu a adotar uma nova postura, uma máscara de confiança e assertividade que lhe permitiu enfrentar figuras de autoridade sem medo. As palavras de Felício marcam uma rejeição das normas de comportamento impostas pela sociedade, representadas aqui pela expressão “coisa de gente que não conhece a vida, de nós de Patrocínio” (Prata, 2015, p. 43), elucidando uma postura desafiadora em relação às expectativas sociais que tinham dele por vir do interior baiano, exibem que ele rejeita esse lugar do subalterno, do “outro”.

A análise interseccional transparece nuances sobre a identidade e as práticas masculinas de Felício e Severino. Por um lado, Felício é um personagem que demonstra um manejo da vida, evita confrontos diretos com a responsabilidade preferindo maneiras alternativas de conseguir atingir seus objetivos e por vezes desdenha em relação às normas estabelecidas. Em uma passagem específica da diegese, por exemplo, o narrador nos aproxima da relação de Felício com Milagre, dono do chalé onde Felício e Severino moram.

Felício fugia de discutir com o senhorio, desde o dia em que quase iam às vias de fato por bobagem. Andavam sempre por caminhos opostos. Milagre achava a vida boa e Felício ruim; para milagre tudo estava muito direito, as coisas marchavam sempre bem; para Felício estava tudo torto, precisando de consertos radicais; **Milagre sujeitava-se docilmente ao trabalho; Felício revoltava-se; Milagre era amigo da Companhia; Felício, não.** Conhecendo-se os dois, evitavam pegar conversa acalorada. Não que Felício o temesse, ao contrário, tinha sempre uma risada safada e desdenhosa para os ditos do outro, julgando-se muitos furos acima (Prata, 1996, p. 66, grifos nossos).

Percebemos duas masculinidades distintas que se afirmam na diferença. O interessante é notar como as características de cada personagem configura como suas identidades são construídas em oposição. Num primeiro aspecto, Felício mostra-se rebelde, crítico e insatisfeito com o status quo. Ele inclusive atribui-se superioridade em relação aos outros, mantendo uma certa atitude de desdém. Por outro lado, a masculinidade de Milagre mostra-se mais conformada com a situação frente às condições de trabalho nas Docas. Demonstra-se mais submisso e se adapta bem às expectativas sociais e laborais.

É possível notar, portanto, que há uma relacionalidade entre as duas identidades. Woodward (2014), argumenta como as identidades são construídas em uma perspectiva relacional, ou seja, em oposição umas às outras. Como percebemos, Felício e Milagre se definem pela negação das características do outro. Refletindo sobre a identidade, Woodward (2014, p. 8) aclara:

A identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista.

Através da oposição, suas identidades vão ganhando significados. Nesse sentido, a teórica Woodward (2014, p. 9) esclarece: “a identidade é marcada por meio de símbolos”. Referente aos personagens, seus comportamentos e atitudes, o trabalho, a relação com a Companhia Docas e a reação ao conflito funcionam como símbolos de suas identidades masculinas que carregam significado. Em Felício, notamos a risada desdenhosa, marcando sua superioridade e rebeldia, enquanto a sujeição de Milagre ao trabalho simboliza sua masculinidade conformista. Essas masculinidades entram em choque e descortinam um conflito. No entanto, essas tensões são parte do processo de construção identitária, de acordo com Woodward (2014).

Conforme exposto pela autora, “as identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas” (Woodward, 2014, p. 13). Esse conflito fica evidente na relação entre Felício e Milagre, porque a tensão entre conformidade e rebeldia parece ultrapassar o âmbito pessoal, tocando na ideia de uma luta mais ampla sobre o que significa ser homem em sociedade. Portanto, essa relação dialética mostra-se fundamental para entender a complexidade das identidades de gênero e sua construção social, nesse contexto.

Uma das características mais fortes do personagem é a forma com que lida com problemas. Ao ajudar constantemente o protagonista a encarar os desafios de sua vida, o faz com tamanha habilidade, mostrando-se influente no comportamento, atitude e às vezes, até no pensamento das pessoas. Seu jeito despojado, sem vergonha em pedir favores, é astutamente utilizado para transitar entre as figuras que representam a hegemonia em seu contexto social. Pode-se observar tais características quando ele procura o doutor Constantino para pedir uma carta de recomendação para Severino:

Felício lançou um boa noite rasgado. O doutor respondeu e mandou que subissem, pedindo cadeiras. E afável, acolhedor, foi logo pondo as visitas à vontade:

— **Que é lá, seu Felício, que é que manda? Outro cartãozinho?**

E ria-se, cheio de uma bondade jovial.

— **É verdade, seu doutor - respondeu Felício com ares sérios.**

— **Queria merecer mais um favor do senhor, uma recomendação aqui para o meu amigo e conterrâneo, que está precisado.** Agora, neste mês, a Companhia está recebendo gente, mas sem cartão custa, é difícil.

Como sabia que o doutor achava graça nas suas prosas de **operário metido a sebo**, acrescentou:

— O negócio do cartão é só pra fazer pouco do pobre, que já entra se humilhando, de cabeça baixa. Já que a Companhia precisa, o trabalhador devia se apresentar com os seus papéis, valendo por si mesmo. Ia pra inspeção. Se servisse, bem, pra dentro; se não, rua, toca a andar. Não acha o senhor?

O doutor Constantino riu, de fato, acendendo um charuto.

Severino, encolhido na sua cadeira, admirava-se do desembaraço do companheiro que não tinha vergonha, nem das moças presentes, afoito como ele só, a conversar como se fosse gente. Era outro homem, o Felício (Prata, 1996, p. 27, grifo nosso).

Algumas nuances são percebidas com essa passagem e dizem respeito às configurações das identidades de Felício e Severino, na forma como são percebidos e se comportam. Homi Bhabha (1998) discute que a chave da ambivalência em um discurso colonial está em uma certa noção de mímica ou mimetismo. O autor informa que o discurso colonial almeja por meio do mimetismo do colonizado produzir sujeitos que reproduzem seus valores, mas acaba ocorrendo o contrário, produz sujeitos ambivalentes que não são e nem serão iguais aos colonizadores, o que de alguma maneira ameaça o poder colonial (Bhabha, 1998). Focalizando Felício, ainda que não esteja em um contexto colonial, e sim, pós-colonial, podemos perceber implicitamente, a persistência dessa dinâmica de alguma maneira.

Ao tecer uma crítica social, Felício desafia uma norma estabelecida que perpetua desigualdades sociais, o que nos demonstra uma forma de resistência cultural. O trecho “Como sabia que o doutor achava graça nas suas prosas de operário metido a sebo” (Prata, 1996, p. 27) sugere que, mesmo ao adaptar seu discurso para se alinhar às expectativas do doutor Constantino — uma estratégia para navegar nas hierarquias sociais estabelecidas —, Felício não perde sua capacidade de criticar o sistema de cartas de recomendação nem sua tentativa de confrontar injustiças sociais. Pelo contrário, ele mantém sua própria agência enquanto negocia seu espaço dentro desse sistema.

É interessante perceber essa nuance porque, ao tentar incorporar elementos da masculinidade hegemônica, o personagem também desafia essa hegemonia ao seu modo. Essa relação entre hegemonia e o subalterno revela-se uma dinâmica mutável: ora Felício aceita seus benefícios, ora rejeita aspectos que considera opressivos e desumanos. Em outros termos, ele negocia seu lugar dentro de estruturas de poder vigentes, mesmo quando elas são opressivas.

Severino, por outro lado, observa com admiração a desenvoltura e a coragem do amigo, não só por ter essa eloquência verbal naquele espaço, mas também por

desafiar a norma. É como se ele reconhecesse sua forma assertiva e consciente, como também sua não conformidade passiva às expectativas impostas. Esses valores esperados de um homem e suas práticas salientam o que Severino define como importante para um homem.

À vista disso, Felício e Severino representam, ao nosso ver, formas de agência e negociação cultural dentro de um sistema que tenta moldá-los de maneiras específicas. No entanto, por meio de algumas ações e posicionamentos, mostram uma complexidade e uma certa resistência à assimilação completa dessa dinâmica.

Felício apresenta ainda uma perspectiva prática da vida, tem um desapego das expectativas sociais em relação ao trabalho e à responsabilidade familiar que contrasta com Severino, que valoriza e almeja constituir uma família. Sua confiança está baseada na contingência da vida e nas boas conexões sociais:

No centro, dominando quase todas as atenções, **rodeado de um grupo denso, Felício falava como um deputado**. Regressara na véspera de Buenos Aires, onde fora passear, graças a um bom golpe no bicho. - Vou começar a história do princípio. **Não se lembram de que eu sempre dizia que esperava provar as coisas boas da vida?** A demora era pegar os “mangos”. **Juntando tostão a tostão do salário, não ia mesmo**. Minha esperança era uma “tacada” no milhar. (Prata, 1996, p. 144, grifos nossos).

No livro *Masculinities*, Connell (1995) investiga as diferentes maneiras pelas quais várias formas de masculinidade são criadas e sustentadas pela sociedade e pela cultura. As estruturas abordam a hierarquia de gênero, bem como as relações de poder que influenciam as identidades masculinas. Quando Felício performa sua masculinidade em um bar, destacando suas conquistas pessoais por meio da captação da atenção do grupo, ele destaca o reforço de sua conquista de status social, que também se dá por meio de seu comportamento. Esse ato mostra que os homens podem construir sua identidade masculina por meio de histórias de sucesso e posse material – ideia apresentada por Connell (1995).

Além disso, a referência ao jogo de sorte como o único meio viável para superar barreiras econômicas e desfrutar “das coisas boas da vida” pode ser interpretada à luz das estratégias de afirmação e de resistência nas masculinidades negras. A abordagem de Felício para lidar com um sentimento de inferioridade em relação ao homem branco — o modelo hegemônico — leva-o a performar uma masculinidade

centrada na aquisição de bens materiais (Fanon, 2020).

Em contraste com esse perfil masculino está o personagem Severino. Ele personifica valores tradicionais de responsabilidade familiar e a determinação de prover o sustento por meio do suor de seu trabalho. Durante uma visita à casa do doutor Constantino, com Felício, em busca de uma carta de recomendação, é Severino quem explicita sua principal motivação em estar em Santos.

— Eu só vim porque fui obrigado pela necessidade — justificou timidamente Severino.
 — Nada mais justo do que procurar melhorar de vida — opinou o doutor.
 — Não quero enriquecer — tornou Severino —, não tenho “aração” de dinheiro, só queria arranjar alguma coisa para ajudar a minha mãe e quatro irmãos pequenos que deixei em Patrocínio.
 — E também para dar uma casada — acrescentou Felício (Prata, 1996, p. 29).

As normas e expectativas sociais sobre masculinidade têm um papel importante na modelagem das oportunidades e definições pessoais de sucesso e realização de Severino, limitando-o ao foco na obrigação social de prover para sua família em detrimento de outros aspectos de sua vida. Mesmo quando considera aspirações além do sustento familiar, suas ambições estão intrinsicamente ligadas a essas normas sociais esperadas para os homens. Felício indica isso ao doutor Constantino, ao mencionar que Severino também desejava constituir família própria.

José Severino assumiu a responsabilidade de sustentar sua família após seu pai, Amaro, ser preso. Como filho mais velho, viu-se na posição de responsabilidade de trabalhar na lavoura para cuidar de sua mãe e de quatro irmãos mais novos na ausência do pai. Conforme Ramires:

Os papéis sexuais, claramente divididos, atribuíam ao homem a função de prover materialmente a família e à mulher a responsabilidade pelo cuidado da casa e a educação dos filhos/filhas. A equação homem → espaço público e mulher → espaço privado é tida como a mais natural organização de papéis, consagrando a dependência da mulher ao homem (Ramires, 1997, p. 22).

Esses mitos rondam o imaginário social e advém do sistema patriarcal que cria essas hierárquicas. Complementarmente aos papéis de gênero expressos por Ramires, Bola (2020), corrobora: “o patriarcado é uma trama que se estende pela

família [...] Ele socializa os comportamentos, atitudes e ações dos homens, dizendo a eles como devem agir, se sentir e se comportar em todos os aspectos das suas vidas” (Bola, 2020, p. 16). Essa ideia expressa por Ramires e Bola informa especialmente a como homens devem se comportar com mulheres e outros homens. Nesse sentido, a história de Severino ilustra exatamente essa divisão tradicional de papéis de gênero

Desde que Severino se entendia, que não se lembrava de uma quadra de largueza em sua casa. Era tudo pouco, medido e contado. Havia épocas, então, em que o aperto era demais, faltando o necessário, as coisas empreteciam de tal maneira que era preciso ter coragem para se ficar na frente delas, testa com testa. Mas Severino se cansara cedo de semelhante viver. Precisava melhorar a sorte, ter recompensas, ver os frutos do seu trabalho (Prata, 1996, p. 24).

Como homem, Severino foi inicialmente encarregado de fornecer sustento para sua família após a prisão de seu pai. Esse papel foi considerado natural e esperado da comunidade em que vivia, e retrata o conceito de que o espaço público é propriedade dos homens, ou seja, é responsabilidade dos homens garantir o sustento da família. Por outro lado, a mãe de Severino é responsável pelos cuidados da casa e pela criação dos filhos, de acordo com as atribuições atribuídas às mulheres naquela época. Essa situação consagra a dependência da família do trabalho e da renda de Severino, além de desvelar seu desejo de se ver livre das limitações impostas pela escassez e pelas dificuldades econômicas.

Diferente de Felício, Severino não tem uma rede de contato ampla, não busca status, e a autoafirmação não é um de seus valores. Humilde, o rapaz demonstra certa insegurança e timidez frente às novas e diversas situações do espaço urbano, especialmente se comparado com o jeito desinibido de seu amigo. No momento da diegese em que estão na casa de doutor Constantino, podemos perceber a timidez de Severino ao observar Felício se comunicar.

Por conta do seu jeito mais tímido e sem a malícia dos meandros urbanos, Severino enfrentava dificuldades ao tentar se adaptar ao novo ambiente de trabalho, simbolizando sua luta para se afirmar e encontrar seu lugar em Santos. Durante o processo admissional nas Docas, precisou passar por etapas que consistiam em emitir documentos de identificação, tirar fotos para a emissão deles, e outras questões correlacionadas. Ao longo do processo de contratação, Severino se depara com alguns impasses.

A mudança do espaço rural para o espaço urbano é uma questão que ganha atenção, e se evidencia por meio do contato de Severino com “um senhor gordo, de face rosada e lisa, também colocado atrás de uma mesa cheia de papéis” (Prata, 1996, p. 34), tratando-se de seu Meira, um dos empregados do escritório das Docas. Quando o protagonista procura seu Meira, a pedido do chefe da companhia, Meira diz: “— Oh! Com os diabos! Isto não acaba mais. Só parece que as populações de Portugal e do Norte vieram se empregar na Companhia.”.

Neste contexto, Ranulfo Prata expõe uma situação marcante do Brasil durante o período retratado, 1926-1927, por meio da observação feita por Meira na narrativa. Sua percepção realista demonstra a mudança demográfica em Santos, com o aumento da população por conta da busca por empregos, que escancara a competitividade entre estrangeiros e nordestinos.

Uma observação adicional a ser considerada é a posição de autoridade que seu Meira, figura branca, ocupa na narrativa enquanto personagens negros e/ou nordestinos desempenham papéis subalternos. Esses são fatores que aparecem desde o início da trama. A busca por empregos na cidade, por exemplo, não se restringe aos empregos da companhia Docas. Quando Severino chega a Santos, não consegue encontrar trabalho imediatamente nas Docas, como havia sido planejado para ele quando deixou seu local de origem. Portanto, ele:

Procurou emprego por outras bandas. Tentou entrar para Companhia City e para a S. Paulo Railway. **Não foi possível. Não havia vagas. Entretanto, na mesma semana, soube que muitos espanhóis e portugueses haviam sido admitidos. Sentiu-se com preterição.** Que é que ele tinha? Não era aleijado, nem cego, nem doente, podendo trabalhar como os outros. Por que seria, então? (Prata, 1996, p. 12, grifo nosso)

Severino percebe-se marginalizado em relação aos estrangeiros no mercado de trabalho de Santos e se questiona sobre os motivos pelos quais isso ocorre. Esse sentimento de injustiça e exclusão dialoga com as expectativas culturais e sociais relacionadas à identidade masculina, conforme explanadas por Mara Barasch.

Desde que nascem, meninos e meninas deparam com uma enorme variedade de comportamentos que deverão copiar e de que deverão se apropriar como se fossem seus, de acordo com a cultura da sociedade que pertencem. **Normalmente, em nossa cultura, espera-se do menino a iniciativa, a agressividade para lidar e encarar os**

fatos corriqueiros, o constante acerto nas investidas ao sexo oposto e a escolha de um determinado caminho que seja característico de pessoas fortes e vencedoras - os provedores. É toda uma série de valores que são passados consciente e inconscientemente para que ele assuma seu papel sexual masculino, que determina que não será um fraco ou um efeminado; em suma, tira-se toda a delicadeza de seu mundo e coloca-se o seu referencial no mundo externo (Barasch, 1997, p. 98, grifo nosso).

A marginalização de Severino no mercado de trabalho retrata tanto a realidade laboral quanto as expectativas culturais de virilidade e sucesso. As dinâmicas discriminatórias afetam sua identidade masculina e autoestima, ligadas aos padrões sociais de provimento e força. Essa sensação de injustiça que o protagonista sente, surge da percepção de que não se alinha aos padrões de virilidade valorizados pelas instituições empregadoras, implicando uma avaliação subjetiva e social além da aptidão física nas decisões de contratação.

A ausência de ocupação o coloca em descompasso com as expectativas culturalmente estabelecidas, desafiando-o diante da escassez financeira e da incapacidade de corresponder às normas da masculinidade patriarcal. Por conseguinte, sua luta reverbera os obstáculos enfrentados por muitos homens que se sentem compelidos a se adequar aos ideais de masculinidade, mesmo sob circunstâncias adversas, evidenciando a interconexão entre trabalho, masculinidade e identidade em um contexto social e cultural mais amplo, no qual as normas e expectativas podem representar desafios significativos para homens que não se alinham aos padrões hegemônicos.

Hall (2016) afirma que os estereótipos refletem em consequências reais para a vida das pessoas a quem lhes são atribuídos. Com a diegese apresentada, fica implícito o motivo de Severino não conseguir vagas de emprego, mas em outras vivências do personagem o preconceito vem à tona de forma explícita:

O artista aproximou-se novamente, tentando ajeitar-lhe a cabeça pela quarta ou quinta vez. Quando a tomou nas mãos pelos parietais abaulados, que faziam recuar o occipital, achatando-a grotescamente, abriu a face num riso de zombaria:

— **Esta é das boas, é chata de verdade.**

Severino virou-se num assomo.

— Fique sabendo o senhor que **não vim aqui para servir de mangação.**

Cuide do seu ofício que é melhor. Me despache.

Vendo-lhe a raiva nos olhos, o retratista mudou logo.

— **Já quer brigar? Deixe disso, rapaz, estou caçoando. Eu**

também sou cabeça-chata, não está vendo? Sou da Paraíba.

Severino olhou para ele e fez um trejeito com o rosto, dizendo qualquer coisa naquela linguagem nova. Depois, com algum esforço, conseguiu ficar firme, de olho fixo na objetiva.

— Atenção! Pronto (Prata, 1996, p. 36-37, grifo nosso).

A situação vivida por Severino evidencia a presença de estereótipos culturais e regionais em sua representação enquanto personagem, quais sejam: “cabeça-chata”, referindo-se de forma pejorativa às pessoas do nordeste brasileiro como pessoas de crânio mais achatado; o sotaque nordestino que causa um certo estranhamento e conflitos com as pessoas que vivem na metrópole; a raiva e a agressividade associadas às pessoas marginalizadas, que demonstram uma propensão para a violência e conflitos. Além disso, mostra como alguns desses estereótipos são tão internalizados que até mesmo uma pessoa da mesma região os reproduz ao se referir a alguém semelhante, como o acontecimento envolvendo o fotógrafo, que o faz de forma jocosa. Isso está alinhado com os preceitos teóricos de Kimmel (1998), que enfatiza como homens frequentemente buscam afirmar sua masculinidade menosprezando outras formas de masculinidade, criando um “outro” contra o qual se comparar.

Semelhantemente, Osmundo Pinho traz reflexões sobre a especificidade da vivência e da identidade de homens negros, explorando como suas experiências são moldadas por forças sociais e históricas, constantemente enfrentando estereótipos e opressão (Pinho, 2004). No contexto da interação com o retratista, a zombaria do fotógrafo denota um exemplo claro de como a cultura dominante suprime os aspectos identitários culturais dos personagens que saíram do interior do nordeste, levando-os a internalizar uma visão negativa sobre sua própria comunidade.

Além disso, sua atitude evidencia uma dinâmica de poder na sociedade patriarcal supremacista branca em que estão inseridos, onde ele assume uma posição hegemônica, isto é, de superioridade e desrespeito sobre Severino. Essa interação não só traduz o conflito entre masculinidades e a cultura dominante, mas também as barreiras sociais e as pressões enfrentadas pelos “outros”, isto é, os subalternizados, vistos como diferentes, ao tentarem afirmar sua identidade em uma sociedade estruturalmente racista. Ao analisar alguns dilemas do masculino, Malvina Muszkat percebe que fatores externos podem influenciar a reação das pessoas:

Há ainda os que preferem não utilizar o recurso da violência, mas

podem recorrer a ela caso haja fatores externos determinantes, tais como o uso de álcool ou drogas. Nesses casos, existe também a preocupação com o **“que vão pensar de mim se não reagir”** – o que por vezes justifica uma ação que, apesar de condenável, **pode se tornar “necessária”, para garantir a honradez** (Muszkat, 2018, p. 84, grifo nosso).

Embora Severino não chegue à violência física, sua reação inicial denota um potencial para escalada se a provocação continuasse. A resistência de Severino à zombaria e sua demanda por respeito não apenas afirmam sua individualidade, como também caracterizam uma recusa em ser reduzido a estereótipos. Denota-se que sua percepção sobre a própria masculinidade e honra pode levá-lo a agir de maneira assertiva. Um ponto adicional: a menção do retratista de ser “cabeça-chata” e ser originário da Paraíba alude a uma conexão cultural – fundindo a tensão existente, mas ainda assim sugerindo um estereótipo que influencia a dinâmica de poder e o respeito mútuo.

Retomando o contexto da trama, para chegarmos no ponto em que almejamos, voltemos ao processo de admissão de Severino. Outro impasse pelo qual ele passa também está ligado aos traços culturais que denotam sua origem.

Quando seu Meira recebeu os retratos, escolheu o melhor, o mais bem parecido, pregou-o no canto de um papel impresso, bateu em cima um carimbo e entregou-lhe.

— Bem, agora tem que ser inspecionado, amanhã às nove horas, na associação. Sabe onde é?

— Não sei não, **meu irmão**.

Seu Meira espantou-se e meio agastado:

Que irmandade é essa? Não sabia que meu pai tinha andado também lá pelo Norte. Tem graça... Há cada uma... **Irmão do boi e não meu.** Vê lá... **Não se enxerga?** Então, não sabe mesmo onde é a associação? E o escritório do Tráfego?

— Não sei, não senhor.

— E o bar Chave de Ouro?

— Também não.

— Então pergunte, arrume-se como puder, não me amole a paciência, **irmão... do diabo.**

Severino saiu às cabeçadas (Prata, 1996, p. 37, grifo nosso).

Fica-nos evidente pela forma como Severino é tratado que ele é tido como “menos civilizado”, e não é reconhecido por sua herança cultural, isto é, pelas marcas linguísticas de seu contexto, por Seu Meira, que sadicamente questiona o parentesco e o vínculo à região de origem do protagonista. Essa desigualdade e o desrespeito que Severino enfrenta espelham sua luta contínua por validação e reconhecimento de

sua masculinidade frente a um ambiente que o vê como subalterno, o “outro”. Sua persistência na candidatura à vaga de emprego evidencia sua resiliência e determinação para alcançar seu objetivo maior, que é prover à família.

Seu Meira, que representa a autoridade e o prestígio da masculinidade hegemônica, trata Severino com desdém, reforçando a hierarquia racial e a falomaquia, isto é, a disputa pelo poder e prestígio associados à masculinidade entre homens negros e brancos (Souza Rolf, 2013). Em outros termos, à luz das reflexões de Faustino (2014), notamos que Severino é desafiado a redefinir sua masculinidade em um contexto de racismo: “A masculinidade negra é frequentemente marcada por experiências de racismo que forçam os homens a renegociar suas identidades fora dos parâmetros tradicionais impostos pela sociedade racista” (Faustino, 2014, p. 75). Essa situação de uma submissão forçada da parte do protagonista escancara as dinâmicas de poder que influenciam a construção das identidades masculinas em contextos racializados e hierarquizados.

Em Santos, esses comportamentos tendem a se repetir várias vezes com Severino. Em um momento de reflexão, revivendo suas experiências no primeiro dia em uma das oficinas na empresa portuária, ele chega a uma conclusão:

Enquanto trabalhava, Severino pensava naquela história de andar chamando todo mundo de irmão. **Por causa de tal costume, estava-se saindo mal, levando na cara, como se aquela palavra ofendesse, tirasse pedaço.**

Bem que Felício já lhe chamara a atenção. "Acabe com este vazo de tratar os outros de irmão. Isto aqui não é Patrocínio. Em terra grande ninguém é irmão, é tudo inimigo. Não se comem uns outros como cobra, porque a Polícia não deixa. Mas a vontade é esta." Desde que viu o risinho ruim do contínuo e a zanga de seu Meira, que fizera o propósito de não cair noutra.

Se há poucos instantes, chamara o mestre, foi porque se esquecera, era a força do hábito. Jurava, porém, que dali em diante havia de ter a maior cautela para não repetir semelhante coisa (Prata, 1996, p. 46-47, grifo nosso).

O contraste emerge com a revelação das expectativas das masculinidades hegemonicamente valorizadas em Santos. O uso da palavra “irmão” causava desconforto justamente por expressar uma noção de familiaridade e conexão comunitária, valores que com os quais indivíduos detentores do poder hegemônico (como o fotógrafo, seu Meira e o mestre) não desejam ser associados. Ao contrário, eles buscam perpetuar a masculinidade hegemônica presente nessa dinâmica social,

em que as relações são caracterizadas pelo distanciamento e competições mais intensas.

Eis que chegamos ao ponto crítico de nossa discussão, o qual coloca em destaque nosso objeto de análise, o personagem Felício. Ele, que outrora já falara com Severino, na tentativa de ajudá-lo a se conformar com as normas e expectativas dominantes de masculinidade, mostra-se um personagem perspicaz e experiente. Dessa maneira, em harmonia com as concepções de Souza Neuza (2021, p. 46), consideramos que “o negro [no caso, Felício] que se empenha na conquista da ascensão social paga o preço do massacre mais ou menos dramático de sua identidade”.

Felício, por meio de suas próprias vivências e da observação do entorno, não apenas identifica as discrepâncias culturais e sociais entre Patrocínio e Santos, mas também se ajusta às intrincadas nuances do contexto em que está inserido. Essa característica na construção do personagem é reiterada ao longo de outros eventos narrativos, corroborando a validade da perspectiva tensa e interligada, conforme sustentado por Pinho (2004, p. 65), que postula que as dinâmicas de poder e dominação ocorrem em “contextos sociais estruturados, porém, abertos à inovação”.

Em uma ida ao bar para espairecer as ideias após um longo dia de trabalho, Severino e Felício se deparam logo na entrada com um trabalhador negro embriagado e sujo. Essa representação informa um estigma atribuído a homens negros, na tentativa de simplificá-los: operário negro marginalizado. Sua presença e seu estado como embriagado ilustram as condições sociais e econômicas nocivas enfrentadas por muitos negros na sociedade pós-colonial, em que trabalho árduo não necessariamente sucede em reconhecimento ou respeito.

[...] entraram no **bar Fura-Mundo**. Marítimos bebendo e conversando em muitas línguas, de carne alvoroçada pelas longas travessias; [...] **Um carvoeiro, negro dos pés a cabeça, a cair de bêbado, tocava violão e cantava em voz medonha.** [...] **Para a mesa de Felício veio uma mulher loura, de olhos tão belos e pele tão alva que Severino ficou longo tempo admirar-lhe os braços, o pescoço, as costas quase de fora. Lastimou-a intimamente:** “Uma moça tão branca, tão fina e especial, nesta desgraça de vida. Quem havia de dizer? Mundo à-toa.” Enquanto, calado, tomava a sua cerveja, Felício agarrou com ela numa converseira divertida, cheia de risadas que estalavam, jorrando sensualidade grossa. E **sem nenhum respeito pela dona, dava-lhe tapas nos ombros, bulia-lhe nos peitos e espremia-lhe entre os dedos os beijos** vermelhos de tinta.
Ela gostava da brincadeira ria acende ali cigarros tirava goles do

seu copo e sentava-se no seu joelhos. Tamanhas liberdades ali aos olhos de toda a gente ofenderam Severino que pediu licença e levantou-se. Para onde vai tão cedo vamos ficar mais um pouco à noite hoje é nossa convidou Felício **a vida não é só carregar peso e ficar ferrugem** sempre tem alguma coisa que preste sente aí não seja burro homem (Prata, 1996, p. 63).

Outro ponto merece destaque: a mulher loura descrita com admiração por sua pele clara e beleza, contrastado ao ambiente em que ela se encontra e a reação de Severino, que em seu íntimo, lamenta sua presença ali. Isso nos informa como as percepções de beleza e valor são influenciadas pela raça e influenciam as interações sociais. Nota-se ainda que há em Severino uma percepção internalizada de que características associadas à branquitude são mais desejáveis e dignas de respeito, enquanto as negras são menos valorizadas.

Chama-nos atenção ainda a interação de Felício com a mulher, que é marcada por uma sexualidade explícita, mas também pela falta de respeito por parte de Felício. Percebe-se a presença de uma norma machista na construção de sua masculinidade. Diante dessa situação, temos um contraste. Severino com uma visão mais respeitosa e reservada resolve se retirar, exibindo uma divergência com aquele modo de figurar a masculinidade.

Diante da observação acerca de uma das engrenagens que impulsionam as dinâmicas hegemônicas na sociedade delineada por Prata, é imprescindível apresentar Felício de maneira precisa ou, mais especificamente, como já abordamos um aspecto cultural anteriormente, passemos por ora, aos aspectos físicos. Por acréscimo, informações sobre sua aparência também são limitadas, fornecendo apenas algumas poucas descrições. Em sua primeira aparição no romance, o narrador o apresenta:

Felício continuava a dormir, de papo para o ar, respirando sempre com ruídos pelas suas **ventas largas de mulato**. Foi preciso Severino se levantar e ir **acordá-lo com tapas nas pernas e puxões de lençol**. De pé, Felício tratou de se apressar para não perder o ponto. Em poucos minutos, enfiou as calças e a camisa de meia, calçou os sapatos de lona, atando no pescoço um grande lenço de ramagem escura. **Lavou a cara, escovou os dentes** e, após o café, bateu para o cais, açodado, com receio de se atrasar. (Prata, 1996, p. 13, grifo nosso).

Na narrativa, o primeiro encontro com Felício ocorre em uma manhã, no quarto alugado do chalé de madeira de Seu Manuel Milagre, localizado em Santos, onde ele

divide o espaço com Severino. Essa introdução evidencia aspectos importantes sobre sua vida e personalidade. Citando um caso análogo, a necessidade de ser despertado por Severino com “tapas e puxões de lençol” indica um cansaço acumulado, do qual o tempo de repouso não é suficiente para restaurar as fadigas do corpo, bem como a parceria e cumplicidade entre homens que evita o atraso de Felício. As descrições do narrador sobre as “ventas largas de mulato” do personagem ressaltam as características fenotípicas de Felício, delineando aspectos de sua identidade. Considerando essa situação, notamos que a vestimenta de Felício para o trabalho é simples, revelando-nos uma certa adequação ao ambiente de labor. No entanto, percebemos que as “roupas finas”, nas quais ele investe parte de sua renda, são utilizadas em contextos fora do ambiente laboral. No trabalho, ele é apenas mais um operário, semelhante aos demais, e sua masculinidade é subalternizada pelas dinâmicas de raça e classe. Logo, a afirmação de sua masculinidade ocorre fora desse ambiente, por meio da ostentação de uma aparência elegante, que visa projetar uma imagem de riqueza e poder.

Em outra ocasião, durante uma conversa com Severino, no quarto que compartilhavam, são apresentados alguns detalhes adicionais sobre a aparência física de Felício. O narrador oferece outros elementos que contribuem para sua caracterização: “Felício levantou-se. O seu corpo nu ressaltou na luz fraquinha do quarto, possante, hercúleo, todo riscado de músculos que se empelotavam ao menor movimento” (Prata, 2015, p. 43). Essa descrição de sua força física remete às representações estereotipadas do homem negro, como apontadas por (Souza Rolf, 2009). Essa imagem reforça uma visão do homem negro como um ser de força física descomunal, amiúde reduzido a um papel de vigor em detrimento de suas subjetividades.

A representação da atividade laboral de Felício nas Docas também vai por esse caminho: “Trabalhava na turma, debaixo do peso o dia todo e às vezes também à noite” (Prata, 1996, p. 25). Felício é um personagem representado como aquele que dá conta do serviço pesado.

De volta à pensão, depois de seu primeiro dia de trabalho nas Docas, Severino é interpelado pelos moradores sobre como foi seu primeiro dia de trabalho, e restringe-se em responder que ainda era o primeiro dia e não podia dizer nada a respeito, mas o que queria mesmo ter dito era: “não simpatizara com o mestre. Mas não disse, guardando só para si a impressão recebida” (Prata, 1996, p. 48). Severino demonstra

uma relutância em compartilhar detalhes e impressões sobre seu dia de trabalho, talvez por medo de se expor ou mesmo de não confiar nas pessoas ao seu redor. Essa posição defensiva se dá em um contexto em que o ambiente da pensão é predominantemente composto por pessoas brancas: Seu Manuel, Sá Francisca e Florinda. Todos à mesa, com exceção de Florinda que servia a refeição, Felício declara:

— Agora, quer se de bem ou mal, **tem que agüentar firme** — observou Felício. — Trabalho, todo ele é muito do péssimo. Tanto faz um como outro.

Severino, **mais para satisfazer-lhes a curiosidade**, disse o que fizera durante o dia. Mas com palavras poupadas, sem vontade de esticar conversa (Prata, 1996, p. 48, grifo nosso).

Felício expressa uma certa resignação e a percepção de que todos os trabalhos são ruins, expondo uma falta de mobilidade social e melhores oportunidades de emprego. Veja o contraste desse discurso de Felício com o aquele apresentado em Patrocínio do Coité, sobre a área rural: “Isto lá é terra!” (Prata, 1996, p. 25).

Sá Francisca e Florinda, personagens brancas, insistem nas perguntas, mostrando um certo interesse talvez insensível sobre a situação financeira dos personagens negros. Seria uma curiosidade com um tom de superioridade?

— Ganha como no Tráfego? — perguntou, abelhuda, Sá Francisca. Milagre explicou:

— Não, o salário é igual ao da Construção.— Então — estranhou Florinda, — **o emprego de seu Felício é mais vantajoso?**

— **Não quer dizer nada** — disse o pai —, daqui a uns meses pede transferência pra turma (Prata, 1996, p. 48-49, grifo nosso).

Surge a comparação do trabalho de Severino com o setor em que Felício trabalha, onde a remuneração é melhor. Seu Milagre sugere que Severino, em breve, mude de setor também, mas Felício o adverte, dizendo que é o pior serviço da Companhia e que, apesar do dinheiro, perde-se a saúde.

Seu Manuel também se referiu ao que lhe sucedera no **decorrer do dia**.

Depois do almoço, na hora do maior aperto, **o guindaste encrencou**, queimou-se o enrolamento do breque de elevação. Só com os dois dias as oficinas dariam pronto. Tinha sido uma atrapalhação dos pecados. **Para não ficar de braços cruzados o resto da tarde, foi tomar conta de uma dala** e como conversa puxa conversa, **Felício**

contou que levava **a tarde descarregando caixas de bacalhau de setenta e cinco quilos cada uma.**

— Este negócio de volume com peso fora da conta ainda acaba mal. **A mercadoria nunca devia passar de sessenta quilos, que é quanto pode pegar um homem de saúde.** Mais do que é fazer da gente burro, é querer estrompar um cristão. Quando não é bacalhau, é grão-de-bico, com setenta, alho com sessenta e cinco, banha com oitenta. E a ferragem? **Não há quem agüente. Nem burro mesmo. O sindicato devia olhar pra isto** (Prata, 1996, p. 49, grifo nosso).

Esse diálogo entre os personagens nos oferece alguns elementos que informam como a interseccionalidade como ferramenta analítica evidencia as múltiplas opressões enfrentadas pelos personagens negros, Felício e Severino. A masculinidade branca estrutura as relações de poder no trabalho. Felício e Severino ocupam posições subalternas e, por isso, são obrigados a realizar trabalhos pesados e mal remunerados. Vejamos:

- a) **Raça:** discriminação se manifesta nas condições de trabalho inferiores e na falta de mobilidade social.
- b) **Classe:** trabalhadores de baixa renda, limitação das oportunidades e reforço da marginalização, porque para obter mais renda, mais força física e mais precário o trabalho.
- c) **Gênero:** homens negros são submetidos a expectativas de força física e resistência, perpetuando estereótipos de masculinidade que os desumanizam e exploram.

O uso do guindaste por Manuel e o trabalho físico de Felício e Severino pintam um quadro vívido das fortes divisões raciais e de classe no local de trabalho. O guindaste simboliza modernidade e eficiência — um equipamento reservado a trabalhadores em posições menos subordinadas que necessitam de força física para levantar cargas pesadas. Por outro lado, o trabalho manual que exige força é distintamente diferente da exigência de levantamento de peso, retratando assim um trabalho árduo feito desproporcionalmente por homens negros que não são devidamente remunerados.

Essa distinção transcende meros aspectos técnicos, trazendo à luz disparidades sociais e raciais gritantes, profundamente enraizadas nas estruturas de trabalho; uma marginalização histórica. Além de historicamente privados dos benefícios que a tecnologia poderia trazer para aliviar suas demandas de carga de

trabalho, aqueles que dependem da força física, como Felício e Severino, também não são beneficiados.

Por meio da análise de tais interações, observamos como os sistemas sociais e raciais sustentam a noção de inferioridade dos homens negros (subalternos) em relação ao trabalho físico: enquanto os homens brancos (hegemônicos) são privilegiados por terem mais oportunidades de mobilidade ascendente e por não serem submetidos a um trabalho tão brutal.

Cabe situar ainda que o personagem Seu Manuel veio de Portugal para trabalhar no Brasil. Possui uma trajetória de ascensão em sua prática laboral. Começou com trabalhos manuais e alcançou uma posição de maior prestígio e menor esforço físico, operando guindastes elétricos.

Seu Manuel Milagre, logo que **veio de Portugal**, empregou-se na Companhia, **onde estava há vinte e três anos. Fez carreira.** Começando como guincheiro, a trabalhar nas pontes volantes no interior dos armazéns e nos guindastes hidráulicos, antiquados e de pouca força, chegou a motorneiro de primeira classe, manobrando os **guindastes elétricos** que podiam, à toa, com seis toneladas, grandões, tão altos, de pescoço tão fino que pegaram o apelido de “palmeiras” (Prata, 1996, p. 14, grifo nosso).

Dialogando sobre a questão do trabalho, no capítulo “Cultura Gangsta: participação nos lucros”, do livro *A gente é da hora: homens negros e masculinidades*, bell hooks (2022) pondera sobre os homens negros dos EUA, enfatizando:

Há muito poucos estudos sobre as atitudes em relação ao trabalho que moldaram o pensamento coletivo dos homens negros. Mais do que qualquer outro grupo de homens nesta nação, os homens negros compreenderam na prática o que significa a escravidão assalariada. Eles têm sido muito menos propensos do que outros grupos de homens a acreditar que o emprego resultará em autoestima e autorrespeito (bell hooks, 2022, p. 72-73).

Ao considerarmos a abordagem da autora, que destaca a compreensão distinta dos homens negros em relação ao trabalho assalariado, influenciada por experiências históricas de opressão e exploração, passamos a refletir sobre o contexto de trabalho do Felício e as especificidades enfrentadas pelos operários no porto de Santos. A preocupação de Felício com a carga excessiva e as condições de trabalho perigosas remetem diretamente às ideias discutidas por hooks (2022), porque, ao mencionar

que o peso das cargas ultrapassa os limites seguros, ele está levantando uma questão essencial sobre as práticas abusivas no local de trabalho, que podem ter um impacto negativo na saúde e na segurança dos trabalhadores.

Essa é uma manifestação de sua perspectiva singular, como homem negro diante dessa exploração da mão de obra proletária, alinhando-se às ideias de hooks, que, por outro lado, destaca a necessidade de ampliar a pesquisa e o diálogo sobre as questões relacionadas ao trabalho. Felício também sugere que o sindicato deve estar mais atento a essas práticas abusivas, intervindo pelos proletários. Ambos os posicionamentos ressaltam a importância de reconhecer e enfrentar as desigualdades e injustiças no local de trabalho, especialmente aquelas que afetam de forma desproporcional os trabalhadores negros.

Frente a essa situação, constata-se um sentimento de felicidade em Severino, pois, “quando se deitou nessa noite, Severino estava de corpo moído. Todos os músculos lhe doíam, como se tivesse sido pisado a patas de cavalo. Mas sentia-se feliz” (Prata, 1996, 49). A masculinidade de Severino é afirmada, deixando-o feliz. Ele acaba de provar seu valor para uma sociedade que desvaloriza sua humanidade, e o faz por meio do sacrifício físico. Em seu ver, esse sacrifício é uma virtude. Nota-se, portanto, como a masculinidade pode ser usada para perpetuar alguns ciclos de exploração. Ao propagar a ideia de sacrifício físico como uma virtude, a sociedade hegemônica justifica as condições opressivas e desumanizadoras de trabalho, sugerindo que suportar essas condições é inerente à natureza do homem. O impacto dessa visão é visto especialmente na vida de homens como Severino, em posições sociais marginalizadas.

Um aspecto interessante a ser observado, que evidencia essa perspectiva singular de Felício, surge quando o comparamos com o protagonista. Vamos analisar duas perspectivas: a primeira refere-se à visão de ambos sobre o sindicato dos operários, e a segunda diz respeito à percepção do trabalho. Em uma descrição do narrador, a percepção de Severino surge como uma visão bastante pessimista e preocupada sobre o sindicato dos operários e sobre seu amigo Felício:

Lamentava uma pessoa tão boa como ele vivesse metido em complicações, fazendo rebanho com certa gente que, pelo que vinha prestando atenção, não era grande coisa, **sempre em falatórios e quizílias dentro e fora do sindicato**. De repente, seria capaz de ser preso e cumprir pena de anos. Preocupava-se com o futuro do amigo. **A infelicidade de Pepe provava-lhe que estava com a razão, no**

juízo que fazia a respeito do pessoal com o qual Felício andava às voltas. As conversas de Riesco diziam que o fim dele seria mesmo aquele. Desgraçou a si e aos outros.

Que Deus o perdoasse e lhe salvasse a alma de malvado que tira a vida dos inocentes. Tinha dó de seu Simões, a quem muito considerava. **Não era boca de agouro, mas pra ele Valentim acabaria como o Pepe** (Prata, 1996, p. 130, grifo nosso).

A perspectiva de Severino evidencia uma preocupação com as escolhas de Felício, “seu companheiro de todas as horas” (Prata, 1996, p. 114), e consequentemente, com seu futuro, destacando a presença de Valentim e Pepe. Contextualizando, Valentim, “figura de proa no sindicato de trabalhadores da Companhia” compartilha com seu pai, Simões, o trabalho nas oficinas como ajustador, sendo reconhecido como um “ajustador de mão-cheia”.

Além disso, ele se destaca como um dos poucos amigos mais próximos de Felício, juntamente com Severino, na narrativa. A relação entre Valentim e Felício é notável, pois Valentim é considerado uma figura popular entre os jovens operários de toda a cidade, sendo conhecido por dominar completamente os regulamentos e as leis trabalhistas (Prata, 1996, p. 52).

Felício, desde a noite em que o ouvira, dedicou-lhe profunda admiração. Não ficou só nisto — simpatia, amizade, respeito, tudo nasceu dentro do coração do mulato pelo rapaz que sabia discursar, defender os direitos dos trabalhadores, explicar as coisas direitinho, como eram na realidade.

Tornou-se seu íntimo, indo todas as noites à sua casa, numa visita obrigatória de homenagem e apreço.

O que Valentim dizia era sagrado para ele, não podia ser contestado.

Muitas vezes, embevecido na palavra do amigo, ficava horas esquecido da cerveja e das partidas de dominó (Prata, 1996, 53, grifo nosso).

A relação entre Valentim e Felício transcende as interações típicas masculinas. Valentim, exerce uma forte autoridade e influência que molda os comportamentos e pensamentos de Felício sem recorrer à força física, evidenciando como a amizade e a admiração podem alcançar profundidade significativa. Essa dinâmica demonstra que o poder de Valentim reside em seu papel de líder intelectual, onde predomina o poder das ideias, do conhecimento e da persuasão. Essa distinção entre trabalho mental e físico fica clara na forma como Felício considera as palavras de Valentim como “sagradas” e indisputáveis. Valentim representa um modelo de masculinidade

que valoriza o conhecimento, a retórica e a luta por direitos, algo que Felício começa a incorporar em suas práticas masculinas; basta lembrar de suas interações na casa do doutor Constantino.

A lealdade e o respeito de Felício por Valentim demonstram uma de suas características mais marcantes: a importância da lealdade e da amizade em sua identidade como homem negro. Essa mesma lealdade ele demonstra para com Severino, orientando-o constantemente e guiando sua vida para evitar dificuldades ou prontificando-se a ajudar o amigo a sair de situações complicadas que se encontra. A destreza de Felício em lidar com as adversidades da vida é um de seus atributos mais destacados.

Por outro lado, Pepe Riesco, um espanhol já maduro e misterioso, era companheiro de Felício na turma 65, e sua figura intrigante inspirava histórias extravagantes em Macuco. Ele havia sido inquilino de Simões, pai de Valentim, por um ano, compartilhando o quarto com Valentim, o que os ligou de forma estreita. Simões acreditava firmemente que Pepe Riesco era a influência negativa na vida de seu filho, Valentim, aproveitando-se de sua inexperiência para levá-lo por caminhos questionáveis.

Além da amizade com Pepe, Simões atribuía as ideias mais subversivas de Valentim ao conteúdo dos livros que o filho lia, os quais o pai considerava um veneno. Essas ideias promoviam o fortalecimento do filho em relação à defesa da classe trabalhadora, algo que Simões considerava prejudicial e que, eventualmente, se manifesta em Severino, ao perceber a amizade entre Felício e Valentim como nociva, suscetível a problemas e, portanto, possivelmente prejudicial a Felício.

Para fundamentar esse argumento, de que o foco e interesse de Severino não está nas questões trabalhistas, recorreremos a uma passagem específica do romance. Situando o momento da narrativa: Severino finalmente conquista o tão almejado emprego nas Docas; no entanto, nutria esperanças de uma mudança de seção, saindo da Marítima para o Tráfego, em que os salários eram mais altos, especialmente com os trabalhos noturnos que rendiam o dobro por hora. Ele via nessa oportunidade a chance de mostrar seu potencial. Por outro lado, Felício desaconselhava, alertando sobre os malefícios à saúde e sugerindo que permanecer na Marítima seria melhor. Severino, por sua vez, justificou sua busca por mais dinheiro, ressaltando sua necessidade e as dificuldades financeiras enfrentadas.

[...] — Se morresse logo de uma vez era bom, acabava-se com a lida sem mais aquela. Mas custa. **A gente vai-se arrebrandando por dentro aos bocadinhos.** Primeiro vem a careca (e Felício abaixou-se para mostrar o crânio, onde o atrito constante dos carregos abriu uma coroa na sua basta cabeleira de mulato), depois as forças vão minguando, o corpo murcha, o "frontispício" fica que é o puro rego. **Conheço gente na 65, com vinte e cinco anos, que parece ter cinquenta.** Não é sopa não. **Ganha-se, não há dúvida, mas é arrancar minhoca em laje com as unhas.** Você ainda está novo, deixe o corpo endurecer mais um pouco, criar mais "tenença"
 — **Que vou fazer? O destino da gente não é se acabar mesmo?** Se fosse pra poupar o corpo, tinha ficado em Patrocínio. Pra semente não sirvo, que sou feio demais.
 - Então peça transferência [...] (Prata, 1996, p. 66).

Podemos inferir que, ao criticar a proximidade de Felício com Valentim, Severino também questiona as ideias subversivas do sindicato: luta por direitos humanos e melhores condições de trabalho. A brutalidade do trabalho físico é sintomática das disparidades sociais baseadas em raça e classe no Brasil do século XX. No entanto, a masculinidade mais passiva de Severino teme represálias; para ele, é mais seguro performar uma masculinidade em busca de provisão ao sustento familiar, uma visão tradicional da masculinidade. Por isso, prefere manter-se afastado das questões sindicais.

Podemos perceber a relação da ideia de fortalecimento da masculinidade relacionado à experiência acumulada pelo desgaste físico e sofrimento prolongado ao longo dos anos. A fala de Felício “você ainda é jovem, deixe seu corpo endurecer um pouco mais” sugere que a masculinidade plena é alcançada ao longo do tempo: à medida que o corpo envelhece e endurece por meio de trabalho duro e exaustivo. Essa visão nos mostra uma concepção de que a masculinidade também é conquistada com a idade: quanto mais velho o homem e mais desgastado, é mais “homem”. Essa noção é exemplificada pela noção “Eu conheço pessoas aos 65, aos 25, que parecem ter cinquenta”: a masculinidade é medida não pelos anos de vida de alguém, mas pelo nível de desgaste físico e pela aparência envelhecida, principalmente devido ao trabalho físico. Um corpo envelhecido e cansado é transformado em símbolo de masculinidade para que o sofrimento represente uma prova de virilidade.

Por outro lado, Felício que tem como estratégia a ascensão e a proximidade com o padrão hegemônico, molda sua masculinidade em torno dos atributos valorizados que observa em Valentim, como boa oratória, os pensamentos em defesa dos direitos dos trabalhadores, o estudo. Ao desaconselhar a mudança do Severino

para o Tráfego, Felício expressa um desejo de deixar o trabalho físico pesado nas docas para se tornar marinheiro da Alfândega. Esse desejo reflete uma busca por uma posição que ofereça mais status e melhores condições de trabalho:

Felício desaconselhou:

— Homem, não faça isto, a turma é um "buraco", desgraça com a saúde da gente. Fique onde está. Pobre, pra qualquer banda que penda, só piora. É engano pensar que melhora: Eu estou lá porque não tenho outro jeito. Mas não vê que serão me pega... É lá uma vez na vida, quando não posso mesmo tirar o corpo. Diabo leve o dinheiro que ele rende. Se as promessas do doutor Constantino não falharem, pulo fora de lá qualquer hora desta. Vou ser marinheiro da Alfândega, coisa boa, emprego federal, serviço nenhum (Prata, 1996, p. 65).

Felício descreveu o trabalho nas docas como “um insulto à saúde das pessoas” e procurou escapar do trabalho árduo com baixos salários. A sua aspiração de ser marinheiro da alfândega sublinha a sua busca por reconhecimento, dignidade e melhores condições de vida – libertando-se do estereótipo que relegava os negros a meros trabalhadores manuais. Além disso, revela sua crença na educação como caminho para uma vida melhor e ao alcance do padrão de vida desejado (hegemônico): a negação da subordinação. Apesar da natureza prática e das dúvidas de Felício, viu-se enredado num sistema de trabalho insatisfatório que considerava excessivamente exigente. Seus esforços visavam poupar o amigo de passar por lutas semelhantes; sua preocupação com o bem-estar de seu camarada era genuína.

Severino, por outro lado, vê o trabalho como um canal de transformação financeira – permitindo-lhe alcançar a sua aspiração de cuidar dos seus deveres familiares. Tanto sua determinação em ganhar mais dinheiro, ainda que prejudicando sua saúde física, quanto sua vontade de “morrer sob o fardo do trabalho” (Prata, 1996, p. 65), demonstram um ideal de masculinidade que valoriza o sacrifício e a responsabilidade familiar, isto é, valores em que homens devem trabalhar de forma árdua e sustentar seus familiares.

A relação de Severino com o trabalho e o casamento é uma representação significativa das masculinidades negras, especialmente quando contrastada com a perspectiva de Felício. Severino, em uma luta interna sobre se casar ou não, reflete o peso das expectativas sociais e econômicas sobre ele. Ele busca conselhos de Felício, mostrando sua incerteza e a necessidade de orientação. As considerações de

Severino sobre o casamento revelam um desejo de estabilidade e a esperança de que a união possa melhorar sua vida:

— Meu irmão, o que é que acha, estou pensando em me amarrar. [...] Resolveu-se pelo sim. Casaria. Deus daria o jeito. Todos não casavam e não viviam? E quem sabe? O casamento, em lugar de atrapalhar, podia também lhe consertar a vida. Se a mulher, por um lado, trazia despesas, por outro economizava. Dar-se-ia o equilíbrio. Acreditava que, para o pobre, casar era melhor negócio do que ficar solteiro. Tinha quem lavasse e consertasse a roupa, cozinhasse e cuidasse da casa (Prata, 1996, p. 115).

Severino vê o casamento como uma combinação de parceria econômica e sustento emocional onde as tarefas domésticas são partilhadas – reduzindo, assim, algumas das suas responsabilidades. Por outro lado, Felício tem uma visão pessimista e prática sobre o casamento após notar os desafios que os homens casados de sua classe social enfrentam. Ele está preocupado com os problemas econômicos e com a responsabilidade extra devido ao casamento:

— Homem, conselho e café, toma quem quer. Opinião não cabe em casamento. Se gosta dela e ela de você, amarrem-se. Mas repare bem: pobre carregado de família, numa terra como esta, come fogo e arrotta brasa. [...] Eu também sinto falta de uma mulher que seja só minha. Mas não tenho coragem de casar, de trazer para minha companhia a filha 'alêa' pra sofrer. E depois pra que aumentar o número de pobres neste mundo? Já não tem tantos? (Prata, 1996, p. 115).

Há um reconhecimento da atração e da necessidade emocional de um relacionamento estável, por parte de Felício. No entanto, há a ponderação sobre a realidade dura e as consequências práticas do casamento para um homem pobre. Por uma ótica interseccional das masculinidades negras, especialmente no contexto das expectativas econômicas e sociais, percebemos como as complexas negociações que homens negros como Severino e Felício constantemente precisam fazer em suas vidas. Enquanto Severino espera que o casamento traga uma forma de equilíbrio e suporte, Felício vê o casamento como um aumento das dificuldades e responsabilidades, preferindo evitar essa instituição.

Em outros termos, Severino e Felício falando sobre parcerias laborais e conjugais nos dá uma perspectiva das masculinidades negras, de que a esperança e

o sacrifício atrelados ao dever familiar são moldados de forma diferente do ceticismo nascido de experiências duras. Revelando, portanto, o tom pragmático que permeia a vida de um homem negro, moldado pelo realismo econômico.

A análise sublinha que as masculinidades negras não são facilmente definidas, uma vez que consistem em muitas camadas – consistindo principalmente em estereótipos, expectativas sociais e uma luta contínua contra a vontade de erradicar a pobreza desde a sua gênese. A masculinidade negra desvela como os estereótipos raciais e as expectativas de gênero podem influenciar as percepções e os desejos dos personagens. Embora o protagonista e Felício enfrentem desafios semelhantes como operários diante da exploração econômica, suas perspectivas sobre essas questões e as maneiras como expressam a masculinidade divergem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Tudo que falam que um homem não é para ser, eu
sempre fui.
Para mim, ser homem é tecer solidariedade.
É ser companheiro.
É ser amigo.
Ser homem é conhecer o amor.
Ser homem negro, então, é carregar o medo nas costas,
mas também a força no coração.
É afirmar a humanidade.
É não ter a bolha da proteção.
Digo, é NUNCA ter a bolha da proteção.
No entanto, ser homem negro também é
irradiar o amor que ilumina o fulgor da inspiração.*

Carvalho, 2024.

A interseccionalidade de raça, gênero e classe teve impacto significativo na análise da masculinidade negra no romance proletário *Navios Iluminados*, escrito por Ranulfo Prata. Como explicam Conrado e Ribeiro (2017), existem múltiplas masculinidades negras, portanto Felício e Severino têm abordagens diferentes sobre a masculinidade. A representação de indivíduos negros no romance apresenta nuances dessa multiplicidade. Os personagens Felício e Severino representam a complexidade e a resistência associadas à construção da sua masculinidade num contexto urbano caracterizado por racismo estrutural, relações de poder e disparidades econômicas.

De um lado, Felício é representado como um homem que manipula a percepção de sua masculinidade para obter respeito e reconhecimento. Ele performa uma masculinidade que é moldada tanto por uma busca de melhor qualidade de vida e autonomia, aspirando ao poder patriarcal, quanto por uma resistência a ele. O personagem apresenta uma adaptabilidade ao universalismo que lhe permite navegar pelos espaços urbanos cosmopolitas de Santos. Essa habilidade de transitar por diferentes espaços demonstra sua tentativa de se afirmar neles, que são predominantemente brancos. Como exemplo, a pensão de Manuel, a casa de Doutor Constantino e outros. Sua maleabilidade é uma de suas estratégias para interpelar o racismo e sobreviver. Seu anseio em ser marinheiro e a insatisfação com a precariedade das condições de trabalho, apontados por ele como necessitando de concertos radicais, alude: a) resistência aos lugares de aprisionamento representado por estereótipos; b) consciência crítica das desigualdades estruturais que oprimem os

operários negros; c) luta constante por melhores condições de trabalho; d) frustração com a ineficácia das representações sindicais; e) educação como um caminho possível de atingir seus objetivos de ascensão, visto que, para ser marinheiro, precisa ser estudado. No entanto, essa busca ao poder hegemônico muitas vezes o leva a reproduzir comportamentos machistas, evidenciando a internalização de certas normas patriarcais. Além do mais, percebe-se que Felício deseja emancipação e dignidade, por isso, vê na forma intelectual de liderança de Valentim um modelo alternativo de masculinidade viável para lidar com os empecilhos de um sistema racista e opressor.

Já Severino, por outro lado, inicialmente resiste ao universalismo, isto é, a padronização de sua forma de ser homem frente ao espaço urbano, mantendo suas características culturais e identitárias distintas, como seu modo de falar. Contudo, após enfrentar preconceitos tanto raciais quanto socioeconômicos, incorpora comportamentos esperados para ser aceito e sobreviver na cidade, o que causa a negociação de sua identidade cultural. O personagem performa uma masculinidade mais passiva, submissa, porém tradicional, visto que seu ideal internalizado manifesta-se a todo momento: sacrificar-se em prol de cumprir seus deveres como provedor, mesmo em meio a privações. Essas experiências sublinham as complexas e diversas pressões que homens negros enfrentam ao procurar uma identidade e reconhecimento em uma sociedade racialmente desigual.

O romance *Navios Iluminados*, serve como uma crítica contundente sobre como o racismo estrutural e a gritante desigualdade socioeconômica brasileira constituem a própria estrutura da sociedade. As experiências dos personagens expõem a dura realidade da distribuição desigual de oportunidades que constantemente coloca os homens negros em posições subalternas. Os esforços de Severino na procura de emprego mostram claramente como a sua interação com os homens brancos – como Seu Manuel – só funciona para sustentar um sistema onde a preferência é dada aos homens brancos em detrimento dos homens negros.

É também evidente que as reivindicações levantadas pelos homens negros são posteriormente filtradas através de vozes que ocupam posições mais elevadas, que então negam a essas reivindicações uma audiência diretamente daqueles que podem fornecer soluções. Um exemplo seria Valentim, que fala pelos interesses dos operários, ganhando assim poder dentro do sindicato; isso fica demonstrado quando ele defende melhores condições para os trabalhadores e ganha espaço dentro do

sindicato como dirigente. O texto aponta que Ranulfo Prata critica duramente as condições de vida dos trabalhadores negros e pobres.

A luta de Severino por uma remuneração justa e as reclamações de Felício sobre as duras condições de trabalho demonstram – através da intersecção entre os marcadores de diferença de raça, classe e gênero – o que a marginalização significa para eles, e qual seu impacto em suas vidas. Tanto Severino quanto Felício tentam se conformar às normas dominantes que valorizam a força física, bem como a autossuficiência e a provisão, mas suas condições sociais e econômicas reais os impedem de atingir esse padrão.

Em suma, percebemos que os esforços de Severino em busca de remuneração justa e as denúncias de Felício sobre um ambiente laboral hostil – entrelaçando raça, classe e gênero – demonstram as formas de marginalização a que esses indivíduos estão sujeitos. Apesar das dores físicas, a felicidade de Severino é evidente, assim como o fato de Felício participar de atividades como beber cerveja e jogar dominó que demonstram a afirmação da masculinidade. No entanto, provar a masculinidade para essas personagens é um desafio significativo no contexto de condições brutais de trabalho, da necessidade de apoio e de uma sociedade hierárquica que oprime os homens negros. Reconhecemos que questionar essas representações levará à desconstrução e subversão dos códigos de poder e domínio que impactam negativamente os homens negros na sociedade.

A presença de negros em romances menos canônicos da década de 1930 é modesta. Normalmente, os personagens são retratados como tendo um papel secundário e sua representação é típica, isto é, homens negros constantemente estereotipados. As interações entre esses personagens e os personagens principais está se mostrando uma área produtiva para o estudo da dinâmica de gênero.

Pesquisar sobre a representação das masculinidades negras na literatura brasileira, focando especialmente em um romance menos canônico da década de 1930, foi uma jornada profundamente pessoal e transformadora, especialmente para mim, um homem negro. Além de iluminar aspectos históricos e literários, esta pesquisa dialogou diretamente com minha identidade e experiências de vida. Enfrentei dificuldades significativas ao conciliar essa pesquisa com minha realidade pessoal e profissional, que passou por inúmeras transformações neste período. No entanto, ela proporcionou uma oportunidade única de reflexão sobre minha própria identidade, permitindo-me reconhecer e enfrentar os desafios e estereótipos com os quais tenho

enfrentado, encontrando assim força e inspiração para desafiar as expectativas sociais.

Minha proposta inicial, audaciosa, de analisar as representações em romances menos canônicos da década de 1930 não previu as intensas incursões pessoais e profissionais que impactariam diretamente o processo. Como resultado, não apresentei um panorama detalhado da presença de personagens negros nesses romances devido a restrições de tempo. No entanto, planos futuros incluem a publicação dessas contribuições em artigos revisados por pares, onde o tempo não será um obstáculo.

Há uma vastidão de obras literárias que merecem ser analisadas e revisitadas nos romances menos canônicos da década de 1930. Comparar as representações das masculinidades negras por escritores negros com as de escritores brancos neste período específico promete ser um caminho frutífero para confrontar e avaliar como essas representações estampam as concepções socioculturais da época.

REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Karla Galvão. Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, v. 1, n. 3, 2005. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/6135/3786>. Acesso em 26 set. 2022.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.
- BARASCH, Mara. Sexo e afeto no cotidiano do homem. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOLA, JJ. *Seja homem: a masculinidade desmascarada*. Tradução de: Rafael Spuldar. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 52 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Tradução de Marta Kirsti. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. 266 p.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. 1.ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CAMILO, Vandelir; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da (org.). *Masculinidades negras: novos debates ganhando formas*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2022.
- CANASSA, Lucélia. Os estudos das masculinidades e os estudos literários no Brasil: um breve panorama e alguns possíveis caminhos. *REVELL - REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS DA UEMS*, [S. l.], v. 2, n. 19, p. 12–36, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/2840>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a Formação do Homem. In: CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77-92.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade*. 9.^a ed. Rio de Janeiro: Outro Sonho Azul, 2006, p.13-26.
- CARVALHO-NETO, Paulo de. Um Lugar para Ranulfo Prata. In: *Revista Interamericana de Bibliografia. Órgano de Estudios Humanísticos (Inter-American Review of Bibliography. Journal of Humanistic Studies)*. Vol. XXIV, N° 1, Enero-Marzo (January-March): Washington, DC. Estados Unidos, 1974, pp. 03-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/69770/72428/92789>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira: origens e unidade. 2 v. São Paulo: EdUSP, 1962.

CÉSAR, Caio. Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs). *Diálogos Contemporâneos sobre Homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 53-76.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021. 287 p.

CONNELL, [Raewyn] Robert. Masculinities. Berkeley, CA: University of California Press. 1995.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos feministas, vol. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 1, p. 73–97, jan. 2017.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo F. (Orgs.). *A literatura no Brasil*. 6 v. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EdUFF, 1986.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 31, p. 87–110, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 27 jun. 2023.

EAGLETON, Terry. *A Ideia de Cultura*. São Paulo: Editora Unesp. 2005.

EVARISTO, Conceição. Da representação a autorepresentação da mulher negra na literatura brasileira. Brasília: Revista Palmares, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: UbuEditora, 2020. 320p.

FAUSTINO, (NKOSI) Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75-104.

FAUSTINO, Deivison. Prefácio. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (Orgs). *Diálogos Contemporâneos sobre Homens negros e masculinidades*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019, p. 13-20.

FERREIRA JUNIOR, Nelson. Um diálogo possível entre masculinidade e estudos literários: o exemplo da literatura brutalista. *Anais XX Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de*

Gênero (REDOR), São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.sinteseeventos.com/site/redor/GT5/GT4-19-Nelson.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

GILFRANCISCO (Org.). *Ranulfo Prata: vida e obra*. Aracaju: Edise: 2018. 336p.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, v. 26, n. 1, p. 61–73, jan. 2014.

HOOKS, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022. 272 p.

HOOKS, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais*. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019a. 448 p.

HOOKS, bell. Reconstruindo a masculinidade negra. In: hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante: 2019b. p. 166-209.

KIMMEL, Michael Scott. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998, p. 103-117.

KIMMEL, Michael. Los estúdios de la masculinidade: una introducción. In: CARABÍ, Àngels; ARMENGOL, Josep M. (eds.). *La masculinidade a debate*. Barcelona: Icaria editorial, 2008. p. 15-31.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. v. 2: do Realismo à Belle Époque. 3. ed. rev. e at. São Paulo: Cultrix, 2016.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. v. 3: desvairismo e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e at. São Paulo: Cultrix, 2019.

MOORE, Carlos. Racismo: passado conflituoso, presente comprometido, futuro incerto. In: MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Nandyala, 2007. p. 225-236.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL. *RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO – PENESB*, 3., 2003, Rio de Janeiro. *Palestra* [...] Rio de Janeiro PENESB, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-dasnocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2022.

MUSZKAT, Malvina. *O homem subjulgado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo*. São Paulo: Summus, 2018.

NEJAR, Carlos. História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos. São Paulo: Leya, 2007.

NOLASCO, S. O apagão da masculinidade? In: *Trabalho e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ano 1 - Nº 2, p. 9-16, 2001.

NOLASCO, Sócrates. Um 'homem de verdade'. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Senac, 1997.

OLIVEIRA, Fábio Araújo. *Historicização e institucionalização das masculinidades no Brasil*. 2015. 1 recurso online (246 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1627261>. Acesso: 29 jan. 2022.

PEREIRA, Alessandro Alberto Atanes. *História e literatura no porto de Santos: o romance de identidade portuária 'Navios Iluminados'*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível: doi:10.11606/D.8.2008.tde-30092008-145514. Acesso em: 22 jun. 2023.

PEREIRA, Dulce Maria. A face negra do Brasil multicultural. In: FELLIPPE, Bruno Gerônimo (org.). *Relações étnico-raciais e diversidade cultural*. Joinville: Clube de autores, 2018.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? *Democracia Viva*, nº 22, jun. 2004/jul. 2004, p. 64-69.

PRATA, Ranulfo. *Navios Iluminados* (1937). 5.^a ed. São Paulo: COM-ARTE, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PRATA, Ranulpho. *Navios Iluminados* (1937). 4.^a ed. São Paulo: Scritta, 1996.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142004000100017>. Acesso em: 19 abr. 2021.

RAMIRES, Vera Regina Rhohnelt. *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997.

RAMOS, Marcelo Silva. Um olhar sobre o masculino: Reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. In: GOLDENBERG, Mirian (org.) *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de. *Diálogos contemporâneos sobre*

homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. 232 p.

RODRIGUES, Maria Lúcia Costa. *A narrativa visual na literatura infantil brasileira: histórico e leituras analíticas*. Joinville: Editora da Univille, 2012.

SANTOS, Anderson Caetano. A representação do negro na literatura brasileira. *Boletim do observatório da diversidade cultural*, v. 82, p. 70-76, 2019. Disponível em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/wp-content/uploads/2019/07/Boletim-V82-Mar-Abril-2019-1-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Educação e realidade, Rio Grande do Sul, v.20, 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso: 16 jul. 2022.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. Estereótipo, realismo e luta por representação. In: SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 261-312.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Breve panorama do romance brasileiro dos anos 1920. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 24, n. 2, p. 65-89, dez. 2022. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/63701/36523>. Acesso em: 23 maio 2023.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil. *Estação Literária*, Londrina, v.16, p. 8-28, jun., 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL16-Art1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SOUZA, Gilda de Mello e. "A luta de classes". In: SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Historiografia da literatura brasileira: introdução*. São Paulo: É Realizações, 2018. (Coleções: Ponto de Partida). Rio de Janeiro: Editora UERJ.

SOUZA, Rolf Malungo. As representações do homem negro e suas consequências. *Revista Fórum Identidades*. a. 3, v. 6, jul-dez de 2009.

SOUZA, Rolf Ribeiro de. Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente. *Revista Antropolítica*, n. 34, p. 35-52, 2013.

STAGAGNO PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. 744 p.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: Mary Del Priore (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2021.

VIGOYA, Mara Viveros. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 14. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2014. p. 7-20.

ANEXOS

ANEXO A

Livros que trazem contribuições para os estudos das masculinidades em contexto brasileiro (2018-2019)

Ano	Títulos	Organizadores (as)	Autores (as)
2018	De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil	Marcio Caetano e Paulo Melgaço da Silva Junior	Marcos Nascimento, Camilo Braz, Èrica Renata de Souza, Elton Bruno Soares de Siqueira, Marcelo Miranda, Fernando Seffner, Cláudio Nunes, Jonas Alves da Silva Junior, Maria de Lourdes Ramos da Silva, José Sena Filho, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Osmundo Pinho, Suely Aldir Messeder, Elisete Santana da Cruz França, Maria Nazaré Mota de Lima, Paulo Melgaço da Silva Junior, Marcio Caetano, Erik Giuseppe B. Pereira, Leandro Teófilo de Brito.
2018	As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América ⁶⁰	-	Mara Viveros Vigoya.
2018	Masculinidades (re)conhecendo a lei maria da penha: um estudo de caso da atuação do MPDFT em situações de violência doméstica contra mulheres		Fernanda Luiza Horácio Buta.
2018	O homem subjugado: o dilema das masculinidades no mundo contemporâneo.	-	Malvina E. Muszkat.
2019	Diálogos Contemporâneos sobre Homens Negros e Masculinidades	Henrique Restier e Rolf Malungo de Souza	Henrique Restier, Caio César, Lucas Veiga, Bruno Santana, Osmundo Pinho, Túlio Augusto Custódio, Thiago A. S. Soares, Douglas J. G.

⁶⁰ Traduzido por Allyson de Andrade Perez.

			Araújo, Airan Albino.
2020	Gênero e campesinato no sul do Brasil: dominação masculina e transformação	Cassiane da Costa e Joel Orlando Bevilaqua Marin	Cassiane da Costa, Kelly Cristina Camargo, Martha Giudice Narvaz, Joel Orlando Bevilaqua Marin, Maria Catarina Chitolina Zanini, Patrícia Braga Lovatto, Marielen Priscila Kaufmann.
2020	Pluralidade masculina: contribuições para pesquisas em saúde do homem	Jeferson Santos Araújo e Marcia Maria Fontão Zago.	Adriano Araújo Freire, Adriano Beiras, Albanita Gomes da Costa de Ceballos, Alessandra Diehl, Alexandre Inácio Ramos, Aline Aparecida de Oliveira Campos, Aline Daniele Azevedo de Medeiros, Amanda Trindade Teixeira de Bessa, Américo Pierangeli Costa, Ana Carolina Andrade Biaggi Leite, Anthony Diego Martins de Barros, Antonio Breno Maia de Araújo, Antonio Sales, Áurea Christina de Paula Correa, Benedito Medrado, Camila Toffoli Ribeiro, Cibele de Moura Sales, Cristina Aparecida dos Santos Crovato, Danilo Borges Paulino, Denise Guerreiro V. Silva, Denise Machado Duran Gutierrez, Denize Cristina de Oliveira, Dulce Maria Rosa Gualda, Edemilson Antunes de Campos, Edgley Duarte de Lima, Edson Malvezzi,

			Elenara Dias Perin, Eleonora D'Orsi, Eunice Almeida da Silva, Ewerton Helder Bentes de Castro, Fábia Alexandra Pottes Alves, Fabíola Rohden, Flavia do Bonsucesso Teixeira, Francine de Montigny, Gleicy Karine Nascimento de Araújo, Gustavo Antonio Raimondi, Isabela Venturoza de Oliveira, Isabele Torquato Mozzer, Jakson Luis Galdino Dourado, Jeanne Anschau Fraga, Juliana Lopes Fernandes Massapust Pestana, Junia Rodrigues Araujo, Karla Galvão Adirão, Larissa Pruner Marques, Luanna de Arruda e Silva Dalprá, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams, Luciana Bezerra de Souza Gianasi, Lucila Castanheira Nascimento, Lygia Paim, Maíra Rossetto, Manoel Antônio dos Santos, Marcela Martins Furlan de Leo, Márcia Maria Fontão Zago, Marco Aurélio Máximo Prado, Marcos Venicio Esper, Maria Gefé da Rosa Mesquita, Maria Marly de Oliveira, Maria Wanderleya de Lavor Coriolano Marinus, Marluci Andrade Conceição Stipp,
--	--	--	--

			Mary Elizabeth de Santana, Mayara Lima Barbosa, Mercedes Trentini, Naiara Barros Polita, Naiara Windmüller, Nauristela Ferreira Paniago Damasceno, Pâmela de Souza Dias, Paula Inez Cunha Gomide, Rafaela Azevedo Abrantes de Oliveira, Rafaella Queiroga Souto, Rafaella Queiroga Souto, Railda Sabino Fernandes Alves, Rayane Almeida de Lima, Régia Cristina Oliveira, Renata Cavalcanti Cordeiro, Renata Clemente dos Santos, Renata Marien Knupp Medeiros, Ronaldo Laranjeira, Rute Costa Régis de Sousa, Sandra Cristina Pillon, Selma de Jesus Cobra, Sibelle Maria Martins de Barros, Simone Ávila, Sofia Wolker Manta, Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas, Susana Cararo Confortin, Taciana Carla Maia Feibelm, Thamires Patrícia Souza, Thaís Ferreira Rodrigues, Thiago Araújo da Silveira, Valéria Faganelo Madureira, Valeska Zanello, Vander Monteiro da Conceição, Vandrizi Meneghini, Vanessa Maria da Silva Coêlho,
--	--	--	--

			Vilma Costa de Macêdo, Washington José dos Santos, Willian Lorentz e Willyane de Andrade Alvarenga.
2020	Seja homem: produção de masculinidades em contexto patriarcal	-	Francineide Pires Pereira.
2021	Cartografias da masculinidade	Pedro Ambra	Pedro Ambra, Isabela Venturoza, Susana Muszkat, Eduardo Leal Cunha, Deivison Faustino, Guilherme Almeida, Fábio Mariano da Silva, Tulio Custódio e Ana Gebrim.
2021	Clarissa - A construção de masculinidades como metáforas da sociedade gaúcha da década de 1930	-	Heidy Cristina Boaventura Siqueira.
2021	Seis balas num buraco só: A crise do masculino ⁶¹	-	João Silvério Trevisan.
2021	Segredo dos corpos nus: Masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo	-	Renato Caio Silva Santos.
2021	Masculinidade e violência: experiências e reflexões com grupos reflexivos para homens autores de violência contra a mulher	-	André Luiz D'Onofrio Caes.
2022	Masculinidades negras: novos debates ganhando formas	Paulo Melgaço da Silva Junior e Vandelir Camilo	Monica Franscisco Aprigio, Yago Eloi, Diogo Sousa, Kauan Almeida, Carolina Iara Ramos de Oliveira, Leonardo Morjan Britto Peçanha, Daniel Veiga, William Melo, Jean dos Santos, Roberto Borges, Samuel de Oliveira, Leonardo de Brito, Paulo Melgaço, Wallace Modesto, Fabio de Almeida, Gabriel Vilela, Luiz

⁶¹ Trata-se da 2.^a edição revista e ampliada. A primeira foi publicada em 1998.

			Valério Soares da Cunha Junior, Alisson Kleiton dos Anjos, Danilo Martins Roque Pereira, Andressa Coloia dos Santos, Vandelir Camilo e Paulo Melgaço da Silva Junior.
2022	O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil do XIX	-	Richard Miskolci.
2022	O que é um homem? Psicanálise e História da Masculinidade no Ocidente ⁶²	-	Pedro Ambra.
2023	Homens, Masculinidade e Psicanálise – Desver o masculino		Edgley Duarte de Lima.
2023	Homens, Masculinidades e Saúde Mental	-	Fernando Pessoa de Albuquerque.

⁶² 2.ª edição. A primeira foi publicada em 2014.

ANEXO B

Levantamento de romances brasileiros publicados na década de 1930 mais citados nas histórias literárias

N.º	Autor (a)	Romance	Ano de publicação	Páginas
1	Graciliano Ramos	São Bernardo	1934	49
2	Graciliano Ramos	Vidas Secas	1938	44
3	Jorge Amado	Jubiabá	1935	37
4	Cornélio Penna	Fronteira	1935	36
5	Oswald de Andrade	Serafim Ponte Grande	1933	35
6	Graciliano Ramos	Angústia	1936	34
7	José Lins do Rego	Usina	1936	31
8	José Lins do Rego	Pedra Bonita	1938	31
9	Graciliano Ramos	Caetés	1933	30
10	Jorge Amado	Mar Morto	1936	26
11	José Lins do Rego	Menino de engenho	1932	25
12	Jorge Amado	Cacau	1933	25
13	Cornélio Penna	Dois romances de Nico Horta	1939	23
14	José Lins do Rego	Banguê	1934	22
15	José Lins do Rego	O moleque Ricardo	1935	22

ANEXO C

Romances brasileiros menos canônicos publicados na década de 1930

N.º	Autor (a)	Estado ⁶³	Título	Ano de publicação
1	ALBUQUERQUE, Medeiros e.	PE	<i>Laura</i>	1933
2	ALMEIDA, Júlia Lopes de.	RJ	<i>A Casa Verde</i>	1932
3	ALPHONSUS, João.	MG	<i>Tôtonio Pacheco</i>	1934
			<i>Rola-Moça</i>	1938
4	AMADO, Jorge.	BA	<i>O país do carnaval</i>	1931
			<i>Suor</i>	1934
5	ANDRADE, Cordeiro de.	CE	<i>Cassacos</i>	1934
			<i>Brejo</i>	1937
			<i>Tônio Borja</i>	1940
6	ANJOS, Cyro dos.	MG	<i>O amanuense Belmiro</i>	1937
7	ASFORA, Permínio.	PI	<i>Sapé</i>	1940
8	CARDOSO, Lúcio.	MG	<i>Salgueiro</i>	1935
			<i>A luz no subsolo</i>	1936
9	CARNEIRO, Cecílio.	MG	<i>Memórias de cinco</i>	1939
10	COUTO, Ribeiro.	SP	<i>Cabocla</i>	1931
			<i>Prima Belinha</i>	1940
11	CRULS, Gastão.	RJ	<i>Vertigem</i>	1934
12	DEL PICCHIA, Menotti.	SP	<i>A tormenta</i>	1932

⁶³ Diz respeito ao estado em que o autor (a) nasceu, não o da publicação dos romances.

			<i>Kalum</i>	1936
			<i>Kummunká</i>	1938
			<i>Salomé</i>	1940
13	DUARTE, Nestor.	BA	<i>Gado humano</i>	1937
14	FARHAT, Emil.	MG	<i>Cangerão</i>	1939
15	FARIA, Otávio de.	RJ	<i>Mundos mortos</i>	1937
			<i>Os caminhos da vida</i>	1939
16	FERRAZ, Eneias.	RJ	<i>Adolescência tropical</i>	1934
			<i>Uma família carioca</i>	1934
17	FONTES, Amando.	SP	<i>Os Corumbas</i>	1933
			<i>Rua do Siriri</i>	1937
18	GALVÃO, Patrícia.	SP	<i>Parque Industrial</i>	1933
19	LESSA, Orígenes.	SP	<i>O feijão e o sonho</i>	1938
20	LIMA, Jorge de.	AL	<i>O anjo</i>	1934
			<i>Calunga</i>	1935
			<i>A mulher obscura</i>	1939
21	MACHADO, Dyonélio.	RS	<i>Os ratos</i>	1934
22	MARTINS, Cyro.	RS	<i>Sem rumo</i>	1937
			<i>Enquanto as águas dormem</i>	1939
23	MARTINS, Fran.	CE	<i>Ponte de rua</i>	1936
			<i>Mundo perdido</i>	1940
24	MINAS, João de.	MG	<i>A mulher carioca aos 22 anos</i>	1934
25	MOOG, Viana.	RS	<i>Um rio imita o Reno</i>	1939
26	NABUCO, Carolina.	RJ	<i>A sucessora</i>	1934
27	NAY, Aldo.	SP	<i>Os três sargentos</i>	1931
28	PALHANO, Lauro.	PR	<i>O Gororoba</i>	1931
29	PÁPI JR., Antônio.	RJ	<i>Almas excêntricas</i>	1931
30	PEREIRA, Lúcia Miguel.	SP	<i>Maria Luísa</i>	1933
			<i>Em surdina</i>	1938
			<i>Amanhecer</i>	1938
31	PRATA, Ranulfo.	SE	<i>Navios Iluminados</i>	1937
32	QUEIROZ, Dinah Silveira de.	SP	<i>Floradas na serra</i>	1939
33	QUEIROZ, Rachel de.	CE	<i>João Miguel</i>	1932
			<i>Caminho de pedras</i>	1937
			<i>As três Marias</i>	1939
34	REBELO, Marques.	RJ	<i>Marafa</i>	1935
			<i>A estrela sobe</i>	1938
35	REGO, José Lins do.	PB	<i>Doidinho</i>	1933
			<i>Pureza</i>	1937
			<i>Riacho Doce</i>	1939
36	REIS, Nélío.	PA	<i>Subúrbio</i>	1937
37	SALGADO, Plínio.	SP	<i>O esperado</i>	1931
38	TABAYÁ, Arnaldo.	RJ	<i>Badu</i>	1932
39	VAREJÃO, Lucilo.	PE	<i>O lobo e a ovelha</i>	1935
			<i>Passo errado</i>	1935
40	VERGARA, Telmo.	RS	<i>Estrada perdida</i>	1939
41	VERÍSSIMO, Érico.	RS	<i>Clarissa</i>	1933
			<i>Caminhos Cruzados</i>	1935
			<i>Um lugar ao sol</i>	1936
			<i>Música ao longe</i>	1936
			<i>Olhai os lírios do campo</i>	1938
			<i>Saga</i>	1940
42	VIEIRA, José.	PB	<i>O bota-abaixo</i>	1934
43	VIEIRA, José Geraldo.	RJ	<i>A mulher que fugiu de Sodoma</i>	1931
			<i>Território humano</i>	1936

ANEXO D

Representações de estereótipos associados ao homem negro no imaginário cultural brasileiro⁶⁴

1. **Neguinho infantilizado:** o famoso Mussum, interpretado pelo humorista Antônio Carlos Bernardes Gomes.



Fonte: Gauchazh. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2021/04/os-80-anos-de-mussum-famosos-relembra-legado-do-humorista-que-faria-aniversario-nesta-quinta-ckn94hkfo000f01gcsr2jf3jt.html>. Acesso em: 18 jun. 2024.

2. **Nego velho (nego de confiança é híbrido porque aparece como neguinho submisso):** Tio Barnabé, personagem do *Sítio do Picapau Amarelo* de Monteiro Lobato, adaptado para a televisão e interpretado por João Acaiabe



Fonte: Bem Paraná. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/cultura/morre-joao-acaiabe-o-tio-barnabe-do-sitio-do-picapau-amarelo-vitima-da-covid-309>. Acesso em: 18 jun. 2024.

⁶⁴ Exemplos colhidos dos artigos de (Souza Rolf, 2009; 2014) e do curso “Sobre Homens e Negros: Masculinidades, Estereótipos e Subversões”, em que o professor Dr. Henrique Restier da Costa Souza destacou diversos deles, enfatizando a importância de utilizar exemplos de várias manifestações artísticas para dialogar com as pessoas de fora do campo universitário. Assim, tanto a linguagem acessível quanto os exemplos apresentados nesta dissertação buscam facilitar a compreensão do poder das representações.

3. **Negro alcoólatra, pai ausente, covarde e violento:** personagem Cigano da novela *Senhora do Destino*.



Fonte: Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=BTvgqX76Eco>. Acesso em 18 jun. 2024.

4. **Negão mulherengo** pode ser percebido no personagem Florisval, interpretado por Ailton Graça na novela *Totalmente Demais*.



Fonte: Folha UOL. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/televisao/2020/07/ailton-graca-diz-que-florisval-de-totalmente-demais-e-um-parceiro-toxico-com-maristela.shtml>. Acesso em 18 jun. 2024.

5. **Hipersexualização do homem negro:** no filme “As Branqueiras” (2004), o personagem Latrell, interpretado por Terry Crews, é retratado de forma exagerada, a ponto de deixar as pessoas com quem se relaciona sexualmente em cadeiras de rodas.



Fonte: Entretenimento Uol. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/07/02/terry-crews-diz-que-as-branqueiras-deve-ganhar-sequencia-estou-esperando-ha-15-anos.htm>. Acesso em 18 jun. 2024.

6. **Bicha preta como caricata:** a personagem Vera Verão, interpretada pelo humorista Jorge Lafond.



Fonte: ContilNet Notícias. Disponível em: <https://contilnetnoticias.com.br/2021/01/ha-18-anos-moria-jorge-lafond-interprete-da-vera-verao>. Acesso em 18 jun. 2024.

7. **Homens negros como estupradores** são representações frequentes nos romances de Nelson Rodrigues (1912-1980):
- a) O anjo negro (1946);
 - b) Bonitinha, mas ordinária (1981).
8. Músicas também constroem estereótipos, veja os exemplos:
- a) *Agora eu sou solteira*, de Gaiola das Popozudas:
 “Eu vou pro baile procurar o meu negão”, apresenta o estereótipo do **Negão** (homem negro hiperssexualizado). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gaiola-das-popozudas/1078678>. Acesso em: 18 jun. 2024.

- b) *A loirinha, o playboy e o negão*, de Kelly Key:
“Geral tava olhando a loirinha com o negão”; “Meu preto é cem por cento e me coloca pra chorar”; “Ele é escuro sim um tremendo negão, mas não lhe falta educação e respeito”. Apresenta uma certa exotificação da relação interracial e o reforço do estereótipo do **Negão** (hiperssexualizado). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/kelly-key/78384>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- c) *Carro Velho*, de Ivete Sangalo: “quero meu negão do lado”, há o reforço do estereótipo do **Negão**.
Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ivete-sangalo/85303>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- d) *Vira-Vira*, do grupo Mamonas Assassinas: “uma teta minha um negão arrancou”, reforça o estereótipo do **Negão**, em que homens negros são vistos como agressivos e sexualmente dominantes. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mamonas-assassinas/24141>. Acesso em: 18 jun. 2024.